

Defesa Nacional

JUNHO
1947

NÚMERO
397

Coronel RENATO BATISTA NUNES
Coronel ARMANDO VILANOVA P. DE VASCONCELOS
Ten. Cel. JOSE HORACIO C. GARCIA
Capitão OCTAVIO ALVES VELHO
Capitão I. E. JOAO CAPISTRANO

RIO DE JANEIRO

B R A S I L

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 Outubro de 1913

Ano XXXIV

Brasil — Rio de Janeiro, Junho de 1947

N. 397

SUMARIO

	Págs.
Editorial	3
A Batalha do Riachuelo — <i>Cap. Walter dos Santos</i>	13
O Regimento de Infantaria no combate — <i>Ten. Cel. S. B. de Matos</i>	19
Normas Gerais de ação	39
Nova evolução da D. I. Americano — <i>Major Paulo de Queiroz Duarte</i>	71
Introdução ao Curso de Cavalaria — <i>Major Arold Ramos de Castro</i>	79
Apreciação do Terreno — <i>Major Tácito Livio Reis de Freitas</i>	91
Viveres e Rações na Campanha da Itália — <i>Cap. Francisco Ruas Santos</i>	107
Para os Tenentes da Cavalaria — <i>Tenente Coronel J. H. Garcia</i>	117
Questionário do Rádio-telegrafista — <i>1.º Ten. Jackson Pitombo Cavalcanti</i>	121
Reservas de Guerra — <i>Trad. do Major Joaquim Gomes</i>	139
Orientação dos Estudos da Escola do Estado Maior do Exército General — <i>T. A. Araripe</i>	151
Valor e Construção das Forças Morais — <i>Cap. José Codeceira Lopes</i>	165
Porque Vencemos — <i>Cap. Manoel Tomaz Castelo Branco</i>	171
A Imprensa e a Opinião Pública — <i>Arnaldo Gonçalves Pires</i>	175
Golpe de Vista sobre a Posição Geográfica do Brasil — <i>Tenente Coronel Adalardo Fialho</i>	177
O Avanço Através o Passo de Calais até Antuérpia e o Reno — <i>Tra- dução do Cap. Otávio Alves Velho</i>	193
Boletim	211
Livros Novos	213

EDITORIAL

A nova Lei do Serviço Militar, baixada com o decreto-lei n.º 9.500, de 25/6/46, teve sua estréia no corrente ano, com os inconvenientes de ter modificado radicalmente o sistema até então vigente, sem preparar a transição necessária que se impõe pela carência do respectivo regulamento e o aparelhamento dos órgãos executivos.

Ela trouxe uma série de inovações que oferecem vantagens incontestes, mas acarreta no estado atual das coisas, inconvenientes não menos ponderáveis.

Seja como fôr marca um lance à frente no sentido da evolução.

Mantendo a obrigatoriedade da prestação do serviço para todos os jovens patricios, ampliou seu campo, baixando o limite inicial de idade para 18 anos e buscou, embora de modo imperfeito, aplicar o princípio do recrutamento selecionado, procurando incorporar os conscritos, mediante a preferência pelos alfabetizados e fisicamente sãos.

Aboliu definitivamente o sorteio militar que, de qualquer forma, permitia um critério mais pessoal para a incorporação do Contingente reduzido de acôrdo com o número de claros.

A convocação agora é em massa e automática, cabendo às comissões de incorporação completar a seleção feita nos postos de recepção regionais.

Para orientar esse serviço, instituiu o alistamento compulsório para todos os cidadãos a partir dos 17 anos, centralizando os trabalhos de recrutamento nas C.R., que são regionais, mas não subordina os órgãos alistadores dos 3 Ministérios a uma repartição central, única, como seria necessário para a coordenação e controle essencial, em matéria de tanta relevância. Parece-nos que nisso está um grande mal.

Pelo princípio clássico de organização militar de que — o principal cliente deve ser o responsável pelo funcionamento do conjunto de qualquer serviço — parece-nos que se devia subordinar os serviços de alistamento e revisão dos 3 Ministérios, às C.R., cujas normas de ação seriam traçadas pelas Diretorias de Recrutamento, Departamento do Pessoal da Armada e Diretoria Geral do Pessoal da Aeronáutica, definindo as respectivas necessidades anuais.

Para tanto, basta adaptar a divisão territorial para fins de recrutamento e organizar os serviços com os meios necessários que podem ser associados e se completarem, mormente no que diz respeito às juntas de inspeção de saúde. De conformidade com o § 5.º do art. 17, do decreto citado, pensamos que este é o espírito da lei quando outorga aos 3 Ministros Militares a faculdade de declarar

alistadores quaisquer outros órgãos se os interesses do recrutamento exigirem.

Quais são êsses interesses?

Os da seleção pela saúde, pelas profissões, pelas aptidões, pela capacidade intelectual, pela condição social, etc.

Ora, sabemos que a nossa deficiente organização e a impreparação dos funcionários, ficará atenuada se contarem com um só órgão responsável pela direção da execução para lhes disciplinar a ação e poder assegurar a cooperação. O meio naturalmente indicado seria a constituição das C.R., com elementos dos 3 Ministérios, pelo menos nas Regiões territoriais de interesse comum. As Juntas de Saúde poderiam ser obtidas com o concurso dos Serviços de Saúde dos 3 Ministérios, acrescidos pelo pessoal médico das Forças Policiais Militares, da Saúde Pública e assistenciais de entidades públicas, a quem se devia interessar o recrutamento.

Para o selecionamento de aptidões, profissões, capacidade intelectual, etc., poderia ensaiar-se a participação de mestres e professores especialmente designados.

Dêsse verdadeiro recenseamento anual, porque não participar também o serviço especializado por intermédio do I.B.G.E.?

Os registros civis, precários como são, em particular entre nós, deveriam concorrer também como o fazem, mas sob controle técnico.

Tôdas essas considerações acham-se condensadas no Título IV, Capítulo I da lei que regula o

modo de executá-la mediante um Plano Geral de Convocação, "organizado anualmente pela Diretoria de Recrutamento (?) em coordenação com a D.P.A. e D.G.P.Ae." no qual serão, devidamente atendidas as necessidades de incorporação em 3 épocas sucessivas correspondentes às 3 zonas de recrutamento, através as necessidades indicadas pelos 3 Ministros Militares.

Nesse particular a lei precisa encarar com especial cuidado as diversas outras necessidades, dentro das prescrições do art. 37 porque implica em isenções que não parecem justas dado o papel educacional do Exército no plano de povoamento e formação da consciência nacional.

Parece paradoxal que, onde não haja densidade de população, por força da deficiência de comunicações e de ambiente e recursos de toda ordem, é que se preferia isentar sumariamente os cidadãos em idade militar, conhecidos como são os males de uma colonização à "mão livre" e desordenada que gerou os chamados quistos, ainda existentes no nosso interior como fatores negativos de nacionalização.

Os Tiros de Guerra nos núcleos coloniais, ou colônias e a formação de unidades de trabalhadores especiais, agrícolas, sapadores, especialistas de todo o gênero, etc., previstas no espírito dos decretos-leis: n.º 1.351 de 16/6/39; 2.009 de 9/2/40. 2.681 de 7/4/40; 3.059 de 14/2/41 e 3.266 de

12/5/41, poderiam resolver satisfatoriamente o problema da produção e povoamento sob a administração dos Ministérios interessados, que durante um ano poderiam orientar e educar os homens que por êle passassem para, uma vez licenciados, poderem constituir os núcleos dos respectivos serviços assistenciais. Quanto às unidades rodoviárias, as Comissões de Construção do Ex. poderiam orientar a organização e incorporação, renováveis seus efetivos na base razoável de 50%.

Essas unidades poderiam constituir grupos volantes devidamente equipados, de acôrdo com um plano pré-estabelecido. Os reservistas poderiam permanecer nas regiões de residência e constituir elementos mais eficientes para a sistematização dos serviços criados, seja oficiais, seja particulares, no regime do cooperativismo.

Mas êste não é o ponto essencial, para a experiência do 1.^o ano de aplicação.

No corrente ano incorporaram-se moços estudantes matriculados no 2.^o ano científico ou clássico, dentro do critério da seleção pelos alfabetizados e dificultou-se a vida de grande número de rapazes estudantes por efeito do art. 56, da lei, que por terem 20 anos completos, não podem obter a dispensa da incorporação. Resultado, tornam-se reservistas de 1.^a categoria, candidatos a cabo ou sargento. Se ingressarem na vida acadêmica poderão matricular-se no C.P.O.R. e tornarem-se oficiais de reserva. Caso contrário, permanecerão em suas atividades civis, como simples soldados, por-

que não se engajando, dificilmente se habilitarão com o C.C.S.

Pelo regulamento dos C.P.O.R. os candidatos sargentos do Exército ou da reserva poderão matricular-se no 2.^o ano e obter seu diploma de oficial em apenas 1 ano. Mas, na categoria de candidatos voluntários, a tendência é para lhes dificultar ou impedir o ingresso por falta de vagas nos C.P.O.R. pois a perspectiva, com a obrigatoriedade imposta, é para a saturação das vagas com os moços convocados, mormente com 2 classes simultaneamente convocadas.

A solução mais racional seria a criação dos centros de formação de reservistas que devem absorver essa gente visando especialmente a formação de sargentos e graduados especialistas, mantendo-se nas unidades do Exército apenas os cursos de candidatos a sargentos e graduados de fileira.

Essas, algumas das observações que achamos justo fazer para abrir nosso debate em torno de problema tão relevante e que é básico e essencial para a vida das nossas Forças Armadas.

Nosso objetivo principal é promover a reflexão dos estudiosos e responsáveis para conseguirmos um sistema militar aperfeiçoado e eficiente.

Que nos venham as sugestões, particularmente dos camaradas das outras R.M. afim de que possamos restabelecer a utilíssima sessão "Da Província".

Coronel A. Buchalet

"A Defesa Nacional" teve o prazer de receber a visita de cordial camaradagem do nosso distinto amigo, o Sr. Coronel A. Buchalet, digno Adido Militar à Embaixada da França no Brasil.

Filho de pai ilustre, o saudoso General Buchalet, a quem tanto deve o Exército, como fundador que foi da nossa Escola de Intendência, é um sincero continuador da obra de fraternização e de intercâmbio cultural, que tão intimamente ligou camaradas de dois Exércitos, graças à fecunda era de verdadeiro renascimento intelectual de nosso quadro de oficiais iniciada pelo eminente Mestre, o Exmo. Sr. General Gamelin, e mantida durante tantos anos por seus dignos sucessores e brilhantes auxiliares.

Não nos furtamos, portanto, ao desejo de reproduzir a carta em que o nosso prezado amigo, o Sr. Coronel Buchalet responde aos agradecimentos que lhe endereçamos quando nos enviou, como repetidamente tem feito, revistas e outras publicações militares recebidas da França, de vez que, de seus termos, bem ressalta esse espírito de afetiva camaradagem que liga os irmãos d'armas dos dois países : França e Brasil.

A DEFESA NACIONAL

AMBASSADE
DE LA
RÉPUBLIQUE FRANÇAISE
AU BRÉSIL
L'ATTACHÉ MILITAIRE

Rio de Janeiro, le 26 Mai 1947

21970
Mon cher Colonel,

J'ai reçu cette semaine votre excellente Revue du mois de Mars et j'ai eu la très agréable surprise d'y lire la citation du Colonel DUCROIX et du 2^e Régiment de Cuirassiers, ainsi que le fidèle compte rendu de la visite du Général JUIN à l'Ecole d'Etat-Major.

J'ai été particulièrement touché de l'hommage rendu à un de mes prédécesseurs et je tiens à vous dire toute ma reconnaissance pour les pensées délicates que vous avez su si magnifiquement exprimer à son sujet.

Qu'il me soit permis également de vous dire combien j'ai été ému par les marques d'amitié et de sympathique fidélité au souvenir de notre Mission Militaire, qui jalonnent le cours des commentaires que votre Revue a bien voulu consacrer à ces deux événements.

Permettez-moi, au nom de notre Armée, et en mon nom personnel, de vous exprimer ici toute notre gratitude.

Je serais fort désireux d'envoyer un exemplaire de ce numéro au Général DUCROIX à qui il procurera certainement un grand plaisir. J'aimerais également pouvoir en faire parvenir un à notre Etat-Major, afin que le Général JUIN en soit informé. Si donc, ce n'était pas trop abuser de votre extrême obligeance, je vous demanderais de bien vouloir me faire parvenir deux autres exemplaires de ce numéro.

En vous remerciant d'avance et en vous demandant de bien vouloir transmettre mon meilleur souvenir à vos éminents collaborateurs, je vous prie, mon cher Colonel, d'accepter l'expression de mes sentiments de dévouée amitié.





Major Leonardo Ribeiro

Oriundo do Colégio Militar de Porto Alegre, ingressou na Escola Militar de Realengo em 1923, sendo declarado aspirante em 1926; portador do Curso de Estado Maior, era presentemente professor na Escola de Estado Maior.

Com o falecimento dia 2 de Junho nesta capital deste nosso companheiro, perdeu o Exército um de seus grandes valores.

Sua capacidade moral irrepreensível, o equilibrava perfeitamente entre superiores, camaradas e subordinados; sua cultura profissional o colocava entre os melhores professores de nossa principal Escola.

A cavalaria perde um de seus melhores oficiais e hoje, temos certeza, em todos seus arraiais, este fato lutooso é comentado com grande magoa e assombro dadas as circunstâncias em que ocorreu.

Ainda nos são aos ouvidos a frase de um companheiro comentando com tristeza o acontecido: "**O Ribeiro morreu na pista**", sim, morreu na mesa de trabalho, morreu quase deante de seus alunos, morreu como talvez intimamente desejasse morrer.

Registrando este triste acontecimento a **Defesa Nacional**, contando em sua própria carne, presta esta última homenagem a um **digno militar, companheiro exemplar, e ótimo chefe de família**.

A sua solada esposa e filhos apresentamos nossas sentidas condolências.

Aos nossos assinantes do Norte

Continuando a esforçar-nos no sentido de encurtar o mais possível as demoras no transporte das nossas revistas destinadas aos assinantes do norte do país, temos o prazer de comunicar-lhes que, graças ao valioso apoio e cooperação do Exmo Snr. Tenente Brigadeiro Eduardo Gomes, D. Diretor de Rótas Aéreas, a distribuição de "A Defesa Nacional" pelos Estados do norte se fará, de ora em diante, pelo Correio Aéreo Militar.

Renovamos aqui os efusivos agradecimentos, que já endereçamos em carta, ao chefe ilustre e prezado Camarada.

A DIRETORIA.

Retificação

No número de Março desta REVISTA, faça-se a seguinte retificação:

CÓDIGO TELEGRÁFICO INTERNACIONAL DE MORSE (página 487)

LETRAS

.
. .
. .
. .
. .

é .. — ... em vez de .. — . — que se lê aõ.

Em 19.V.1947.

A batalha do Riachuelo

FONTES DE CONSULTA

(Poligrafos de H. Militar — E. M. — 1939

(A Batalha do Riachuelo — Visc. de Ouro Preto — in Vida Militar — Agosto 1936.

Fógos apagados, em linha de combate junto á margem direita do Rio Paraná, logo abaixo da ilha de Méra e em frente á Ponta Corrientes, as nove canhoneiras das 2as. e 3as. Divisões Navais do Brasil, sob o comando do Almirante Barroso, haviam fundeado. As ancóras firmavam-nas no leito do rio, impedindo que a correnteza as levasse.

Além da maruja normal, achava-se embarcada a 9ª. Brigada de Infantaria.

Amanhecia radioso o dia 11 de Junho de 1865, domingo da Santissima Trindade. O sól surgia por trás das árvores gigantes que se viam na margem esquerda do rio, contrastando com a vegetação típica do chaco, aparecendo na direita, projetando sobre grande parte das águas uma sombra fantástica. Não se podia prever o que iria acontecer naquele dia! Cêrca de 5 quilômetros a vasante, na parte do rio em que deságua o Riachuelo, as linhas Palomera, Cabral e várias outras apértam-no; deixando sómente um canal livre para a navegação. Este é entrevado pelos bancos de areia que aí existem, o que vem dificultar a navegação.

Tocou alvoráda a bórdo da Esquadra. Iniciaram-se os trabalhos. Terminada a baldeação, parte das guarnições desceu á Terra afim-de cortar lenha para suprir a falta de carvão. E nesses serviços, ia-se escoando a manhã.

Os homens que não se achavam em serviço descansavam. Os vigias, entretanto, permaneciam atentos. Cêrca de 9 horas

aparece no rio, a jusante da Esquadra, uma nuvenzinha de fumo, depois, outra, mais outra, até completar 8. Imediatamente após a primeira nuvem de fumo ouve-se o brado do vigia: Navio á vista!; seguido logo depois dêste outro: Esquadra inimiga á vista!

Cornetas, clarins e tambôres sôam em todos os navios, chamando nossos marujos e soldados aos postos de combate. Todos correm! Ninguém quer ser o último a ocupar seu lugar!... Acendem-se os fôgos! Trabalha-se herculeamente nas fornalhas para dar pressão necessária ás caldeiras. Dentro em pouco, no máximo 15 minutos, as duas esquadras se cruzarão! Todos os brasileiros que lá se acham estão contentes com o encontro. E finalmente chegou o momento de decidir-se a supremacia naval entre os inimigos e cada militar quer participar honrosamente daquele dia de glória que antecipadamente já sabem que a Pátria terá. Todos conhecem o marinheiro que os comanda: — Barroso!. Por fortuna, é dado ao Exército participar também da glória da Marinha, pois os oficiais e soldados da 9ª. Brigada de Infantaria ali se achavam presentes e ombreariam com os marujos na luta, realizando atos realmente heroicos e dignos de serem revividos.

Quasi metade das guarnições achava-se em terra. Não fazia mal. A fibra, a bravura e o denodo dos que tinham embarcado supriria a falta dos que não puderam embarcar!

Não eram ainda decorridos os 15 minutos e já nossos navios acham-se aprestados para a batalha.

Os canhões apontados, a munição empilhada no convez, os atiradores nas gáveas dos mastros e os contingentes do Exército formados junto ás armaduras prontos para evitar qualquer tentativa de abordagem.

Barroso tem sob suas ordens, ao todo, cêrca de 2300 homens, dos quais 1.100 de tripulação e 1.200 da 9ª. Brigada. A artilharia soma 63 canhões. Quando cruzaram, as duas esquadras salvaram-se mutuamente, cada uma despejando toda a bordada de seus canhões, num prelúdio que não previa a luta épica que dentro em pouco iria se ferir.

Pudemos então avaliar a fôrça do inimigo. Compunha-se de 8 navios rebocando 6 chatas artilhadas, trazendo cada uma, uma bateria de peças de 68 a 80. Carregam esses navios no bojo, o 6º Batalhão de Infantaria, o mais aguerrido do Para-

guai e cujos soldados foram escolhidos a dedo pelo ditador Lopez. Ao embarcarem, dirigira-lhes Lopes a palavra, pedindo que não matassem todos os brasileiros, afim de levar-lhes alguns como prisioneiros.

Passando pelos nossos navios, Meza, Comandante Paraguaio, continua descendo o rio até a Ponta Santa Catarina, onde, virando de bordo fica em expectativa. Dispõe o capitânea e navio testa, o Taquari, na embocadura do Riachuelo. O Paraguari, Igurei, Ipora, Marques de Olinda — que nos fora aprisionado — Jejui, Salto Oriental e Pirabebé o seguem nessa ordem.

Ao comando de Barroso nossa esquadra manobra para descer o rio até haver largura em que pudessem dar a volta, prolongar-se com o inimigo e batê-lo. Sai na testa a Belmonte, seguida da Jequitinhonha, Amazonas — navio capitânea — Beberibe, Iguatemi, Mearim, Araguari, Ipiranga e Parnaíba.

Quando a Belmonte atinge o canal entre a ilha Palomera e o Riachuelo, rompe da margem do rio, cerrado fogo de artilharia. Na calada da noite, na véspera, colocaram os paraguaios nas barrancas do rio, 22 peças de artilharia e 2000 infantess. Comandava-os o Major Briguez. Procuravam vencer-nos pela surpresa. Ficou nesse momento conhecido o plano de combate paraguaio. A esquadra paraguaia atrairia a nossa para o canal, quando, então, em contra marcha se lançariam contra os nossos, que ficariam sob dois fôgos.

Apanhada de surpresa a Belmonte sofre grandes avarias. Continua sua rota para o Sul e vai encalhar, para não ir ao fundo, nos baixios da ilha Cabral.

A Jequitinhonha que vinha logo atrás manobrou para responder ao fogo de terra e encalhou. Barroso, vendo o perigo que corria a Belmonte, avançou com a Amazonas, dando ordem para que os outros navios seguissem na sua esteira. Fica então a Jequitinhonha sozinha sob o fogo das peças de Briguez! Imovel, ela trava desesperada luta contra a Bateria de terra e três navios que tentam abordá-la. Despedaça-se o navio sob o fogo dos canhões paraguaios, rareia a tripulação dizimada pela metralha, caem mastros, porém suas oito peças só ao cair da tarde deixam de atirar, depois de calados os fôgos inimigos!

Repetindo contra vários navios a tentativa da abordagem, expressamente ordenada por Lopes, os paraguaios, afinal, con-

seguem obtê-la na Parnaíba, que vinha em último lugar e achava-se com o leme avariado. E atacada pelo Taquari, Paraguarí e Salto. Seu comandante arremete-a contra a Paraguarí, desbarvorando-a e obrigando-a a encalhar. Ao Taquari e ao Salto — que conseguem abordá-la, junta-se o Marquês de Olinda. Sua guarnição peleja como leão, escrevendo, a sangue, uma das mais gloriosas páginas da história do Brasil. Sómente homens na mais completa acepção do termo, homens de brio, de coragem e de moral, homens disciplinados poderiam ser atores naquele teatro! Trava-se, corpo a corpo, medonho combate, ou antes horrorosa carnificina. Qualquer um dos que se encontravam bordo do Parnaíba pode ser citado aos pósteros com exemplo de herói. Greenalgh, jovem guarda-marinha de menos de 20 anos, intimado por um oficial paraguaio para arriar a bandeira responde-lhe com um tiro, mas perece por sua vez aos golpes da horda que o cerca.

Pedro Afonso e Maia conquistam imorredoura glória para o Exército, batendo-se a ferro frio e sucumbindo depois de completamente multilados. Maia, tendo já decepada a mão direita apanha a espada com a esquerda e faz frente ao inimigo.

Marcilio Dias, simples marinheiro, eterniza seu nome, pelejando a sabre com quatro paraguaios, dois dos quais rolam a seus pés; vacila e cai, crivado de feridas, aos ferozes golpes dos outros dois. A guarnição dizimada retira-se para a proa, continuando a resistir. Na iminência de sucumbir, o Comandante Sá, da Parnaíba, ordena a explosão do navio, oferecendo-se para cumprir a missão o escrevente de bordo José Corrêa da Silva.

Eis senão quando acode Barroso com a capitânea e mais cinco navios que, tendo socorrido a Belmonte vinham auxiliar a Parnaíba e a Jequitinhonha! Compreendem os abordantes o perigo que os ameaça. Largam o costado da Parnaíba, deixando os que combatiam no convez. Os brasileiros contra-atacam e aqueles que não pulam nagua são mortos à baioneta. A Parnaíba vencera. Nossa bandeira, que por momentos fôra arriada, de novo tremula na popa da canhoneira.

Entretanto a luta continua feróz, e a vitória ainda se acha indecisa. Os paraguaios pelejam com uma coragem só excedida pela coragem dos nossos. Não é só o desprezo da morte que ostentam, se não o desejo de conseguí-la como heróis.

A batalha está no auge. Eis quando surge na mente de Barroso a tremenda concepção que vai pôr "glorioso termo à porfiada luta". Vai transformar seu navio em ariete, arremessá-lo contra os navios inimigos, espicaçando-os, esmigalhando-os, pondo-os ao fundo. Ouçamos suas próprias palavras: "Subi, e minha resolução foi acabar de uma vez, toda a esquadra paraguaia o que teria conseguido, si os quatro vapôres inimigos, que estavam para cima não tivessem fugido. Pús a prôa sôbre o 1º e o esmigalhei, ficando completamente inutilizado, com agua aberta e indo pouco depois a pique. Segui a mesma manobra com o 2º que era o Marquéz de Olinda, inutilizei-o, e depois o 3º, que era o Salto, o qual ficou no mesmo estado. Os quatro restantes, vendo a manobra que eu praticava e que me dispunham a fazer-lhes o mesmo tratam de fugir rio acima. Depois de destruir o 3º vapôr, pús a prôa em uma das canhoneiras flutuantes a qual com o choque e um tiro foi ao fundo. Exmo. Sr. Almirante, todas estas manobras eram feitas sob o fogo mais vivo, quer dos navios e chatas, quer da artilharia de terra e mosquetaria de mil espingardas. A minha intenção era destruir por esta forma toda a esquadra paraguaia, antes que descesse ou subisse, era porque, necessariamente, mais tarde ou mais cedo, tinhamos de encalhar, por ser naquela localidade muito estreito o canal. Concluida esta faina, tratei de tomar as chatas, que ao aproximar-se eram abandonadas, saltando as guarnições ao rio e nadando para terra, que ficava próxima".

Custou-nos tão assinalado triunfo, mais de 200 homens entre mortos, feridos e extraviados, enquanto o inimigo perdeu mais de 1000 homens, 4 vapôres e 6 baterias flutuantes.

Terminada a batalha, ao recolher-se ao seu camarote, Barroso, tirando do bolso um crucifixo, rendeu graças a Deus por ter podido com seus companheiros "CUMPRIR O SEU DEVER E DAR MAIS UM DIA DE GLÓRIA AO BRASIL".

No seu relatório, disse: "qualquer preferência que o Governo faça, virá descontentar, pois todos executaram perfeitamente as ordens e os sinais que foram feitos, principalmente o do início:

"O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMpra O SEU DEVER".

Walter dos Santos
Cap. de Artilharia

"Nada mais dispendioso do que um exército deficiente. Organizar um exército para ser derrotado por outro é, na minha opinião, consumir dinheiro. A guerra moderna não admite mais derrotas gloriosas e, se o exército for sempre vencido, pagaremos um milhão de dólares para cada milhão economizado em sua inadequada preparação".

* * *

"A autoridade que pratica a justiça cria o respeito e a obediência; o ataque ao direito cria a resistência e desobriga o dever".

Gen. OSÓRIO

* * *

"A preparação das forças das diversas armas deve corresponder à natureza da guerra e aos meios de que dispõe o inimigo".

Gen. OSÓRIO

*

O Regimento de Infantaria no Combate

Ten. Cel. J.B. de MATTOS

O COMBATE OFENSIVO

III — O TERRENO

Do estudo feito precedentemente, conclue-se que a *escolha da posição de resistência, a fixação no terreno da zona onde deve ser colocada a barragem geral, tomam uma importância capital* nas disposições a adotar pelo Comando.

Trata-se, pois, agora, de determinar quais são as condições do terreno mais favoráveis ao estabelecimento dum sistema defensivo baseado na exploração máxima dos fogos, e de vêr como o defensor pode explorar todos os recursos que oferece o terreno escolhido e mesmo aumentar seu valor defensivo por preparo raciocinado e metódico.

1. — ONDE COLOCAR A BARRAGEM GERAL?

a) — O defensor deverá esforçar-se por colocá-la de tal modo que a maioria das armas da defesa possam atirar na zona do terreno destinada à barragem uma vez que, em princípio, a *barragem geral deve ser constituída por todos os fogos da defesa.*

2. — ONDE COLOCAR A P.R.? INFLUÊNCIA DA COMPARTIMENTAÇÃO DO TERRENO EM PROFUNDIDADE, NO QUE SE REFERE À AÇÃO DO DEFENSOR

A escolha da P.R. decorre diretamente da escolha da zona do terreno na qual se quer crear a barragem geral. Neste particular, podemos concluir que a P.R. estará bem colocada:

— quando a barragem geral, sendo suficientemente profunda, a orla exterior desta posição ficar encoberta às vistas longinquoas do inimigo e der ao defensor a possibilidade de efetuar numerosos tiros de flaqueamento e fogos razantes;

— quando sua *parte à retaguarda*, distendendo-se em profundidade, lhe permitir cedo entrar a ação inimiga e mesmo dissociá-la antes que o assaltante tenha ultrapassado ou atingido a barragem geral; de participar, em seguida, na criação desta barragem e na das interiores, encarregadas eventualmente de substituir a primeira, se forçada.

Deve portanto o defensor esforçar-se por colocar em *profundidade* toda a P.R. num mesmo *compartimento do terreno*, sendo que este será tanto mais favorável à defesa quanto sua profundidade, contada desde o limite posterior do compartimento à orla exterior da barragem geral, corresponder bem ao alcance das armas automáticas da infantaria.

3. — INFLUÊNCIA DA COMPARTIMENTAÇÃO DO TERRENO EM LARGURA, NO QUE SE REFERE À AÇÃO DO DEFENSOR.

Vimos que a criação da barragem geral era garantida por uma *combinação de fogos*. Ora esta combinação de fogos só é possível, com as armas automáticas e em tiro direto, no interior do mesmo compartimento do terreno. Num terreno muito cortado, no qual os compartimentos parciais são muito numerosos, a ação do defensor será enfraquecida, porque em igualdade de condições, as combinações de fogos serão muito reduzidas.

Por outro lado, para que estas combinações de fogos sejam bem reguladas é necessário que sejam *fixadas por um mesmo Chefe*, o que impõe por conseguinte, todas as vezes que for possível, a atribuição, a um mesmo Comando, do conjunto dum mesmo compartimento do terreno. Todas as vezes que a largura do compartimento do terreno obrigar

sua distribuição duas unidades diferentes é ao chefe comum que incumbe a obrigação de garantir a necessária coordenação e para qual deverá consagrar tôdas as atenções.

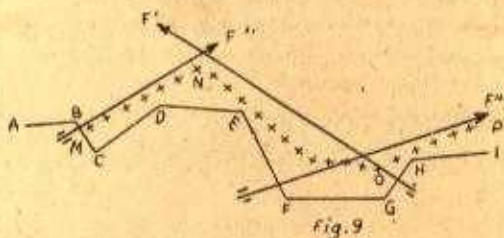
Vê-se pois, desde já, a vantagem que tem o defensor em fixar os limites do compartimento do terreno com limite entre as unidades, tôdas as vezes que a largura do compartimento do terreno da posição de resistência corresponder aproximadamente às possibilidades das unidades interessadas.

4. — UTILIZAÇÃO OU CREAÇÃO DO OBSTÁCULO —

O terreno comporta geralmente certo número de obstáculos naturais suscetíveis de embaraçar o movimento do assaltante — arroios, rios mais ou menos largos e profundos, pantanos, localidades, besques, etc.. — Quando o valor passivo desses obstáculos se acha reforçado pelo valor ativo do fogo, podem êles adquirir considerável importância, tanto maior quanto mais capazes forem de imobilizar ou retardar o assaltante sob o fogo.

Deve pois o defensor adaptar seus fogos aos obstáculos existentes e se estes não existirem, constituir os mais rapidamente possível.

A experiência da 1.^a guerra mundial mostrou que os melhores obstáculos artificiais contra a infantaria eram os constituídos de rês de arame, quando bem batidos pelos fogos flancueantes da defesa (Fig 9).



Seja A B C D E F G H I (Fig 9), o traçado da L. P. R. e F' F'' F''' os fogos de flancueamento desta linha; os obstáculos e criar pelo defensor serão colocados segundo a linha M N O P, de maneira a serem perfeitamente flancueados pelos fogos F' F'' F'''. Vê-se que a linha de obstáculos não é paralela a linha que tem de cobrir. Não deve também ser inteiramente paralela a direção dos tiros de flancueamento porque facilitará ao inimigo a descoberta da arma que os fornece. O mesmo princípio regula a constituição dos obstáculos no interior da posição.

A ausência de paralelismo entre a linha de obstáculos e a que êles cobrem, é vantajosa para o defensor, porque dificulta a destruição

do obstáculo pela artilharia do atacante, e é difícil, com efeito, esconder a colocação da L.P.R. às vistas do adversário como se verá mais adiante, e muitas vezes possível, pelo contrário, por meio de rédes baixas, mascarar o obstáculo. Se o inimigo conseguir descobrir certas partes visíveis, do mesmo, isto não será bastante, para, reduzindo por comparação a L.P.R., determinar a posição das partes ocultas.

Após a aparição dos carros blindados no campo de batalha, o obstáculo artificial constituído pela rede de arame mostrou-se insufficiente, obrigando assim a colocar a P.R., que deve ser mantida a todo custo, *a retaguarda dum obstáculo intransponível pelos carros — rio sufficientemente profundo e com margens escarpadas, região pantanosa, canal, etc.*

Na falta dum obstáculo natural continuo, será necessário, em todo caso, ancorar a posição de resistência em obstáculos descontínuos tais como *localidades, bosques, pedreiras, etc.*. Deste modo, crear-se-á um certo número de corredores favoráveis aos carros que poderão ser interditados com minas e engenhos contra carros, suscetíveis de destrui-los.

Quando os obstáculos naturais não *existirem* será necessário creal-os sob a forma de sapas com flancos abertos, *não trepidando* as unidades de infantaria em se dirigirem aos seus superiores immediatos para lhe solicitar reforço em engenhos contra carros e as minas necessários para guarnecer os pontos mais vulneráveis da posição.

A barragem contra-carros principal, similantemente à das armas automaticas e artilharia, deve ser continua e profunda.

A experiência da 2.^a guerra Mundial evidenciou a eficiência das minas contra pessoal e contra carros como obstáculos.

5. — PROTEÇÃO DOS ORGÃOS DE FOGO PELO TERRENO SINTESE DUM PROCESSO DE ESTUDO DO TERRENO.

No Capítulo "Fogos" ficou assentado que a manutenção da barragem geral devia ser, no decorrer do combate, a preocupação constante do defensor. Ora, o melhor meio de manter esta barragem, malgrado o inimigo, é subtrair os meios de fogo à ação destruidora do assaltante, assegurando-lhe desde o início a proteção máxima.

O aproveitamento do terreno a fundo é ainda o processo de proteção mais simples, mais seguro e mais facilmente realizável. O terreno é um tirano cujo despotismo é ao mesmo tempo benéfico e maléfico. Sua tirania se impõe tanto ao assaltante quanto ao defensor. Como o defensor tem quasi sempre a liberdade de escolha do terreno onde quer se bater, cabe-lhe explorar ao máximo, dum parte as facilidades que o terreno oferece ao seu próprio tiro, doutra as possibilidades ou as dificuldades que crea ao tiro ofensivo do adversário que se procura iludir.

Este aproveitamento, porém, para ser verossímil implica num *estado objetivo* do terreno feito do *quadro da situação tática* em curso e em função dos quatro elementos constitutivos da defensiva:

- o *fogo*, que detem o inimigo;
- o *obstáculo*, natural ou artificial, que detem ou atraza os engenhos blindados;
- a *observação*, que permite estar informado a respeito da atividade do adversário e desencadear a tempo os fogos;
- as *comunicações desenhadas*, que permitem, mesmo em pleno dia, manter o combate em sua forma estática (munições, reforços) e desencadear contra-ataques. Primeiramente, procura-se adquirir uma *visão de conjunto* da zona a defender, depois entra-se nos pormenores.

Mais vale para uma metralhadora ficar ignorada numa cratera de obús, em pleno campo, ou numa insignificante moita do que ser assinalada em um espaldão de cimento. A experiência da guerra ensinou aos metralhadores que fugissem das organizações escritas no solo, um entrançamento mal feito, como também dos pontos facilmente assinaláveis no terreno, sob os quais tivessem todas as possibilidades de serem apanhados pelo tiro do assaltante para aí dirigido.

A *organização do terreno* que tem por fim fortalecer a posição defensiva, compreende em resumo:

- limpeza dos campos de tiro
- construção de fortificações de campanha
- organização do disfarce

A ordem na qual essas ações devem ser executadas, é expressa em prescrições, sob a forma de prioridades. A ordem de urgência nessas obras não impede a realização de trabalhos simultâneos, em tarefas diversas. Depois de ser fixado o local das posições de combate, a ordem de urgência dos trabalhos é a seguinte:

- limpeza dos campos de tiro e de observação;
- Colocação de campos de minas contra carro e contra pessoal e execução de destruição importantes;
- estabelecimento de uma rede de transmissões e de observação;
- preparação de abrigos individuais e posições para as armas;
- preparação de obstáculos (outros que não campos de minas) e outras destruições;
- preparação de estradas e pistas para os movimentos das reservas, reaprovisionamentos e observações.

O disfarce e outras providências para a proteção, procedem ou são concorrentes com os trabalhos, bem como a construção de obras falsas.

O plano de comandante do regimento, inclui, em complemento às zonas de responsabilidades das unidades subordinadas, o seguinte:

- distribuição de ferramentas e materiais;
- prioridade especiais de construção;
 - repartição das missões de construção, fora das zonas de defesa das unidades subordinadas;
 - missões de construção para a reserva do regimento;
 - missões para as unidades de engenharia à disposição

IV — AS POSSIBILIDADES DAS TROPAS

1. — FRENTE DE AÇÃO DAS UNIDADES

Determinar a largura dessas partes elementares da posição chamadas pontos de apoio ou centros de resistência, é o mesmo que fixar a frente de ação das unidades encarregadas da defesa da posição.

A determinação da frente a atribuir a uma unidade de infantaria em 1.º escalão é baseada preliminarmente na quantidade de fogos que esta unidade deve fornecer para realizar o sistema de fogo previsto.

O terreno evidentemente desempenha aqui um papel essencial em razão das facilidades, maiores ou menores, que oferece ao emprego dos fogos.

A situação do inimigo igualmente desempenha papel importante. É evidente que se o inimigo fôr fraco e pobre em artilharia, não haverá necessidade, para detê-lo, de constituir uma barragem geral tão poderosa e barragens interiores tão numerosas como aconteceria se fosse ele forte e rico em artilharia.

Outro elemento a considerar é a *missão da unidade* — missão simplesmente retardadora ou de defesa a todo custo.

Convém não esquecer porém que, mesmo num terreno de vistas longínquas, a extensão exagerada das frentes torna impossível o *exercício do comando* já por si difícil nos momentos de crise, sob o bombardeio, no meio da fumaça e dos gases.

Se, por outro lado, leva-se em consideração o que foi dito anteriormente no pertinente à necessidade de manter a continuidade da defesa, pode-se concluir que a frente de ação duma unidade não pode exceder certos limites bem fixados.

Na defensiva sem idéia do recuo, a frente normal do batalhão na posição de resistência é aproximadamente de 1.000 e mesmo 2.000 metros em terrenos favoráveis.

Em terrenos médios, se se quizer obter uma densidade de fogo suficiente, evitar as infiltrações do inimigo, ter um certo escalonamento em profundidade, constituir pequenas reservas, será prudente aproximar-se o mais possível do limite inferior acima citado e não exceder, para um batalhão na P.R., uma frente de 1.000 metros.

Nessas condições, um regimento de infantaria com dois batalhões em 1.º escalão, ocupará uma frente máxima de 2.000 metros.

Num terreno plano e descoberto a frente pode ir a 2.500 metros. Excepcionalmente, onde a defesa apoia-se em obstáculos, tais como pantanos, cursos d'agua, impedindo a possibilidade de ataque em força contra a referida zona, a frente não deve exceder de 3.500 metros.

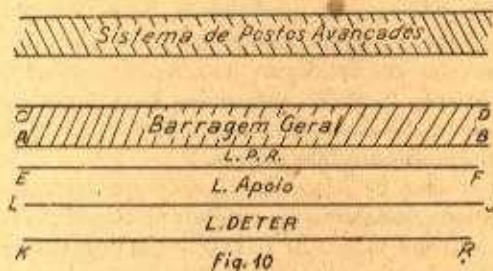
Já se viu, precedentemente, que a compartimentação do terreno influirá de modo considerável na organização, da defesa: todas as vezes que for possível, a frente de ação de uma unidade deverá corresponder à largura total dum compartimento do terreno.

2. — PROFUNDIDADE DO DISPOSITIVO DE INFANTARIA

Para fixar esta profundidade com conhecimento de causa, será preciso ter em vista as conclusões a que se chegou quando do estudo dos "FOGOS".

A posição de resistência geralmente coberta por um sistema de postos avançados, compreende um certo número de linhas sucesivas na frente das quais se prevêem as barragens e cortinas secundárias suscetíveis de substituir a barragem geral, se necessária (Fig. 10).

A linha A B é a *linha principal de resistência*, nela se acham instaladas as armas encarregadas de efetuar os fogos de flanqueamento e os fogos destinados à proteção destas.



A linha E F é denominada *linha de apoio*: as armas nela instaladas contribuem, quanto as precedentes, para a criação da barragem geral, mas devem também poder crear uma barragem secundária de fogo na frente da linha de apoio.

É na zona compreendida entre L P e a linha de apoio que combatem as companhias em 1.º escalão.

É na linha de apoio que são instalados os escalões de apoio das companhias de 1.º escalão, e que constituem verdadeiras *reservas* à disposição dos comandantes destas companhias, capazes de executar contra ataques imediatos.

A linha I J é onde ficam as reservas do Btl., isto é, o limite posterior de zona de combate da P.R.

A linha K R é denominado *linha de deter.*

Ela constitue como já foi dito o limite posterior da P.R. É nesta linha que serão colocadas as reservas do regimento.

Quanto ao *sistema de postos avançados*: os de combate devem se encontrar a distância que permita receber o apoio da artilharia e de algumas armas pesadas da P.R.; e, *os gerais* de fôrma a obrigar a artilharia de atacante a mudança de posição para aqui sobre a P.R.

Feito o estudo acima, trata-se agora de determinar a distância que deve mediar entre as diferentes linhas da P.R. Para boa compreensão deste estudo não se deve tomar a expressão "linhas" na sua aceção restrita porque elas são verdadeiros limites anteriores de zonas que tem certa profundidade.

No *escalão companhia da L.P.R.* os pelotões em 1.^a escalão, guarnições da linha principal, têm um dispositivo pouco profundo afim de que possam fornecer, segundo o terreno, nas melhores condições, os fogos frontais da barragem geral ou excepcionalmente, os fogos de escarpa ou de flanqueamento de que acaso sejam incumbidos. Os *pelotões em apoio* (segundo escalão), guarnições da linha de apoio, constituem, em parte, a reserva do combate de companhia. As armas dos pelotões de apoio devem poder crear na frente da linha de apoio uma barragem secundária. Na missão secundária ficando porém as condições de participar, dum modo perfeito na barragem geral — missão principal; isto obriga a não as afastar muito da L.P.R. Algumas destas armas devem estar em condições de serem levadas à frente afim de substituir as armas de L.P.R. destruídas pelo fogo adverso.

Nestas condições, a distância entre a L.P.R. e a linha de apoio não ultrapassará geralmente 500 metros.

No *escalão reserva de batalhão* o problema normal será o do contra ataque, entretanto, com missão eventual concorrer para deter o inimigo que tenha ultrapassado a L.P.R., o que impõe sejam instaladas tanto quanto possível a uma distância desta linha em que, o feixe de balas lançadas nesta direção seja perigoso para o inimigo em toda sua extensão.

Pelas razões acima expostas as reservas de batalhões devem ser colocadas à frente da L.D. Seus fogos satisfarão às condições exigidas quando elas se acharem estabelecidas entre 600 e 900 metros à retaguarda da linha de apoio.

No *escalão reserva do regimento*, duas tendências contrárias se manifestam: —

- a 1.^a visa o emprego de todas as armas pesadas da reserva do regimento na criação da barragem geral e a participação de algumas delas em tiros longínquos eficazes; isto conduz a não afastá-las muito da L.P.R.

Se, com efeito, têm a barreira geral uma profundidade média de 500 metros, a linha de deter neste caso não poderá ficar a mais de 1.500 metros da L. P. R. e mais perto ainda deverá ela ficar se os tiros longínquos forem efetuados da L. D; — a 2.ª tendência visa subtrair a L. D aos primeiros esforços do inimigo, afastando-a suficientemente da L. P. R., de modo a constituir na frente da L. D uma barreira secundária suficientemente profunda e a dar aos reforços eventuais o tempo de ocupar posições.

Este desideratum parece que será satisfeito — é verdade que na medida mínima — quando a L. D estiver a 1.000 metros mais ou menos da linha de apoio.

Por outro lado, os engenhos blindados, obrigam o defensor a organizar em profundidade a defesa contra os mesmos, e se sabe que esta profundidade deve ser tanto maior quanto menor for o valor dos obstáculos que cobrem a P. R..

Além disso, há sempre grande interesse em cobrir também a L. D por um obstáculo natural.

A profundidade da P. R. depende, portanto, essencialmente, do terreno e particularmente da *riqueza* do terreno em obstáculos naturais.

Ela poderá limitar-se entre 1.200 a 1.500 metros mais ou menos, num terreno onde exista, à frente da L. P. R., um obstáculo intransponível aos carros, ao mesmo tempo que obstáculos naturais-localidades, bosques, etc. — precedam de 1.200 a 1.500 metros à linha de deter.

A profundidade em questão poderá se estender até 2.000 e mesmo além de 3.000 metros, em um terreno descoberto onde o obstáculo precedendo a L. P. R. tenha pouco valor, mas onde esta profundidade permita assegurar à L. D — pelo menos em alguns pontos — um sério obstáculo contra-carros.

Pode-se, portanto, concluir que a profundidade na P. R. oscila geralmente 1.500 e 3.000 metros.

Mas tudo isto é uma questão de terreno e de situação, e os números dados tanto para o regimento como para o batalhão e companhia só têm por fim dar uma idéia da grandeza das diferentes distâncias que entre elas devem medear.

5. — REPARTIÇÃO DAS FORÇAS

Trata-se agora de fixar em que condições as unidades de infantaria vão ocupar as diferentes partes da P. R.

É certo que há sempre vantagem, principalmente no ponto de vista do Comando, em dar às unidades uma frente estreita e uma grande profundidade.

Dá-se-lhes assim, a possibilidade de, com seus próprios meios, proverem a sua segurança e proverem suas reservas com os elementos que organicamente lhes pertencem.

Considere-se, para fixar as idéias, o caso dum regimento tendo que defender uma frente relativamente estreita.

Este regimento colocará, segundo a extensão da frente, um ou dois batalhões em 1.º escalão e os batalhões restantes constituirão as reservas — reservas de regimento ou de divisão. Quando só restar um batalhão à disposição do regimento, este batalhão constituirá a reserva do comandante do regimento.

Nos batalhões em 1.º escalão atribuir-se-á na generalidade dos casos, ao 1.º escalão, duas companhias. A companhia restante, no todo ou em parte, constituirá a reserva do comandante do batalhão.

Mas é preciso ficar bem assentado que esta repartição da tropa é esquemática e que para cada caso particular sua determinação será função dos fogos a fornecer, levando-se em conta o terreno, a situação do inimigo e da unidade considerada, e a missão atribuída a esta unidade e o tempo disponível para os trabalhos de organização do terreno.

Quem fornecerá os postos avançados?

Dois casos podem apresentar-se. Quanto aos P A de combate, se o efetivo a empregar for muito fraco, poderão ser fornecidos pelas companhias em 1.º escalão. Temendo-se que esta hipotéca enfraqueça por demais essas companhias, não se deverá hesitar em constitui-los com as unidades de reservas do batalhão ou do regimento.

Quanto aos P A gerais, serão geralmente constituídos com unidades fornecidas pelo batalhão reserva do regimento, para que os batalhões em 1.º escalão se conservem intactos até o momento do ataque à P.R.

Se os P A absorverem todas as reservas do regimento, será conveniente manter a L D com elementos fornecidos pelo Comando Superior.

6. — ENQUADRAMENTO DAS PEQUENAS UNIDADES NO COMBATE

Não nos devemos esquecer da importância essencial do enquadramento das pequenas unidades no combate. A força de resistência duma tropa é antes de tudo função do valor e da firmeza dos que a comandam. Uma tropa mal comandada prende-se durante a preparação, defende-se mal no momento do ataque. Uma tropa bem comandada mantém a sua capacidade defensiva, mesmo depois de reduzida ao extremo.

É indispensável manter no decurso do combate a organização, o enquadramento e a ordem das unidades.

Durante a batalha defensiva, o comando direto só pode ser exercido num pequeno espaço.

Se o comandante de batalhão colocar seu P C próximo da 1.ª linha, poderá, em uma certa medida, intervir no combate. Mas é sôco

te no escalão inferior, o da companhia, que é possível ao chefe manter o comando direto. A defesa vitoriosa é baseada essencialmente na organização das unidades e do seu comando até as menores frações.

7. — LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

As ligações compreendem: —

- a *ligação pelo fogo*;
- a *ligação do comando*;
- a *ligação pela informação*.

A *ligação pelo fogo* entre duas unidades vizinhas deve ser garantida em toda profundidade do dispositivo da defesa e em particular na barragem geral. Por ordem de importância deverá ser feita: na L. P. R., na linha de deter, à altura das reservas dos batalhões e à altura da linha de apoio.

É regulada da seguinte maneira: —

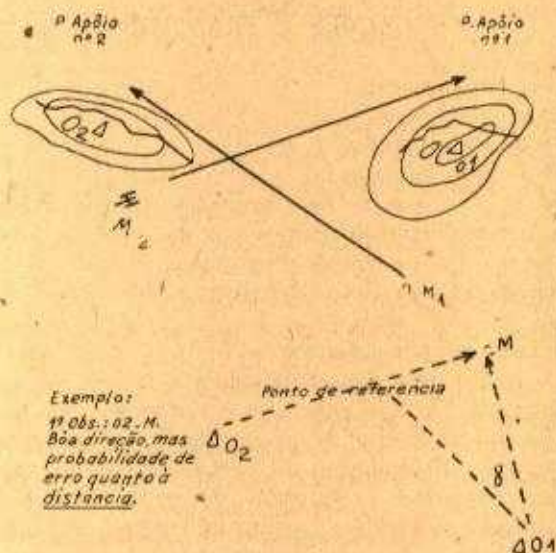
Quando o limite entre duas unidades é o divisor de dois compartimentos do terreno, a *ligação pelo fogo* é assegurada por um *ponto de apoio misto de ligação* fornecido pelas duas unidades interessadas ou por uma delas; esse destacamento de ligação recebe um missão de fogo bem precisa, consistindo, geralmente, em prover com fogos a parte da barragem situada na frente do ponto de contato das duas unidades.

Quando o limite entre duas unidades passa no interior dum compartimento do terreno, a *ligação pelo fogo* é assegurada pelos *apoios de fogo* que cada uma delas deve, segundo ordens, fornecer à unidade vizinha.

A *ligação de comando* consiste em ligar entre si os diversos comandos. É regulada em princípio pelos regulamentos. Em certos casos, porém, pode ser necessário precisar as condições em que será garantida, podendo estas variar conforme a situação tática e o terreno.

A *ligação pela informação* têm por fim informar cada comandante de unidade do que se passa em relação ao inimigo, na zona da unidade vizinha. Ora, o defensor não pode pensar em crear postos especiais unicamente encarregados de informar quando todos seus meios devem ser orientados para a produção máxima do fogo; por outro lado, se se confia aos postos combatentes a dupla missão de fogo e vigilâncias, arrisca-se a ver sacrificada uma das missões em benefício da outra. Essas dificuldades serão, entretanto, sanadas, destacando-se para os postos mais aproximados da unidade vizinha turmas de ligação, com preendendo cada uma delas um agente de ligação e alguns mensageiros, cuja missão será trazer constantemente o chefe que as destacou ao par dos acontecimentos sobrevindos na zona do posto junto do qual se acha destacado. Se um Ponto de apoio misto de ligação foi creado entre duas unidades vizinhas interessadas, a *ligação pela informação* será assegu-

rada nas mesmas condições; agentes de ligação e mensageiros das duas unidades se encontrarão reunidos no mesmo posto e receberão todas as informações úteis do Cmt. do Ponto de apôio.



As transmissões asseguram a ligação material entre as unidades e o comando ou as unidades vizinhas, e com a artilharia; todos os meios de transmissão devem ser empregados de maneira que, malgrado o fogo inimigo, o processo de transmissão que venha a falhar seja substituído pelos que continuam a funcionar.

V — AS INFORMAÇÕES E A OBSERVAÇÃO

AS INFORMAÇÕES NO R.I.

Informação é o relato claro, preciso, completo e conciso de um acontecimento suscetível de interessar o Comando, redigido com o cuidado de facilitar sua transmissão e, sobretudo sua exploração.

O conhecimento do inimigo é um dos elementos principais para a decisão do Chefe, afirmam as publicações militares de todos os tempos.

Obter informação sobre o inimigo constitui, portanto, para o chefe, não somente uma necessidade, mas um dever absoluto.

Em todos os escalões, os chefes de infantaria devem estar constantemente informados:

— sobre a situação de sua tropa;

— sobre o terreno;

— sobre o inimigo

Mas, a informação de que depende?

A informação que orienta constantemente o chefe e o leva a tomar decisões justas, depende quasi que exclusivamente de um serviço de observação, aparelhado tão completamente quanto possível e convenientemente adaptado à situação em causa.

Todo o chefe de infantaria no combate deve informar-se a todo o momento e informar ao Comando; para isso, deve procurar obter o melhor rendimento dos órgãos de observação, ligação e de transmissões.

INFORMAÇÕES ÚTEIS A INFANTARIA

Quais são as informações úteis à Infantaria?

As necessidades da Infantaria, no tocante às informações, variam nas diversas fases do combate.

Nos pequenos escalões, em principio, as informações sobre o inimigo influem pouco na montagem da manobra, visto como constituem sobretudo unidades de execução. Por isso, para a concepção da manobra, as informações sobre o terreno têm maior precedência sobre aquelas.

Entretanto, na conduta do combate, as informações sobre a situação e as atividades do inimigo têm importância capital e são absolutamente indispensáveis ao chefe de infantaria para orientar o emprego de suas reservas, introduzir as modificações que julgar conveniente no dispositivo inicial de sua tropa, conduzir, enfim sua manobra.

Na fase que estudamos, *na defensiva*, o chefe deve ter em vista evitar a surpresa.

Para isso, deverá observar o terreno por onde o inimigo pode surgir, de modo a por em ação, oportunamente, os órgãos da defesa. Nesse sentido os elementos em Postos avançados destacarão os vigias, as patrulhas e os reconhecimento, que são os primeiros e entrar em contacto com o inimigo.

Uma vez estabelecido o contacto com a Posição de Resistência, o Comando deste terá sempre o máximo interesse em manter o contacto, fazendo observar constantemente o inimigo e o terreno que se interpõe entre a linha atingida por aquele e a que mantem os seus elementos mais avançados.

As informações necessárias à infantaria são, pois, procuradas nesse espaço relativamente restrito, pouco profundo, suficiente não só ao comando para realizar sua manobra como também à ação dos engenhos de fogo utilizados pela Infantaria, e podem, por isso, ser obtidas com os próprio recursos da arma, isto é, pelos elementos avançados ou empenhados e pelos observatórios instalados nas proximidades do inimigo.

ELEMENTOS ENCARGADOS DA BUSCA DE INFORMAÇÕES

A importância das informações se pode atestar pelo número, variedade e complexidade dos órgãos empregados durante a última guerra para a busca de informações.

Com efeito, assinalamos como encarregados da busca de informações, desde os mais altos escalões até os Corpos de tropa:

- 1.º) — *As 2.º Seções dos Estados Maiores*, órgão contralizes do Serviço de informações.
- 2.º) — *Os serviços especiais* (espionagens e a contra-espionagem; agentes secretos; censuras postal, telegráfica, rádio-telegráfica, telefonica, etc; secções de informações; cobertura e vigilância das fronteiras.
- 3.º) — *As observações aéreas*, terrestres, meteorológicas.
- 4.º) — *As escutas diretas*, eléctricas, de minas.
- 5.º) — *Os serviços de informações* dos corpos de tropa

V — A OBSERVAÇÃO

O Gen. francês JEANPIERRE, afirmou a este respeito, o seguinte: "La préparation, la conduite et même l'issue du combat dépendent, dans une large mesure, d'une bonne ou d'une mauvaise observation".

Por sua vez, o Cmt. LAFFARGUE, tão nosso conhecido, assim se expressa:

"Celui que voit est le Maître du champ de Bataille".

- 1) — P — Qual a definição de observação?

"Observar é procurar perceber pelos sentidos, seja directamente, seja por meio de processos mecânicos, todos os fenómenos suscetíveis de fornecerem informações sobre a situação do inimigo ou das tropas amigas.

- 2) — P — Qual o fim da observação?

1.º) — Fornecer ao Comando informações, que serão para ele um dos elementos da decisão e concorrerão para a segurança das tropas.

2.º) — Trabalhar em proveito das armas preparando e controlando o seu emprego.

- 3) — P — Quais são os modos de observação:

1.º) — Terrestres: —

A) — Direta (à vista ou de ouvido).

B) — Por processos especiais: —

Sec. de localização por observação terrestre;

b) — Sec. de localização pelo som;

c) — Escutas telefônicas e rádio eléctricas; escuta de minas.

2.º) — Aérea:

a) — Por avião: À vista ou foto.

b) — Em balão.

A observação Aérea por si só não é suficiente quando se considera um caso concreto da natureza do escalão que ora estudamos; pois, se conseguirmos informações pela vista e pela fotografia, nada nos garante que o inimigo oriente seu movimento para *regiões prováveis*, o que seria concluir de maneira falsa a seu respeito.

4) — Recorremos, assim, em última análise, à observação terrestre direta, que é para Infantaria, a fonte de esclarecimentos mais certa e constante.

5) — P — Qual o objeto da Observação Terrestre?

1.º) — Vigilância do Campo de batalha: —

Nos diversos escalões do comando: (Situação e movimentos do inimigo, etc.).

2.º) — Missões de tiro (busca de objetivos, possibilidades de tiro, observação dos tiros, etc.).

3.º) — Cooperação na ligação (movimentos das unidades amigas, sinais dos postos avançados, do avião etc.).

6) — P — Quais são as características da Observação Terrestre?

1.º) — *Estabilidade* das instalações, permitindo *continuidade e precisão* nas observações. O que se não dá com com a *observação aérea*.

2.º) — *Fixidez*, principalmente na defensiva, tornando possível o estabelecimento de uma rede completa de transmissões e, por conseguinte, *rápida exploração das informações*.

3.º) — *Rapidez e facilidade* de utilização. É o modo de observação empregado em tôdas as circunstâncias da batalha e o que corresponde aos *meios de investigação das unidades de infantaria*.

4.º) — *Rendimento* dependente do terreno e das *condições atmosféricas*. à

7) — P — Vejamos agora quais são os MEIOS para se executar esta tarefa. Ei-los: —

1.º) — *Dotações*:

a) — *Pessoal*:

— Tropas em contacto ou não, que estejam em condições de ver ou ouvir o inimigo.

— Comandantes em todos os escalões, a partir do Especialistas, desde o soldado existente no Pelotão, até o oficial de informações do RI.

b) — *Materiais*:

— O indispensável para melhorar o alcance e a precisão da vista e facilitar o exame do terreno.

2.º) — *Atribuições do pessoal especialista:*

O oficial de informações é o coordenador da busca de informações pelos observatórios e as tropas em contacto e o *centralizador* dos resultados obtidos. Ele aciona os diversos escalões por meio de ordens, fixando a natureza das informações a enviar até o RI.

Aos *sargentos e graduados* observadores compete:

- a) — Organizar, segundo as ordens do escalão superior, a observação na sua unidade, de modo a obter a *cooperação* de todos na busca de informações.
- b) — Confrontar as informações colhidas, recobri-las, de maneira a obter precisão.
- c) — Fornecer a seus chefes, sob forma concreta (croquis), quando possível, uma *visão nítida* e precisa do inimigo e da situação de sua unidade.

3.º) — *Instalações utilizadas*

Para obter informações, o pessoal opera em *postos, de instalação e organização diversos*:

- a) — *Postos de espreita*, ocupados por pessoal *não especializado* (das tropas em contacto) e também pelos observadores de pelotão. As *informações*, são, todavia, de primeira importância.
- b) — Postos de observação, cuja ocupação é, em regra, *temporária*.

Destinam-se a permitir aos comandantes verem seus próprios olhos o terreno da ação, e avaliarem a situação em *certas circunstâncias do combate*.

- c) — *Observatórios*, que são fixos, ocupados por observadores em *permanência*.

PRINCÍPIO

- 8) — P — Quais são os princípios de emprego da observação?
R — A observação deve ser:

- 1.º) — *Permanente*, exercendo-se em tôdas as circunstâncias, de dia, e à noite, antes, durante e após o combate, afim de permitir constante vigilância sobre a atividade inimiga.

- 2.º) — *Continua*, sem lacuna, tanto quanto o terreno permite.

- 3.º) — *Dissimulada*, pois que os observatórios para terem vistas sobre o terreno inimigo, são em geral situados em pontos visíveis.

Donde necessidade de disfarçar ao máximo sua instalação.

- 4.º) — *Lateral e superposta* (observatórios em flanqueamentos recíproco), principalmente na *defensiva*, pela grande analogia que há entre a organização de uma rede de observação e o estabelecimento do plano de fogos das metralhadoras.

O *recobrimento* ou a *superposição* de observações se justificam pela necessidade de eliminar as probabilidades de erros e aumentar o grau de exatidão das observações.

Assim, para se observar utilmente a parte esquerda da zona de ação de uma unidade, será preciso em geral colocar-se na parte direita e vice-versa.

- 2a. Obs: 01 — M — Determinação do ângulo permitindo completar a 1a. observação pelo calculo da *distância*.

- 5.º) — *Geral* — Organizada em todos os escalões, durante o combate.

- 6.º) — *Completa* — visilância da totalidade da zona de ação.

- 7.º) — Estreitamente ligada às *transmissões* de modo que haja dependência recíproca e, em consequência, as informações possam ser exploradas em tempo útil.

As informações tornar-se-ão inúteis se sua transmissão não for feita com rapidez.

- 8.º) — Uma *observação* deve ser registada no momento em que é feita e *assinalada* com precisão no terreno e na carta.

- 9.º) — A existência de órgãos especiais encarregados de informar não suprime para o Chefe a obrigação de observar pessoalmente, sempre que possível.

Examinadas as generalidades e os princípios, vejamos, de modo geral, como se organiza e como funciona a observação nesta fase da batalha que estudamos: —

SITUAÇÃO DEFENSIVA

Esta fase é privilegiada quanto ao rendimento da observação. A rede de observação e transmissões pode ser instalada com bastante antecedência.

Os observatórios são *escalonados em profundidade e largura*, de maneira a *vigiar em continuidade* toda a zona adiante da L.P.R. e no interior da P.R., mesmo em caso de bombardeio inimigo.

(continua)

BANCO DO BRASIL

1808 — 1947

Sede — Rua 1.º de Março, n.º 66, Rio de Janeiro (DF)

Taxas de depósitos

Depósitos sem limite	2% a.a.
Depósitos populares (limite de Cr\$ 10.000,00)	4 1/2% "
(limite de Cr\$ 50.000,00)	4% "
Depósitos limitados (limite de Cr\$ 100.000,00)	2% "
Depósitos a prazo fixo:	
Por 6 meses	4% "
Por 12 "	5% "
Com retirada mensal de juros:	
Por 6 meses	3 1/2% "
Por 12 "	4 1/2% "
Depósitos de aviso prévio:	
30 dias	3 1/2% "
60 "	4% "
90 "	4 1/2% "

Letras a prêmio (selo proporcional)

Condições idênticas às depósitos a prazo fixo.

O Banco faz todas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo no Distrito Federal, além da Agência Central, a Rua 1.º de Março, n.º 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua do Matoso, n.º 12 — Campo Grande, Rua Campo Grande, n.º 100 — Copacabana (em instalação), Avenida Nossa Senhora de Copacabana, n.º 1.292 — Glória, Praça Duque de Caxias, n.º 22 — Madureira, Rua Carvalho de Souza, n.º 299 — Méier, Av. Amaro Cavalcanti, n.º 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rego, n.º 78 — Saúde, Rua do Livramento, n.º 63 — Tiradentes, Rua Visconde do Rio Branco, n.º 52 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo, n.º 360 (esquina da Rua S. Cristóvão) e Vila Isabel, Avenida 28 de Setembro n.º 412.

Normas gerais de ação

Ten. Cel. *Adalberto Pereira dos Santos*

A finalidade das Normas Gerais de Ação (abreviadamente NGA)) é reduzir o volume das ordens e instruções necessárias às operações, estabelecendo processos de rotina nos assuntos que os comportarem. Não se destinam a estabelecer processos de rotina para o emprego tático, nem repetir ou codificar prescrições publicadas nos Regulamentos, Manuais de Campanha e outros documentos semelhantes. Situações particulares não tratadas nas NGA, devem ser encarasdas de maneira a ficarem conforme as determinações deste documento.

Cada unidade organiza suas NGA, tirando o que lhe interessa das NGA do escalão superior, e ajuntando detalhes particulares. As NGA do escalão superior, e ajuntando detalhes particulades. As NGA são alteradas periodicamente, de acordo com as modificações que surgirem na organização, efetivos, processos de emprego etc., das unidades.

A 1.^a Divisão Blindada Norte Americana tem organizadas suas NGA cujo nome, em inglês, é "Standard Operating Procedure" ou simplesmente, SOP. É da edição de 9 de novembro de 1944 daquelas NGA a tradução que adiante se segue.

1. *Comando e Estado Maior*

O QG da Divisão é constituído de dois escalões: o escalão avançado e o escalão recuado. O escalão avançado pode ser subdividido em grupo de comando e grupo do PC.

2. *Ligação*

Os Grupamentos Táticos Blindados, o Grupo Mecanizado de Reconhecimento e as Unidades em reserva da Divisão enviam oficial de ligação ao QG Divisionário e às Unidades vizinhas.

3. *Transmissões*

(a) *Meios.*

(1) *Situação Estável*

Os principais meios de transmissão quando a Divisão se acha em situação estável ou quando não está empenhada em combate, são o telefone, para as transmissões rápidas e a curta distância e o mensa-

geiro para o serviço de mensagens escritas, documentos volumosos, etc. O rádio (fonia ou grafia) só poderá ser usado no caso de interrupção das transmissões telefônicas, ou para fins de instrução.

(2) *Situação de Perseguição ou de Movimento*

O principal meio de transmissão é o rádio (fonia ou grafia); secundariamente, o mensageiro. Em casos em que a situação tática permita a instalação de circuitos telefônicos, estes serão utilizados sempre que possível como meio principal de transmissão, completado pelo rádio.

(b) *Transmissões Rádio.*

(1) Três circuitos rádio do QG Divisionário para as Unidades.

(a) *Rede de Comando*: Normalmente fonia. Somente para as transmissões diretas entre o General, o Chefe do EM e a 3.^a Seção (G-3) e os comandantes subordinados das unidades engajadas. Somente para as transmissões de caráter tático, relacionadas com as operações em curso.

(b) *Rede de Reconhecimento*: Normalmente fonia. Para transmissões diretas entre a 2.^a Seção (G-2) e as Seções de Informações (S-2) das unidades subordinadas engajadas. Somente para transmissões de informações sobre o inimigo ou sua disseminação.

(c) *Rede Administrativa*: Normalmente grafia. Transmissão para todas as unidades. Todas as transmissões que não devem passar pelas redes de comando e de reconhecimento, passarão por esta.

(2) As transmissões rádio para os escalões superiores devem ser realizadas de acordo com as diretivas dos respectivos comandos.

(3) Normalmente os oficiais de ligação enviados pelo QG Divisionário para os QG das Divisões vizinhas devem ser acompanhados por uma estação rádio, fornecida pela 141.^a Companhia de Transmissões Blindada.

(4) A operação de todos os aparelhos rádio da Divisão deve ser realizada de acordo com as Instruções para Emprego das Transmissões baixadas pelo QG Divisionário.

c. *Transmissões Telefônicas*

(1) Instalações telefônicas normais devem compreender dois circuitos para cada Grupamento Tático Blindado e um circuito para cada uma das outras unidades diretamente subordinadas ao QG Divisionário; estes circuitos serão instalados e operados pela 141.^a Companhia de Transmissões Blindada.

d. *Serviço de Mensageiro*

(1) O Serviço de Mensageiro programado deve ser iniciado no mais curto espaço de tempo praticável, de maneira a formar um sistema com o dos centros de mensagens das unidades diretamente subordinada ao QG Divisionário.

(2) Um Serviço Especial de Mensageiros será mantido para o General Comandante, Chefe do Estado Maior, 1.^a Seção, 2.^a Seção, 3.^a Seção e 4.^a Seção. As seções do Estado Maior Especial deverão obter autorização da competente seção do Estado Maior Geral (G-1, G-2, G-3 e G-4) antes de lançar mão de um mensageiro especial.

e. Centro de Mensagens

O trabalho no Centro de Mensagens Divisionário será executado de acordo com as prescrições do FM 24-1, modificado pelas Instruções para Emprego das Transmissões existentes.

f. Localizações dos P.C. e Eixos de Transmissões

(1) O QG Divisionário prescreverá os eixos de transmissões da Divisão, Grupamentos Táticos Blindados e outras unidades diretamente subordinadas. Os Grupamentos Táticos Blindados prescreverão os eixos de transmissões das unidades a eles subordinadas. Os comandantes só se desviarão dos eixos prescritos quando absolutamente necessário para o cumprimento da missão e, neste caso, comunicarão este fato imediatamente ao QG Divisionário.



(2) As localizações dos PC devem ser comunicadas, sem perda de tempo, ao QG Divisionário.

4. Movimento

a. Ponto Inicial (PI)

As unidades tomam seus lugares na coluna no Ponto Inicial, segundo a ordem de marcha determinada. O QG coloca um oficial de controle no PI, sempre que por este devam passar duas ou mais unidades. Cada unidade estabelece ligação com o oficial de controle no PI, meia hora antes da hora marcada para transposição da testa da coluna. O oficial de controle deve verificar a passagem das unidades pelo PI e o desimpedimento deste no tempo e na ordem de marcha prescritos. Ele superintenderá o controle do tráfego no PI e terá autoridade para modificar a prioridade de movimento da tropa, se a situação o exigir. As unidades permanecem nas respectivas áreas de estacionamento de maneira a conservar as estradas livres, até o momento adequado para se movimentarem em demanda do PI.

b. *Velocidade de Marcha*

Velocidade em milhas por hora quer dizer a velocidade máxima que pode ser atingida pelo veículo testa de cada unidade de marcha. O veículo mais lento de cada unidade de marcha condiciona a velocidade para esta unidade, a não ser que a Divisão tenha prescrito a velocidade.

c. *Distâncias*

Durante o dia as distâncias serão normalmente de 50 a 100 jardas; durante a noite, com blecaute, de 15 a 50 jardas. O intervalo entre unidades de marcha será aproximadamente de dois minutos; entre grupamentos, cinco minutos, ou como for prescrito pelo escalão superior. Transportes Pessoal 1/4 Ton. não necessitam obedecer às distâncias prescritas para outras viaturas e se moverão nos intervalos existentes entre elas.

d. *Circulação e Controle do Tráfego*

(1) O Chefe de Polícia Militar da Divisão instala guias e postos de controle do tráfego, como for necessário, no eixo principal de movimento.

(2) As unidades normalmente controlarão o tráfego e colocarão guias nos eixos secundários.

(3) Sinais de demarcação de estradas são usados habitualmente pelo Pelotão de Polícia Militar da Divisão (e por outras unidades quando do praticável) para auxiliar os guias.

(4) Quando for conveniente, ordens divisionárias prescrevem o plano de circulação do tráfego.

(5) O controle do tráfego nos pontos de suprimento da zona de retaguarda é da responsabilidade daqueles estabelecimentos.

(6) Movimento noturno se realiza normalmente com os faróis de blecaute.

(7) Durante os altos, veículos e pessoal desimpedirão a estrada mantendo-se no seu lado direito, a menos que a situação determine o contrário.

(8) Durante os altos, guias de tráfego, equipados com lanterna elétrica de luz velada, à noite, serão postados na testa e na cauda de cada unidade de marcha e, se necessário, nas curvas no lado esquerdo da estrada.

(9) Quando um veículo tenha que sair fora da coluna deve desimpedir a estrada, postando-se à direita dela, sem demora, e colocar um guia de tráfego à esquerda para dar passagem aos outros veículos.

(10) Os comandantes de qualquer graduação investigarão prontamente a causa de qualquer ato não previsto; ultrapassarão os veículos parados (especialmente guarnições de manutenção em serviço) se necessário, para manter a continuidade da marcha, ligando-se à coluna principal da frente.

(11) Transportes Pessoal 1/4 Ton e carros de passageiros podem ultrapassar colunas em movimento, quando necessário. Outros veículos isolados que se movimentam na mesma direção de uma coluna podem ultrapassá-la quando ela estiver parada. É proibido, salvo urgente necessidade, uma coluna ultrapassar outra quando ambas se movimentam na mesma direção.

e. Ataque Aéreo

(1) Quando uma coluna em movimento é surpreendida por um ataque aéreo, deve abandonar a estrada e dispersar como for possível. Imediatamente depois que o ataque tenha passado, os veículos formarão na ordem apropriada e prosseguirão a marcha sem demora.

(2) Quando uma coluna parada for submetida a ataque aéreo, permanecerá no alto.

(3) Aviões atacantes dentro de alcance eficaz serão submetidos ao fogo de fuzis, metralhadoras e armas anti-aéreas de calibre maior. Pistolas, carabinas e sub-metralhadoras nunca serão empregadas em tiro anti-aéreo.

f. Informação sobre Movimento

(1) Unidades, quando em movimento sob controle da Divisão, informarão imediatamente após a chegada à nova área, a hora de chegada e a localização do PC.

(2) Unidades, quando em movimento sob controle de EM de Grupamento Tático Blindado informarão àquele EM imediatamente após a chegada à nova área, a hora de chegada e a localização o PC.

(3) Os EM dos Grupamentos Táticos Blindados informarão ao QG da Divisão a hora de chegada de todas as unidades sob seu controle e a localização do PC de cada unidade.

5. Estacionamentos

a. As áreas de estacionamento são normalmente escolhidas pelo Assistente do Chefe do EM. G-3.

b. As unidades enviarão estacionadores para as áreas de estacionamento com antecedência suficiente para lhes permitir reconhecer a área e colocar guias a partir do mais próximo Posto de Polícia Militar de Divisão.

6. Minas

a. *Procedimento a Respeito de Campos de Minas Anti-Pessoal:*

Os comandantes de infantaria determinarão a localização e número de minas desejadas. Pedidos por tipos e número de minas serão feitos ao Oficial de Suprimento de Material de Engenharia Divisionário. As minas são colocadas pela infantaria, assistida por um representante da engenharia, o qual terá autoridade para dar ordem a respeito da marcação e para exigir a organização dos campos de acordo com as normas regulamentares. O representante da engenharia será responsável pela coleta de dados para esboço e relatório sobre os campos de minas, cujos dados serão reunidos e submetidos ao Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário, logo que a construção do campo de minas esteja terminada.

b. *Campos de Minas Deliberados Anti-Carros e Anticarros-Anti-pessoal*

Somente o pessoal de engenharia instalará estes campos de minas. O Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário será responsável pela distribuição conveniente de todas as informações sobre campos de minas.

c. *Destino a dar às Minas Inimigas*

Todas as tropas devem ser suficientemente instruídas na remoção de minas, de maneira que possam satisfazer suas próprias necessidades, sem ser preciso lançar mão de elementos de engenharia. O estabelecimento de "cemitérios de minas", de acordo com as instruções do escalão superior, são da responsabilidade da engenharia.

7. Apoio da Engenharia

a. O trabalho principal da engenharia deve ser concentrado na conservação das estradas principais de suprimentos da Divisão. As unidades das outras armas devem fazer a conservação das estradas nas suas áreas, das estradas que a elas vão ter e dos caminhos que lhes interessam particularmente, devendo usar equipamento e pessoal em condições de executar tais misteres. Todos os pedidos de auxílio necessário da engenharia devem ser feitos através do QG Divisionário.

b. A construção de organizações defensivas do terreno é da res-

ponsabilidade dos comandantes das unidades que ocupam as posições. Planos detalhados de tais trabalhos devem ser apresentados por meio de calco ou croquis e discutidos com um representante da engenharia, antes da entrega do pedido do material necessário às construções. Elementos de engenharia da divisão podem prestar assistência técnica aos trabalhos de organização; não são utilizados para sua execução.

8. *Vias de Comunicação*

a. Os seguintes dados sobre as condições das vias de comunicações dentro da zona da Divisão devem ser prontamente informados, através dos canais de comando:

(1) Localização de pontes destruídas, crateras ou barridas, indicando se o obstáculo está sendo vencido por meio de ponte, se está sendo contornado ou reparado. Informar quando a estrada ficar novamente em condições de tráfego em uma só direção ou em duas direções.

(2) Os limites de todas as estradas que hajam sido percorridas e encontradas livres de obstáculos e supostos livres de minas, indicando sua classificação como de simples ou dupla circulação.

(3) Os limites de todas as estradas cuja superfície de tráfego e margens tenham sido danificadas por minas.

(4) Localização de quaisquer áreas minadas conhecidas ou estradas que não tenham sido limpas.

b. As informações devem ser obtidas e transmitidas pelo 81.º Grupo de Reconhecimento Mecanizado, Grupamentos Táticos Blindados ou outras unidades que estejam operando diretamente sob as ordens do QG Divisionário. O Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário reunirá e transmitirá as informações quando a fonte informativa for elementos de engenharia em apoio ou tropas que não estejam sob o comando da Divisão.

9. *Relatórios da Situação*

a. Consistirão em um breve e conciso relato de todas as operações de uma força, começando pelo flanco direito. Se nada houver a relatar, uma informação negativa será, assim mesmo, dada. Um sumário das intenções para o dia seguinte será consignado, após o relato das operações realizadas, em cada relatório da situação. Esses relatórios devem ser escritos, e verificados antes da remessa para garantia de que sejam completos e exatos.

b. Todas as unidades remeterão ao escalão superior relatórios na forma acima prescrita. As unidades que remetem relatórios à 3.ª seção do EM Divisionário, o farão cada duas horas (pares), com referência ao período das duas horas anteriores. Esses relatórios deverão ser enviados pelos meios mais expeditos.

10. Informações.

a. Elementos de Reconhecimento.

O reconhecimento deve ser agressivo e contínuo. As informações a colher, especificadas nas ordens da Divisão, ou nos "Elementos Essenciais de Informação" devem ser transmitidas a medida que forem sendo obtidas; os seguintes detalhes são NGA:

(1) Forças Inimigas: Localização, espécie, valor, dispositivo, composição, atitude, velocidade, direção de movimento e hora em que foram vistas.

(2) Terreno: Cursos d'água invadiáveis, terreno impraticável, outros obstáculos naturais e artificiais contra carros.

(3) Reconhecimento de Estradas: Largura, superfície, escoamento das águas e derivações capazes de suportar a passagem da Divisão; em caso de existência de crateras, possibilidade de contornamento.



(4) Reconhecimento de Ponte: Tipo da construção, condições e estimativa de sua capacidade, se não estiver destruída. Se estiver destruída, seu tipo, comprimento e número dos vãos, dimensão destruída, descrição das margens, fundo e profundidade do rio e localização de possíveis vaus, contornamentos ou locais apropriados para ponte.

(5) Campos de Minas: Localização e área minada, tipos das minas, contornamentos ou passagens que tenham sido abertas no campo.

(16) Depósitos e Equipamentos Capturados: Tipo, quantidade, condição e localização.

b. *Elementos Combatentes*

Informar pelos meios mais rápidos:

(1) Primeiro contato — espécie, número, localização e atitude.

(2) Fogos de artilharia e de morteiros recebidos — para fins de contrabateria, imediatamente ao Comando da Artilharia Divisionária ou à 2.^a seção (G-2).

(3) Sinais de aumento ou decrescimento nas operações inimigas e indicações de retraimento.

(4) Posições de armas anti-carros, metralhadoras e morteiros, posições defensivas, campos de minas, postos de comando, postos de observação, movimento inimigo observado, processo de combate não usual empregado pelo inimigo.

c. *Relatórios e Mensagens*

(1) Toda atividade inimiga é informada imediatamente.

(2) Informação Escrita da 2.^a Seção: Todas as unidades sob o controle da Divisão, exceto as que estiverem em reserva, redigirão esta informação às 2000 horas devendo a mesma dar entrada no QG Divisionário antes das 2400 horas, de acordo com a forma prescrita no FM 101-5.

(3) Sumário das Informações — Transmitido por telefone, devendo chegar ao QG da Divisão às 0530, 1130, 1730 e 2330 horas, com o resumo de toda a atividade inimiga a partir da última informação prestada.

(a) *Mensagens*

(a) O telefone deve ser o meio normal de transmissões. O rádio deve ser um meio auxiliar e, quando usado, toda informação sobre o inimigo será transmitida em texto claro. Informação a respeito de tropas amigas, ou sua localização, não deverá ser transmitida conjuntamente com as informações sobre o inimigo. Informações captadas pelo rádio não devem ser transmitidas por este meio. Informações sobre tropas amigas não devem ser transmitida em texto claro.

(b) Qualquer informação ou mensagem deve incluir, na devida ordem, o seguinte:

(1) Localização: Serão usadas exclusivamente coordenadas com seis algarismos, completados por letras, se a carta o exigir. Acidentes constantes da carta (tais como números de cotas, povoações, etc) devem ser em seguida ao nome, identificados por coordenadas.

(2) "Quem" (pessoal inimigo, viaturas transporte, carros de combate, etc.).

(3) Em movimento, em estação ou empenhado em combate.

(4) Direção do movimento.

(5) Hora da observação.

d. *Medidas de Contra Informação*

Destruir o seguinte, caso seja iminente sua captura: Instruções para Emprego das Transmissões, livros de códigos, equipamento criptográfico, todas as cartas e calcos mostrando os dispositivos ou planos das tropas amigas, cartas que estão sendo utilizadas, quadro para indicação de coordenados, NGA. Todos os comandantes, inclusive chefes de carro, devem operar com o mínimo de instruções escritas; e os meios apropriados para queimar os documentos descritos acima, no instante necessário, devem ser mantidos à mão.

e. *Prisioneiros de Guerra*

O interrogatório de prisioneiros pelos oficiais de informações (S-2) deve ser breve e rápido. Ligeiras identificações, quantidade, composição e dispositivos devem ser remetidos à 2.^a Seção do E.M. da Divisão (G-2) e aos oficiais de informações (S-2) dos Grupamentos Táticos Blindados pelos meios mais rápidos disponíveis. Representantes do Depósito de Prisioneiros de guerra da Divisão examinarão os prisioneiros importantes nos Depósitos de Prisioneiros de Batalhão ou de Grupamento Tático Blindado. Todos os prisioneiros de guerra serão marcados com a hora e local da captura e unidade que o capturou.

f. *Documentos Capturados*

Os prisioneiros devem ser cuidadosamente interrogados o mais depressa possível após sua captura. Todos os documentos devem ser tomados dos prisioneiros de guerra e separadamente amarrados em seus lenços ou em outro recipiente utilizável, marcados com seu nome, posto, hora e local da captura e unidade que efetuou a captura, e remetidos com a escolta que conduzirá os prisioneiros para o Depósito de Prisioneiros da Divisão. Os documentos e prisioneiros devem chegar ao Depósito de Prisioneiros pelo mesmo transporte. Todo documento inimigo, procedente de qualquer outra fonte, capturado ou encontrado abandonado pelo inimigo, deve ser marcado com hora, local e unidade e remetido por mensageiro, diretamente ao Depósito de Prisioneiros da Divisão. Cartas capturadas devem ser marcadas com o posto e nome do prisioneiro, local e hora da captura e remetidas para a 2.^a seção do EM Divisionário (G-2) por mensageiro especial.

g. *Material Capturado*

Os oficiais de informações (S-2) informam a captura de equipamentos e material, imediatamente, ao escalão superior, dando localização, espécie, quantidade e condições.

11. *Suprimento e Evacuação*

a. *Generalidades*

(1) A 4.^a Seção Divisionária (G-4) e as S-4 dos Grupamentos

Táticos Blindados e Unidades fazem parte normalmente do Escalão Avançado das respectivas unidades.

(2) Munição, combustível e rações são recompletados diariamente.

(3) Quando companhias ou pelotões são destacados, as unidades a que os mesmos pertencem devem colocar à disposição deles uma parte proporcional de seus trens.

b. S.4 de Grupamento Tático Blindado

Coordena as atividades de suprimento e evacuação do Grupamento; faz sugestões à 4.^a Seção (G-4) a respeito de suprimento e evacuação de instalações e estradas; providencia o suprimento de companhias ou pelotões que estejam adidos e sob o seu controle.

c. Suprimento de Material de Intendência

(1) O Chefe do Serviço de Intendência Divisionário fica localizado no eixo principal de suprimento.

(2) Classe I (Rações)

(a) O ciclo de rações começa com o jantar.

(b) O seguinte estoque de rações de reserva deve ser mantido na unidade: duas tipo "C" ou "K" e uma tipo "D". As rações de reserva só serão consumidas por ordem dos comandantes de unidades. Além das rações acima, devem ser mantidos na unidade de 1 a 1 2/3 de rações do tipo de distribuição corrente.

(c) As unidades recebem diretamente no Ponto de Distribuição do Exército Classe I, mediante apresentação do telegrama diário, especificando o efetivo da unidade e de elementos que a ela estejam adidos para efeito de alimentação.

(3) Classes II e IV (Fardamento e Equipamento)

(a) As unidades recebem no Ponto de Distribuição do Exército Classes II e IV mediante pedido aprovado pelo SI Divisionário, exceto quando a Divisão mantém em funcionamento uma Estação Terminal Rodoviário eventual.

(b) Base e autoridade devem ser especificados nos pedidos.

(4) Classe III (Combustível e lubrificante)

(a) Em acréscimo ao combustível contido no tanque dos veículos, os trens das unidades e elementos independentes (companhias, pelotões) devem transportar o suficiente para 80 milhas de percurso para todos os veículos.

(b) As unidades recebem diretamente do Ponto de Distribuição do Exército Classe III.

(5) Bagagem Excedente

O SI Divisionário estabelece um Depósito de Bagagem Divi-

sionário para guardar a bagagem e objetos pessoais não necessários em combate.

12. *Serviço de Material Bélico*

a. O Chefe do Serviço de Material Bélico Divisionário fica localizado no EM do Batalhão de Material Bélico ou com a Companhia de Manutenção no Eixo Principal de Suprimento.

b. *Suprimento de Material Bélico*

(1) As unidades recebem os suprimentos por intermédio da companhia de manutenção designada para apoiá-las.

(2) *Conjuntos*

As substituições são feitas por troca ou mediante apresentação do certificado do Chefe do Serviço de Material Bélico Divisionário. A 4.^a Seção (G-4) distribue veículos e certos artigos controlados.

(3) Acessórios para veículos e armamento. Fornecimento mediante pedido dos S-4 das unidades ao Oficial de Suprimento de Material Bélico Divisionário.

(4) Suprimentos de partes sobresalientes de veículos. Os oficiais de motores das unidades fazem os pedidos à Companhia de Manutenção que os apoia.

(5) Limpeza e conservação. Pedidos dos S-4 das unidades à Companhia de Manutenção em apoio.

c. *Apoio de Manutenção*

(1) Uma Companhia de Manutenção segue no eixo de avanço de cada coluna. A Companhia de Manutenção em apoio mantém ligação estreita com o EM do Grupamento Tático Blindado ou de Destacamento Tático ("Task Force").

(2) Pontos Coletores de veículos são estabelecidos atrás de cada coluna quando a situação permitir.

(3) Qualquer companhia de manutenção divisionária deverá aceitar serviços e pedidos de suprimento de qualquer unidade divisionária, mas se o suprimento não puder ser feito imediatamente, o pedido será suspenso e transferido para a companhia de manutenção em apoio, para fornecimento posterior.

(4) Qualquer carro de combate mandado para o Batalhão de Manutenção e Material Bélico sem que com ele permaneça no mínimo um homem de sua guarnição, perde sua identidade e, após sua reparação, será incluído no estoque divisionário.

d. *Munição*

(1) O Oficial de Munições da Divisão fica normalmente nas vizinhanças do Ponto de Suprimento de Munições do Exército.

(2) As unidades enviam os relatórios sobre munição ao Oficial de Munições da Divisão às 1800 horas de cada dia, para que cheguem

ao Centro de Mensagens Divisionário ou ao Oficial de Munições Divisionário antes da meia noite.

(3) Antes do recebimento as unidades apanham a ordem de transporte do Oficial de Munições Divisionário.

(4) Minas e material de destruição são estocados no Ponto de Suprimento de Munições, mas, para sua retirada, é necessária a aprovação do Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário.

13. *Suprimento de Material de Transmissões*

a. É feito mediante pedido dirigido ao Oficial de Suprimento de Material de Transmissões Divisionário, localizado nas vizinhanças do Escalão Recuado ou no Eixo Principal de Suprimento.

b. Turmas de reparadores de rádio são adidas ao Batalhão de Manutenção para atender os concertos dos aparelhos rádio dos veículos.

14. *Suprimento de Material de Engenharia*

a. As unidades recebem do Oficial de Suprimento de Material de Engenharia Divisionário, localizado no EM do Batalhão de Engenharia.

b. Os pedidos de material de fortificação, inclusive minas e material de destruição, são apresentados após terem sido aprovados pelo Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário ou por seu representante.

15. *Suprimento de Material de Guerra Química*

a. O Oficial de Suprimento de Material de Guerra Química Divisionário fica localizado no Escalão Avançado do QG Divisionário.

b. As unidades recebem nos Depósitos do Exército, mediante pedido aprovado pelo Oficial de Guerra Química Divisionário.

1. *Suprimento de Material de Saúde*

As unidades recebem do Oficial de Suprimento de Material de Saúde Divisionário, localizado no EM do Batalhão de Saúde ou na Companhia de Saúde em apoio.

17. *Água*

a. Grupamento Tático Blindado e Destacamento Tático aos quais esteja à disposição uma unidade de Purificação D'água, estabelecem um Ponto D'água e informam sua localização à 4.ª Seção (G-4).

b. O Chefe do Serviço de Engenharia Divisionário estabelece os Pontos D'água para as unidades que não fazem parte de Grupamentos Táticos Blindados e Destacamentos Táticos, com aprovação.

da 4.^a Seção. Normalmente uma Unidade de Purificação D'água fica à disposição do Escalão Recuado.

18. *Baixas e Evacuação*

a. *Baixas em Pessoal*

De acordo com as indicações do Chefe do Serviço da Saúde Divisionário, o Batalhão de Saúde estabelece um ou mais Postos de Socorro no eixo da Divisão, um dos quais continua em atividade, enquanto outros se deslocam de acordo com as ordens da Divisão. O Batalhão de Saúde apoia também cada elemento de combate importante, mantém ligação com o médico chefe de cada coluna e faz as evacuações dos doentes e feridos dos Pontos de Recolhimento das



unidades para o PSD. O médico chefe de cada coluna ou Grupamento Tático Blindado coordena as evacuações das ambulâncias das unidades entre os respectivos Postos de Socorro e um ponto de Recolhimento no eixo de ação. Cada unidade estabelece um Ponto de Socorro, onde os feridos são submetidos a um exame preliminar, e de onde são evacuados através do Ponto de Recolhimento, para o PSD.

b. Baixas de Veículos

(1) Evacuação pelas unidades para o Ponto Coletor de Veículos ou para qualquer Companhia de Manutenção.

(2) Socorro no campo de batalha executado pelas seções de manutenção das unidades. Localização de veículos não recuperáveis é informada ao Chefe do Serviço de Material Bélico da Divisão.

19. Recuperação de Material Aproveitável

a. Estojos de munição vazios, cunhetes e outros componentes de munição recuperáveis são remetidos para o Ponto de Suprimento de Munição do Exército.

b. Outros tipos de materias aproveitáveis, serão enviados para os respectivos locais de suprimento.

20) Material Inimigo Capturado

a. Localizações de depósitos inimigos de munição são informadas ao Oficial de Munições Divisonário, o qual, caso a situação o permita, elimina-os e propõe à 4.^a seção as providências a serem tomadas.

b. Todas as outras espécies de equipamentos inimigos devem ser remetidos pelas unidades aos respectivos locais de suprimento. Se as unidades não possuem os meios para evacuação de tais equipamentos, fazem a necessária notificação à 4.^a seção.

c. As unidades colocam guardas nos armazéns capturados, nos depósitos de víveres e gasolina e informam à 4.^a seção, a qual providencia a substituição destas guardas.

d. Material inimigo capturado é propriedade das Forças Aliadas e não de quem capturou ou achou.

e. As unidades informam sobre o material capturado no Resumo de Informações Diárias das 1200 horas e na Informação Semanal à 4.^a Seção.

21. Trens

a. O Transporte do pessoal das seções, quando estas são agrupadas no Escalão Recuado, deve ficar adido ao EM dos Trens.

b. Os veículos das unidades não necessários em combate, bem como seus elementos de serviços e trens nas mesmas condições, são controlados pela Divisão, por intermédio do Comandante dos Trens Divisionários.

c. As viaturas cozinha ficam normalmente sob o controle das unidades.

d. O Batalhão de Manutenção e o Batalhão de Saúde se deslocam de acordo com as ordens da 4.^a seção.

22. *Relatórios*

a. As Perdas de Emergência devem ser informadas à 4.^a seção pelos meios mais rápidos.

b. O Relatório Semanal da 4.^a Seção, com as alterações até sábado à meia noite, será remetido todos os domingos às 0800 horas.

c. Os Relatórios do Efetivo e os Relatórios da 1.^a Seção, com as alterações até as 1800, são remetidos ao Escalão Avançado do QG Divisionário diariamente antes das 2030.

23. *Sepultamentos*

a. Os cadáveres são evacuados pelas unidades para os Pontos de Reunião do Serviço de Registro de Sepulturas da Divisão, Corpo de Exército ou Exército.

b. Em casos de emergência, quando forem necessários sepultamentos isolados, o Oficial de Registro de Sepulturas da Unidade faz a necessária comunicação ao Chefe do Serviço de Intendência Divisionário.

24. *Zona de Retaguarda da Divisão*

a. O Escalão Recuado do QG Divisionário e o Comando e Companhia de Comando dos Trens Divisionários, constituem a Zona de Retaguarda da Divisão.

b. A 1.^a seção (G-1) designa a Zona de Retaguarda da Divisão.

a. Os prisioneiros de guerra são evacuados pelas unidades para o mais próximo Ponto de reunião de Prisioneiros constante das ordens da Divisão.

b. O Chefe do Serviço de Polícia providencia a evacuação para os locais de concentração do Corpo de Exército ou do Exército.

26. *Correio*

a. A remessa da correspondência, censurada de acordo com as ordens em vigor, é feita para a Seção Postal do Grupamento Tático Blindado pelas unidades a ele pertencentes.

b. A correspondência a receber deve ser arrecadada pelas unidades pertencentes aos Grupamentos Táticos Blindados no EM de tais grupamentos.

c. Todas as outras unidades da Divisão receberão e entregarão sua correspondência diretamente no Serviço de Correio Divisionário.

d. O Serviço de Correio Divisionário é responsável pelo recebimento e entrega da correspondência aos Grupamentos Táticos Blindados.

LIVROS NOVOS

ÚLTIMOS LIVROS EDITADOS POR ESTA
COOPERATIVA

	Cr\$
BATERIA DE ACUMULADORES — Major Archimedes de Oliveira	15,00
ARTILHARIA DE DORSO — Cap. Otavio Alves Velho	15,00
AS TRANSMISSÕES NO R. SAMPAIO — Cap. M. Castelo Branco	15,00
A BATALHA DE ROMA — Major Geraldo M. Côrtes	18,00
REGULAMENTO DE ED. FÍSICA 1. ^a PARTE — Reedição	30,00
TÁTICA DE INF. NOS PEQUENOS ESCALÕES — Ten. Cel. Chaves	16,00
LEGISLAÇÃO MILITAR — Cap. Dante Toscano de Brito	12,00
PEQUENO MANUAL DE S. CAMPANHA — Tradução	12,00
INSTRUÇÃO DE OBSERVAÇÃO NOS CORPOS — Cel. B. Gonçalves	9,00

Faça imediatamente seu pedido pelo sistema reembolsável. Aproveite a ocasião, pois, a Cooperativa lhe permite pagar parceladamente os livros de sua edição ou em consignação na sua secção de venda de livros: parcelas de Cr\$ 30 para as compras entre Cr\$ 60 e 120; 50 para as entre 120 e — e 200 e de 100 par aas superiores a Cr\$ 200. —

(Plano J para referência)

Canhões de assalto de Cavalaria

NOTAS DO C. DE CAVALARIA

1. *Característica.*

Obus de 75 mm montado em chassis de carro de combate leve (M-8); torre giratória em 360°; uma metralhadora .50 para a D. C. A.

Guarnição do veículo, 4 homens, (motoristas, artilheiro, servente, chefe de peça).

Reboca uma viatura (M-10) com a sua munição.

Características do carro, em tudo semelhantes às do carro de combate leve M-5.

2. *Organização.*

Cada peça constitui uma SECÇÃO DE CANHÕES DE ASSALTO.

Os Pelotões de Canhões orgânicos dos ESQ. CN. ASS. são constituídos por duas Secções de Canhões e uma Secção de Munição, esta transportada num carro meia-lagarta com reboque M-10. (Fig.1).

OS demais Pel. Cn. Ass. são constituídos por 3 Sec. Cn. e 1 Sec. Mun. Todos dispõem de elementos de comando e controle transportados em outra viatura meia-lagarta.

3. *Missão*

A missão principal desses canhões é o acompanhamento imediato às pequenas unidades. Neste papel eles aliviam a Artilharia de algumas missões dessa natureza mas não a substituem.

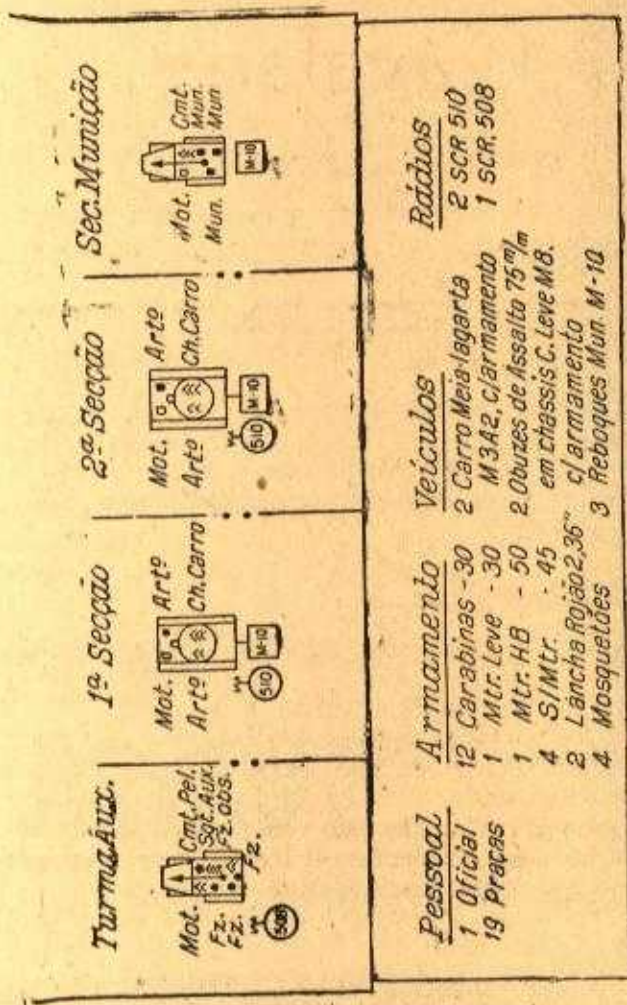


Fig. 1 - Organização do Pel. Cn. Ass. (do Esq. Cn. Ass.)

4. Emprêgo.

Geralmente são empregados por SECÇÕES isoladas, reforçando os pelotões de reconhecimento.

São empregados em conjunto, PELOTÕES ou mesmo ESQUADRÕES para constituírem parte de BASES FÓGOS, ou para apoiar ações de força dos Esq. de Reconhecimento ou das Cias de Carros leves.

Podem fazer tiro DIRETO ou INDIRETO; naquêles, exigem menos tempo para a abertura do fogo e se gasta menos munição, tem entretanto a desvantagem de expô-los aos tiros e à observação inimigos, o que implica em freqüentes mudanças de posição (atirar da crista e recuar, é um dos processos); neste, gasta-se mais tempo e mais munição, mas o canhão não fica tão exposto, exige, entretanto meios de observação e de transmissão que só nos grupamentos maiores são encontrados.

A necessidade de apresentar apóio imediato às unidades de ataque torna normal o tiro DIRETO, excepto nos ataques iniciais ou quando apoiam o ataque de infantaria (questão de velocidade).

5. Meios de Transmissão.

Radiofonia, sinalização e mensageiros.

Cada secção dispõe de um radio SCR 528 (10 Km, Fonia, F.M.) e os carros são equipados com aparelhos de Interfone para entendimentos da guarnição.

A Secção de Cmdo. está equipada com um SCR 510 (8 km., Fonia, F.M.).

6. Símbolos.

Carros meia-lagarta (Cmt. do Pel.)

Carro meia-lagarta (de Munição), com reboque M-10

Canhão de assalto 75mm., em chassis M-8, com reboque M-10

7. Posição de tiro (Fig. 2)

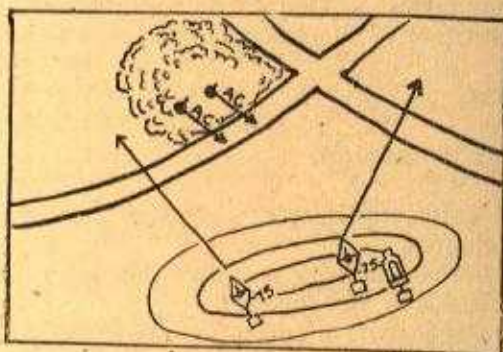
PRINCIPAL — donde o Pel. desempenha sua missão principal.

ALTERNADA — donde o Pel. poderá desempenhar sua missão principal si a primeira por qualquer motivo tiver se tornado insustentável.

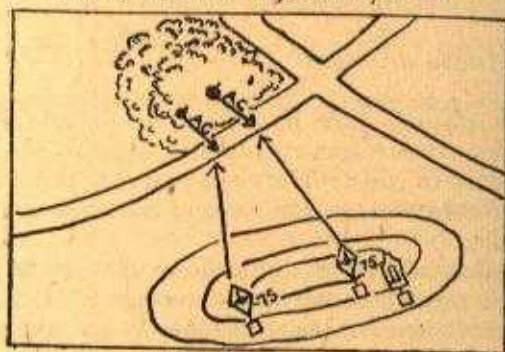
Os Cmts. de Secção se mantem em ligação contínua com Cmt. do Pel. e observam seu sector para poder bater alvos fugazes que apareçam.

12. Marchas.

Durante o movimento nas proximidades do inimigo o Cmt. do Pel. move-se em sua meia-lagarta junto do Cmt. do R.C.. Deve ser manter ao par da situação e aconselha o Cmt. quanto



Não atire sobre objetivos gerais.



Atire sobre pontes para destruí-las
Fig. 3 - Objetivos para os Cn. Ass.

ao emprêgo de sua unidade.

13. Estacionamentos.

Sua área de estacionamento é designada pelo Cmt. do R.C.

Deve ser coberta, protegida, de fácil acesso e saída e, em geral localizada junto ao Esq. Cmdo.

14. *Dejeza do estacionamento.*

Logo que chegado ao estacionamento o Cmt. do Pel. toma medidas locais de segurança de manutenção, remuniciamento, reabastecimento de gasolina, víveres, etc..

O Pel. pode ser usado nos estacionamentos para barrar os caminhamentos favoráveis ao inimigo.

Após conhecer o Plano Geral da dejeza, Cmt. do Pel. lá a situação para o Pelotão, e:

- escolhe as posições, principais, alternadas e suplementares,
- reconhece os caminhamentos para essas posições,
- estabelece medidas de segurança, de vigilância do ar e terrestre, contacto com as unidades vizinhas e de conduta em caso de extrvaios,
- pede ao Cmt. as providências necessárias para derimir as falhas em sua própria segurança,
- registra num calco sua posição e fornece detalhes sobre seu P.C. e sobre o Cmt. d oR.C.

15. *Ofensiva.*

O Pel. de canhões faz uso de sua blindagem e mobilidade para fornecer contínuo apóio imediato à unidade apoiada.

As seções e o pelotão são empregados principalmente contra pontos e alvos pequenos a pequenas distâncias, em tiro directo.

Os canhões da Vg. em geral marcham com o Esc. Cb. Uma seção da Vg. Reforçam as B. F.

16. *Preparação para o ataque.*

Exceto no combate de encontro as tropas normalmente ocupam uma area de reunião enquanto são feitos os planos.

O Pel. é conduzido para a area de reunião pelo substituto do Cmt. do Pel. enquanto este recebe ordens. Na área de reunião são tomadas medidas de segurança, os veículos são inspecionados e reabastecidos, a munição é verificada e si necessário re completada, tudo é feito para aprontar o Pel. para o combate.

O Cmt. do Pel. recebe instruções iniciais do Cmt. da unidade a que apoia,

- reconhece as posições e os caminhamentos que a elas conduzem
- estuda a carta para determinar outras posições
- faz detalhados planos para emprego de seu Pel.
- dá ordens detalhadas ao Pel.

- quando houver tempo cada Cmt. de seção reconhecerá sua posição principal
- verifica-se o Pel. está pronto para o combate.
- avisa o Cmt. da tropa apoiada que está pronto.

17. *Movimento para as posições de tiro.*

O Pel. deve estar em posição na hora de início do ataque.

Si se vai fazer fogo direto, os canhões movem-se para as proximidades da posição, ocupando a posição no momento dado.

Si se vai fazer fogo indireto os canhões devem ser postos em posição no horário desejado.

Quando as posições são protegidas por destacamentos de segurança, o Pel. pode mover-se diretamente até elas, sem ligação com as unidades de ataque. Si isto não se der os canhões seguem os esquadrões de ataque.

Quando o regimento avançar em formação desenvolvida o Pel. se move dentro desta formação dirigido pelo Cmt. do R. Ele vai em condições de entrar em posição e abrir fogo rapidamente.

Pode ser solicitado para apoiar as tropas de cobertura.

18. *Conduta do ataque.*

O Pel. de canhões apoia por fogo indireto, si houver tempo para a preparação. O Pel. entra em posição no ultimo momento. As seções podem parar atrás das posições e somente entrar em bateria quando o alvo aparecer.

O Cmt. do Pel. mantém-se em ligação direta com o Cmt. do R. e com as seções de canhões.

Ele constantemente observa a zona do R. em busca de alvos e pronto para atender qualquer ordem do Cmt. do R.

Enquanto o ataque progride o Pel. é deslocado de modo a fornecer continuamente apoio de fogo; para isto o deslocamento é feito por seção.

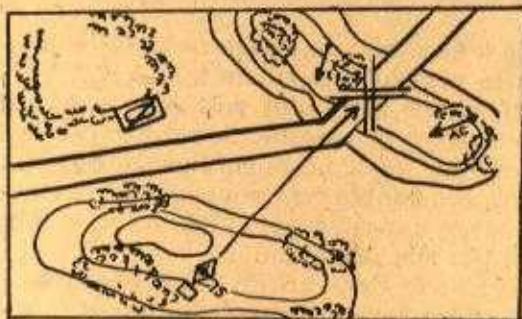
O Pel. pôde apoiar o R. com fogo indireto de posições desafiadas; o Cmt. do Pel. regula o fogo. As posições devem ser escolhidas para apoiar o R. e repelir contra-ataques si necessário por fogo direto.

No avanço relativamente moroso do ataque a pé, o Pel. normalmente emprega o fogo indireto, posto que tal morosidade os poderia expor por longo tempo, si agisse por fogo direto.

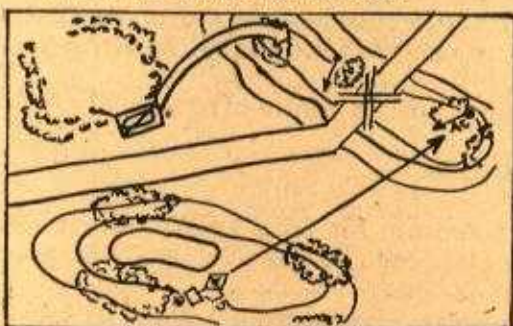
Frequentemente o Cmt. do Pel. retira o radio do seu veículo do Cmt. e avança com ele para um observatório.

19. Na perseguição.

O Pel. pode perseguir pelo fogo, direto ou indireto; reforçar os fogos de uma força de perseguição, fogo indireto em reforço do art. ou em apoio imediato das outras armas; destruir obstáculos; apoiar uma força envolvente.



*Si estiver em apoio de elemento blindado
Não atire em Mtn ou barricada*



Neutralize A.A.C. Os blindados se encarregam de manobrar para neutralizar Mtn e atiradores.

Fig. 4-Cn. Ass. em reforço a blindados.

20. Na defesa.

Seu fogo é combinado com o de outras armas no apoio direto. O tiro indireto é o usado na defesa exceto no fogo contra alvos fugazes.

Posições alternadas e suplementares devem ser escolhidas, bem como abrigos de cobertas devem ser organizados.

Quando possível o observatório deve ser ligado a posições de tiro por telefone assim como o Pel. ao Cmt. do R. C.

São feitos depósitos de munição junto às posições.

Embora os tiros indiretos sejam os normais, as posições devem ser escolhidas de forma a permitirem fogos diretos, em caso de emergência.

21. *Conduta da defeza.*

Durante a execução da defeza os canhões são, empregados em tiro contra pessoal, e auxiliam a D.A.C.

Tiros afastados são feitos pela Art. e, só raramente são feitos pelos canhões de assalto, de reforço da Cavalaria.

O Cmt. do Pel. mantém-se em ligação estreita com o Cmt. do R. Observa constantemente seu setor. Abre fogo prontamente sobre os alvos indicados pelo Cmt. do R. e sobre os objetivos fugazes, por sua iniciativa.

Entretanto não deve atirar sobre objetivos que já estejam sendo batidos pela art. e por morteiros.

Si o inimigo penetra na posição, os canhões abrem fogo sobre eles; para isto podem mudar de posição.

O Pel. retrairá somente por ordem, do Cmt. do R.; o retraimento é usualmente feito por lanços de modo a manter continuo apôio.

Os canhões apóiam contra-ataques.

22. *Retraimento.*

Si o retraimento fôr feito à noite, os canhões podem ser usados para abrir fogo de posições escolhidas sobre alvos previamente escolhidos.

Para facilitar o retraimento à noite, os tanks podem atacar objetivos limitados ao cair da tarde. Os canhões apoiam tais ataques.

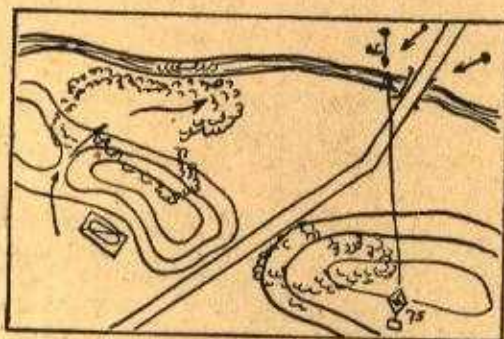
Em retraimentos de dia os canhões são usados para cobrir o retraimento. Os alvos são concentrações de tropas e tanks. O Pel. retrai por lanços.

23. *Ação retardadora.*

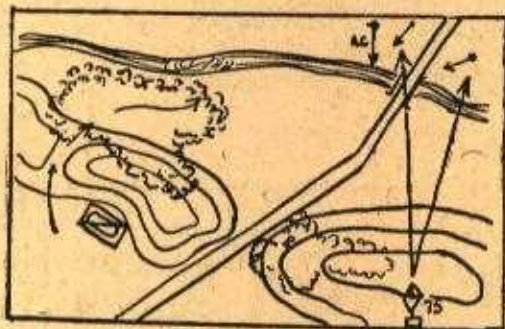
Nesta operação os canhões são usados como no retraimento.

24. Sumario.

- São obuzes 75mm. montados em chassis de carro leve M - 8;
- Missão principal é o apoio imediato às pequenas unidades de Cavalaria, tomando a si alvos fugazes, que possam dificultar o cumprimento da missão daquelas unidades;



Não atire contra AAC quando em apoio a elem. a pé.



Neutralize Mtr..Elas constituem embaraço para os elementos a pé.

Fig. 5- Cn.Ass.em reforço a elem. a pé.

— Não se destinam a substituir a artilharia, cujo efeito de massa não pode ser esquecido, mas podem aliviar e reforçar suas ações;

— Fazem normalmente tiros diretos, embora mais perigosos e expostos;

— Tiros indiretos exigem preparação mais demorada e só são aplicáveis nos casos dos ataques iniciais de uma ação,

ou no caso de apóio à infantaria (ou Cavalaria combatendo a pé);

— Devem ser escolhidas vários observatórios para fugir a localização inimiga;

— Os objetivos principais são aqueles cuja destruição é necessária para que a unidade apoiada possa cumprir sua missão;

— Muitas vezes o Cmt. do Pel. tem necessidade de retirar o ap. de radio do seu carro meia-lagarta e avançar com ele a pé para observatórios de onde possa melhor coordenar os fôgos de suas seções;

— Mesmo na defensiva, só muito raramente os canhões de assalto tomam parte no repertório de tiros afastados da artilharia; eles são reservados para os inópinados, tão frequentes nessas ocasiões, e para cumpri-los, as seções muitas vezes têm de empregar seus tiros diretos, mascarando-se ou abrigando-se em seguida.

— Nos retraimentos e nas ações retardoras, eles são particularmente aptos para apoiar os contra ataques de desaferamento, ou para bater as concentrações inimigas.

25. Referências.

F.M. — 17-25

F.M. — 17-69

F.M. — 17-42

F.M. — 2-30

MOVEIS — TAPEÇARIAS ORNAMENTAÇÕES

Decorações Artísticas

TAPEÇARIAS SOUZA BAPTISTA S. A.

9 e 11, LARGO DA CARIOCA, 9 e 11

FONES	Escritório	22-4611
	Oficial	2-063
	Decorações	22-0640
	Loja	42-1993

End. Tel. "SOUTISTA"

RIO DE JANEIRO

Nova evolução da D. I. Americana

Major *PAULO DE QUEIROZ DUARTE*

As reflexões após-guerra têm induzido os responsáveis pela eficiência do Exército Norte-Americano a introduzir modificações essenciais na estruturação de suas grandes unidades.

Comissões especiais, integradas com o objetivo de estudar novos tipos para essas grandes unidades básicas têm ao que parece, chegado a um resultado concreto.

Desejam tais planejadores dar às divisões, em face da evidência de certas deficiências, maior autonomia relativa, ampliando-lhes a auto-suficiência, pela inclusão em arcabouço, como elementos orgânicos, certas unidades do escalão superior e que, no curso dessa última guerra, em diferentes eventualidades, foram constantemente solicitadas para apoiá-las em ações evidentemente normais.

A fórmula final visando a ampliação dessa auto-suficiência conseguiu aumentar extraordinariamente a potência de fogo, a ação de choque, a flexibilidade, e finalmente a manobrabilidade das divisões, com um acréscimo relativamente pequeno do efetivo em homens. E, muito embora, as novas divisões sejam maiores que as antigas, seus efetivos são menores que os daquelas acrescidos das unidades de reforço temporário.

A inclusão de unidades específicas nos organismos das divisões corresponde á uma economia nas tropas do Corpo e do Exército e, com isso, no tempo da paz, pode o Cmt. de uma grande unidade treiná-la, empregando frequentemente certas unidades específicas que, normalmente, não lhe pertenciam, mas que delas continuamente necessitou em apóio às operações mais comuns que teve de empreender. Além disso, a modificação em estudo, proporcionará às divisões um notável aumento de flexibilidade e aos respectivos comandos maior facilidade de controle.

A NOVA DIVISÃO DE INFANTARIA

A nova D. I. (vêr esquema 1) é mantida como unidade básica de combate de um exército terrestre. De organização

mutavel, é capaz de fácil conversão e de rápidos deslocamentos com o concurso do automóvel, avião ou navio; bem como, apropriada às condições especiais de terreno ou de clima, (combates em florestas, montanhas, regiões frias etc.).

Seus efetivos de guerra têm sido aumentados de um pouco menos de 15 mil a quasi 18 mil homens, (exatamente 17.710).

As alterações mais importantes são as seguintes:

- (1) inclusão de um B.C.C. (carros médios), como elemento orgânico da divisão;
- (2) inclusão de um Gr. A. A. Ae., como elemento orgânico da divisão;
- (3) a inclusão de mais dois canhões em cada bateria de fogo (aumentando de 50% a artilharia de campanha da A. D.);
- (4) redução do efetivo do G.C. de 12 para 9 homens;
- (5) inclusão de uma cia. de carros por Btl. de I., em substituição às antigas Cias. Anti-Carros;
- (6) inclusão de uma Cia. de Morteiros Pesados, por btl. de I., em substituição à antiga Cia. de Canhões. Essas cias. serão equipadas, temporariamente, com morteiros químicos de 4.2 polegadas.
- (7) maior dotação de armamento automático e canhões sem retrocesso, nos btls. de I.;
- (8) inclusão de mais uma cia. orgânica e um pel. de equipagem de ponte no btl. de E.;
- (9) inclusão de uma Cia. de Recompimento no Q.G. da divisão.

Não obstante não terem sido ainda aprovadas as tabelas de organização e equipamento dessa nova D.I., adiantaremos mais alguns informes referentes às unidades orgânicas dessa grande unidade.

A-CIA. DE FUZILEIROS. Ao todo em número de 27, ainda conservam os três pels. de fzos., o pel. de petrechos, e a sec. de cmdo. O pel. de fzos. dispõe de três grupos, reduzidos de 12 para 9 homens. Isso porque a experiência em todos os teatros evidenciou que nove homens, são, aproximadamente, o máximo que um comandante de G.C. pôde dirigir eficientemente em combate. O cmt. do grupo, um sgt. armado com fuzil, é auxiliado por um cabo, também armado com um fuzil; um cabometralhador com um BAR. (fuzil automático Browning), um

municiador armado com um fuzil e cinco fuzileiros, um dos quais disporá de uma lança-granadas; constituem a unidade elementar da Infantaria. Além disso, como base de fogo para os 3 grupos, o cmt. do pel. contará com um grupo de petrechos de 9 homens equipados com uma mtr. leve e um lança-rojão de 3,5 polegadas. Assim, o número de homens por pel. é aproximadamente o mesmo do pel. que atuou na última guerra.

Apoiando os pels, de fzos. Ja no âmbito da cia., existirá o pel. de petrechos, que tem passado, em praso relativamente curto, por grandes transformações. Será constituído de uma secção de morteiros de 60 mm, com 3 peças de 5 homens e, o que é muito importante, de uma sec. de canhões de 57mm, sem retrocesso, com 3 peças idênticas. Cada uma dessas secções é comandada por um sgt.

B— CIA. de PETRECHOS PESADOS (uma por btl. de I.)

— A cia. petrechos pesados foi reforçada, notadamente em sua potência de fogo, muito embora tenha perdido um dos seus pels. de metralhadoras. Substituindo o segundo, terá um pel. de canhões de 75 mm, sem retrocesso.

O pel. de mrts. além disso contará com dois-lança-rojões, pois cada uma das secs. agora apenas disporá de duas peças de 81 mm, em lugar de três como anteriormente.

O pel. de mrts. além disso contará com dois-lançasrojões e três radios SCR-300 no seu grupo de cmdo.

O pel. de mtrs. (calibre .30), terá duas secções de duas peças, de 8 homens cada. Não obstante, em face do que foi evidenciado pela maior parte das cias. de petrechos pesados, cada guarnição de peça disporá efetivamente de duas armas, uma metralhadora pesada e uma leve; a pesada para emprego nas situações estaveis, quando se impõe a máxima potência de fogo e mais fácil é o próprio serviço da arma, a leve para as situações de franco movimento, quando a pesada, refrigerada com água fria, torna-se prejudicial á ação. A sec. de cmdo. da cia. terá dois lança-rojões.

O pel. de canhões de 75 mm, sem retrocesso contará com duas secções de 2 canhões cada uma. A sec., em lugar de ser bi-partida em peças, será empregada completa, sob o cmdo. de um sgt. que comandará diretamente ambos os canhões, cada um dos quais manejado por um cabo. Disporá esse pel. de um caminhão de 1 1/2 ton. com reboque, por peça, além de um radio S. C. R-300 no grupo de cmdo. de pel.

C-CIA DE CMDO. DO BTL. DE I. A cia. de cmd do btl. perdeu seu pel. anti-carro. Não obstante seu pessoal permaneceu essencialmente o mesmo, com excepção de cmt. da cia. e

o S-1 do btl. que agora passarão a ser dois indivíduos distintos. Nessa última guerra ambas as tarefas foram desempenhadas por um mesmo oficial.

D-CIA. de MORTEIROS PESADOS DO REGIMENTO.

A nova cia. de mrts. pesados do regimento veio substituir a antiga cia. de canhões e, até que haja disponibilidades de material melhor, ficará a cia. armada com os morteiros químicos de 4.2 polegadas. Organicamente disporá de 8 desses morteiros, reunidos em 2 pels. de 4 peças de 8 homens cada uma. O chefe de peça será um sgt. e seu atirador um cabo; terá mais: um municionador, três remuniciadores e 2 motoristas de jeep. Cada pel. terá 2 oficiais e um meteorologista no seu grupo de cmd., além dos demais elementos, comuns e indispensáveis ao emprego dessa fração. Na seção de comando da cia., além do pessoal usual, existirão: um oficial da previsão do tempo e um sgt. meteorologista.

E-CIA CARROS DO REGIMENTO. Em substituição à antiga cia. Anti-Carros Regimental no novo R. I. existirá uma cia. de carros médios, idêntica à cia de carros médios de uma Divisão Blindada. Consistirá essa cia. de 4 pels. de carros, cada um dos quais constituídos de cinco tanques M 26, artilhados com um canhão de 90-mm. O M26 artilhado com um canhão de 90-mm. O M26 é o tanque "Pershing" de 45 ton., recentemente reclassificado com um carro médio.

O pel. de cmd. da cia. inclui uma sec. de manutenção, uma sec. de administração, rancho e suprimentos e finalmente uma sec. de cmd. Nessa sec. de cmd. existem dois tanques M45, artilhados com canhões de assalto de 105-mm.

F-CIA. DE SERVIÇOS DO REGIMENTO. A cia. de serviços do R. I. agora consistirá de dois pels; o pel. administrativo, contendo a sec. do pessoal, a sec. de suprimentos e a sec. de registros de sepulturas, e o pel. de transportes que compreende: o cmd. do pel., uma sec. de cmd. da cia., uma sec. da cia. de carros, uma sec. de manutenção de tanques, uma sec. da cia. de mrts. pesados e, finalmente, uma sec. para cada um dos três btls. de I. do regimento.

G-CIA DE CMD. REGIMENTO. O cmdo. e a cia. de cmdo do R. I. foram substancialmente aumentadas em tamanho e encargos. Além do E. M. normal que dispõe de três oficiais adidos como elementos de ligação, há uma sec. de cmdo. regi-

mental, incluindo um oficial orientador que também é um assistente do S-3, e um oficial de atletismo e recreação. São elementos orgânicos dessa sub-unidade: o pel. de transmissões que foi grandemente ampliado em ambos os recursos de rádio e telefones; o pel. de Reconhecimento e Informações que dispõe de três grupos de 10 homens. Um pel. de Polícia Militar de três grupos de 10 homens foi adicionado à cia. de cmdo. O pel. de minas antitanques da antiga cia. anti-carros regimental faz agora parte da cia. de cmdo.; também foram adicionadas: uma secção aérea que dispõe de um avião de ligação e uma secção de procura e localização dos órgãos de fogo do inimigo equipada com engenhos eletrônicos sonoros que dispõe de três grupos, um por btl., de 7 homens.

H-CIA. DE SAÚDE REGIMENTAL-O antigo destacamento de saúde regimental deu lugar à cia. de saúde, chefiada por um major, as secções de padioleiros dessa nova sub-unidade foram retiradas das cias. de evacuação do btl. de saúde da Divisão. A cia. possui agora um pel. de recolhimento de feridos constituído de: uma sec. de saúde uma sec. de padioleiros e uma sec. de ambulâncias. Existem três pels. de padioleiros, (um por btl. de I.) cada um dos quais chefiado pelo médico chefe do serviço de saúde do btl.

ARTILHARIA DIVISIONÁRIA-A artilharia divisionária ainda consiste em três batalhões de obuseiros de 105-mm e um de 155-mm. Todavia, seu poder de fogo foi grandemente aumentado (50%), pelo acréscimo de cerca de 14% de homens e mais dois canhões por bateria de fogo, num total de 6 bocas de fogo por bateria. Esse aumento deu à A.D. 54 obuseiros de 105-mm e 18 de 155-mm.

Outro elemento novo e agora orgânico é o Gr. de A. A. Ae., com 4 baterias de fogo, equipadas com canhões duplos, auto-propulsados de 40-mm e quádruplas metralhadoras de torre, calibre 50. O equipamento radar tornou-se agora elemento orgânico do cmdo. da AD.

BATALHÃO DE SAÚDE DA DIVISÃO-O novo btl. de saúde da divisão foi grandemente reduzido em tamanho e esfera de ação. Agora consiste ele de uma cia. de cmdo., uma cia. de ambulâncias e uma cia. de triagem de feridos. As velhas cias. de evacuação não mais existirão, seus padioleiros foram transferidos para as cias. de saúde regimentais.

BATALHÃO DE ENGENHARIA DA DIVISÃO — Esta unidade recebeu o reforço de mais uma cia. idêntica às demais; assim, cada G.T. regimental poderá contar com uma força de engenharia e a divisão dispôr da cia. restante para tarefas ou trabalhos inerentes à engenharia e que não sejam propriamente da frente de combate. Um pel. de equipagem de ponte foi adicionado ao btl. para os trabalhos de pontagem que até agora eram feitos por tropas do Corpo ou do Exército.

QUARTEL GENERAL DA D.I. — A principal alteração no Q.G. da DI foi a incorporação de uma cia. de re completamento, dispondo de um oficial e 31 praças para receber e opinar sobre as substituições. Três aviões de ligação foram dados ao equipamento do Q. G. da D. I.

ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA D.I. — O esquadrão de reconhecimento da D. I. dispensou os carros de reconhecimento (scout cars) e as motocicletas e receberá em substituição carros blindados leves.

COBRASMA

COMPANHIA BRASILEIRA DE MATERIAL FERROVIÁRIO

FUNDIÇÃO DE AÇO E FERRO

TRUQUES, ENGATES,

APARELHOS DE CHOQUE,

RODAS DE FERRO COQUILHADO, etc.

FABRICAÇÃO DE MOLAS DE AÇO

E MONTAGEM DE CARROS E VAGÕES

SEDE — SÃO PAULO

Rua João Bricola, 24 - 11.º e 12.º and. - Edifício Banco do Estado

Telefone: 3-7131 — Telegramas: COBRASMA

FILIAL — RIO DE JANEIRO

Avenida Erasmo Braga, 227 — 7.º and.

Telefone: 22-6467 — Telegramas: COBRASMA

OFICINAS: OSASCO — TEL. 75

Introdução ao Curso de Cavalaria

E.E.M. — 1947

Major AROLD RAMOS DE CASTRO

I — APRESENTAÇÃO DO CURSO

Iniciando o ano letivo de 1947 focalizaremos preliminarmente e com a finalidade de orientar os Srs. Officiais-Alunos recentemente matriculados nesta Escola, a natureza, progressividade e objetivos dos ensinamentos que nos propomos ministrar.

Durante os três anos que constituem o Curso de estado-maior, em obediência às Diretrizes traçadas pela Direção do Ensino deste Estabelecimento, desenvolveremos um programa de trabalho cuja finalidade pôde ser resumida da seguinte forma:

— Proporcionar aos futuros oficiais de estado-maior os conhecimentos indispensáveis sobre as características e condições de intervenção e de emprêgo das Unidades de Cavalaria na batalha. As diferentes fases do ensino serão constituídas didaticamente por determinados objetivos parciais, correspondentes à cada um dos anos de tarefa escolar e de conformidade com a seguinte orientação.

A) — No 1.º ANO:

O ensino visa essencialmente ministrar os conhecimentos que todos os oficiais de estado-maior devem possuir, sobre as características, organização geral e emprêgo das Unidades de Cavalaria. Dessa maneira realizaremos:

- 1) — O estudo da forma de execução das missões táticas atribuídas às unidades básicas da Cavalaria, seja no âmbito da DI — tipos 1 e 2 (Esq. Rec.), seja no da DC (RC e RCM).
- 2) — A redação de ordens e outros documentos indispensáveis ao acionamento das mencionadas unidades básicas, por parte dos respectivos comandantes.

Assim, no 1.º Ano, o objetivo visado é, em última análise, dar aos futuros oficiais de estado-maior através exercícios em sala e no terreno um conhecimento pormenorizado sobre a forma de execução e a conduta do combate das unidades básicas da Cavalaria.

B) — NO 2.º ANO:

Os esforços do nosso trabalho residirá no exame dos elementos essenciais para o estabelecimento de uma DECISÃO, no âmbito da DC, operando, seja no quadro do Exército, seja mesmo do CQG.

Com os conhecimentos adquiridos nos 1.º Ano, relativos a *técnica operativa* das pequenas unidades de Cavalaria, abordaremos então, as condições gerais que regulam o acionamento de uma G.U. da Arma, realizando para tanto um duplo trabalho:

- a) — de Cmt. da G.U. — materializado pela elaboração de uma DECISÃO, áto pelo qual o CHEFE estabelece as condições de intervenção da sua G U para o cumprimento de uma MISSÃO que lhe foi atribuída;
- b) — de ESTADO-MAIOR, pelo preparo, redação e organização de ordens, decisões e planos que materializam a DECISÃO.

Assim, no 2.º Ano, o Curso de Cavalaria atuando em perfeita comunhão de idéias com o de TÁTICA GERAL, procurará desenvolver as faculdades de concepção dos Srs. Oficiais-Alunos, em particular:

- a) — quanto ao emprego por parte do Cmt da DI, da unidade de Cavalaria orgânica da mesma (Esq Rec).
- b) — quanto à DC, no que concerne à manobra da GU.

C) — NO 3.º ANO:

No último ano do Curso de estado-maior a finalidade dos nossos trabalhos será consolidar os conhecimentos adquiridos.

Estudaremos ainda o C. Cav. e bem assim, no âmbito do C. Ex., o emprêgo da unidade de Cavalaria que normalmente lhe é atribuída (R. Rec. de C. Ex.).

II — ORGANIZAÇÃO E MEIOS ATUAIS DA CAVALARIA

A) — EVOLUÇÃO DOS MEIOS

A Guerra de 1914-1918, marcou para a Cavalaria um período crítico para a sua sobrevivência em futuros conflitos.

O aparecimento de poderosos órgãos de fogo e dos primeiros engenhos blindados, comprometeram de maneira decisiva a estrutura tradicional da Arma.

A sua característica essencial — MOBILIDADE — que lhe dava em consequência extraordinárias possibilidades de manobra, se encontrava então, quasi inteiramente eliminada.

Diante da extraordinária evolução da técnica ao serviço da "arte da guerra", teve a Cavalaria, mais uma vez, de adaptar-se às contingências do momento, sem perder entretanto de vista, ser a *velocidade* um dos complementos da surpresa, o aspecto básico da sua organização.

Reforçando como fez a sua potência de fogo e adotando o motor, conseguiu assegurar não só a sua capacidade combativa como também as características integrantes do movimento: rapidez, duração, flexibilidade e precisão.

Ademais, a associação do cavalo e do motor, base estrutural das nossas GU de Cavalaria é, sem dúvida, uma feliz solução, não só para a Arma, que teve apreciavelmente ampliadas as suas possibilidades, como também para as condições geográficas, industriais e econômicas brasileiras.

A conservação do cavalo, meio de transporte e arma do cavalariano, permitiu à G. U. de Cavalaria manter e mesmo ampliar a sua tradicional FLEXIBILIDADE, dadas as ponderáveis servidões apresentadas pelos engenhos moto-mecanizados e dentre as quais avultam de importância:

- a dependência em que se encontram da existências de boa rede de comunicações
- a manutenção permanente que exigem
- o grande consumo de carburante.

O cavalo, embora apresente igualmente servidões, tais como cuidado na seleção, trato e adestramento, pela sua sobriedade e resistência à fadiga obtida por um trabalho metódico e contínuo, tem possibilidades de vencer distâncias apreciáveis em períodos de tempo relativamente curtos:

40 Kms	— em uma jornada
100 "	— em 24 horas
200 "	— em 72 horas.

Apezar de menos veloz que os elementos moto-mecanizados apresentam os elementos hipomóveis duas condições relativas à MOBILIDADE que lhe conferem, quanto às suas servidões, um saldo sobre aqueles, bem apreciável, e que são:

- aptidão de deslocamento em qualquer terreno e em qualquer tempo.
- extrema mobilidade, mesmo em terreno difícil.

A adoção por parte da Cavalaria de importantes meios de fogo bem como de rápidos meios de transporte moto-mecanizados, deu-lhe extraordinárias possibilidades.

Operando isoladamente ou no quadro do C. Cav. é capaz de ações de grande envergadura e cujas características essenciais podem ser assim resumidas:

- grande raio de ação;
- apreciável capacidade combativa ofensiva ou defensiva;
- extraordinária aptidão para a manobra.

Entretanto, a Cavalaria moderna, dada a sua complexidade de organização, requer, por parte daqueles incumbidos da sua formação, pre-

paro e emprêgo, uma apreciável soma de conhecimento e da parte dos seus quadros e da sua tropa, elevado grau de instrução, desenvolvido espírito de iniciativa e sobretudo uma confiança inquebrantável no seu próprio valor.

O grande conflito que convulsionou o Universo demonstrou, que o papel da Cavalaria na batalha é ainda insubstituível; moto-mecanizada e mesmo hipomóvel, como no teatro de operações da Rússia, teve intervenções decisivas:

- no preparo da batalha e do combate, arrematando-o em caso de sucesso.
- fechando o campo de luta, em caso de revés.

Das opiniões de destacados Chefes militares Russos, quanto ao emprêgo da Cavalaria transcrevo as seguintes palavras do Marechal Voroshilov:

“A Cavalaria durante a guerra contra os nazistas manteve-se em alto conceito, apresentando-se como modelo de organização e instrução tática. Nossos combatentes de Cavalaria souberam combinar habilmente sua instrução especializada de cavaleiro com os meios mecanizados de luta”.

Finalizando poderemos concluir dizendo:

- 1) — A Cavalaria longe de desaparecer com a moto-mecanização dos exércitos, dada a sua moderna organização, continuará a ter uma função importantíssima, perfeitamente adaptável ao cenário dos atuais campos de batalha.
- 2) — Em virtude da sua mobilidade e armamento é forte na defesa e no ataque.

B) — ORGANIZAÇÃO E POSSIBILIDADES DOS MEIOS ATUAIS DE CAVALARIA

A ORGANIZAÇÃO da Cavalaria em face do que foi exposto anteriormente deve subordinar-se aos princípios que se seguem:

- 1.º) — Possuir uma velocidade superior aos demais elementos de uma GU de que faz parte, a fim de atender, em particular, as MISSÕES que lhe são normalmente atribuídas na fase que precede a BATALHA (SEGURANÇA e BUSCA DE INFORMAÇÕES).

QUADRO I —

D.I. TIPO I		D.I. TIPO II		C. EX.		EX.
ESQ. REC.DI.	GROS- SO	ESQ. REC.DI.	GROS- SO	R. REC.	GROSSO	—
Até 40 kms.	25/30 kms.	Até 40 kms.	4 kms.	Até 40 kms.	25/30 ou 4 kms. con- soante as suas G.U. integrantes sejam dos tipos 1 ou 2	A D.C. só poderá o- perar como órgão de segurança quando as G.U. forem do tipo II.

2.ª) — Ter uma forte dotação de engenhos contra carros.

QUADRO II —

MATERIAL	ESQ. REC. DE DI.	R. REC.	R. C.	ESQ. CAV.	R.C.M.	D. C.
Cn. 37	12	37	4		12	65
Cn. 105 c.		18				18
Lança Rojão	4	28		2		76
TOTAL	16	73	4	2	12	159

3.ª) — Possuir uma capacidade de investigação, no mínimo igual à frente de desdobramento da GU em proveito da qual trabalha.

QUADRO III —

FRENTES DE DESDOBRAMENTO		FRETE DE INVE- STIGAÇÃO		OBSERVAÇÕES
		ESQ. REC.	R. REC.	
D.I.	15 kms.	18 kms.	—	1) — Base teórica: — 2 kms. por patrulha. A capacidade de in- vestigação da D.C. é dada pelo R. Rec.
C. EX.	30 kms.	—	50 kms.	

- 4.º) — Dispor de elementos capazes de apoiarem uma ação de força para *precisar* a informação

QUADRO IV —

D. C.	R. REC.	R. C.	ESQ. CAV.	ESQ. REC. II
3 Gr. Art. R. C. M.	1 Cia. C.L. 1 Esq. C. Ass.	Esq. Ptr. Pes.	— Sec. Mrt. 60 — Sec. Lança rojão.	Grande capacidade de manobra do material e apreciável densidade de arma pesada que possui (cn. 37, mort. 160 mm. lança-rojão e mtrs. p. 36).

- 5.º) — Ter capacidade de enquadramento de reforços

QUADRO V —

D. C.	R. REC.	R. C.	ESQ. R. DI.
— Cmdo. — Sub. Cmt. — 2 Cmts. Bda. — 1 Cmt. da Art. — 1 Cmt. da Eng. — 1 Cmt. Trans. — Chefias de Serviços	— Cmdo. — Esq. Cmdo. — Elemento de Trns.	— Cmdo. — Esq. Cmdo. — 2 Cmt. de Ala. — Elemento de Trns. — Chefia de Serv.	— Cmdo. — Pel. de Cmdo. — Elemento de transmissão.

IV — PAPEL DA CAVALARIA E SUAS MISSÕES ESSENCIAIS

1 — Para bem compreendermos as Grandes Missões da Cavalaria e as Regras Gerais de seu emprego, é interessante examinarmos os Princípios de Guerra e que são:

- 1.º) — O EMPRÉGO DA MASSA ou da IMPOSIÇÃO DA VONTADE que consiste em ser o mais forte no ponto e no momento desejado;
- 2.º) — O PRINCÍPIO DA ECONOMIA DE FORÇAS que reside em dosar os meios de acordo com a missão a cumprir ou com o objetivo que se tem em vista alcançar.

3.º) — O PRINCÍPIO DA SEGURANÇA que implica na *conservação da liberdade de ação*.

Em resumo: para empregar sua massa de manobra onde deseja (IMPOSIÇÃO DA VONTADE), precisa o Chefe dispôr de liberdade de ação. (SEGURANÇA). Este ambiente de segurança é proporcionado pelo emprêgo de meios mínimos de acordo com a missão (ECONOMIA DE FORÇAS).

O órgão de Segurança é, por isso, uma parcela da massa em proveito da qual trabalha, proporcional a ela e às modalidades de seu emprêgo.

A SEGURANÇA sendo uma necessidade permanente em qualquer ação de guerra exige, em virtude da natureza e características de que se revestem as operações, elementos especialmente a ela destinados. A maneira de tornar económico um tal elemento que tem finalidades prefixadas nas operações terrestres, é ESPECIALIZARLO, porque assim sofrerá menor desgaste.

Este órgão especializado terá de atender às seguintes características:

- 1.º) — ser móvel bastante para compensar o retardamento decorrente da investigação e não prejudicar o deslocamento da Unidade de que faz parte;
- 2.º) — possuir uma *potência de fogo* proporcional à massa que cobre;
- 3.º) — dispôr de suficiente flexibilidade para atender às necessidades médias das operações (terreno e natureza do inimigo).

A CAVALARIA é a arma especializada nas missões de segurança terrestre. Tem características que atendem às necessidades que enumeramos e sua organização como vimos, decorre da natureza da unidade que a enquadra.

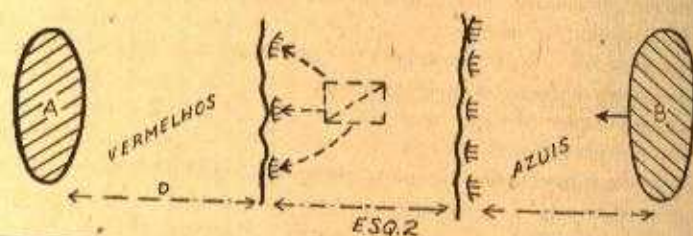
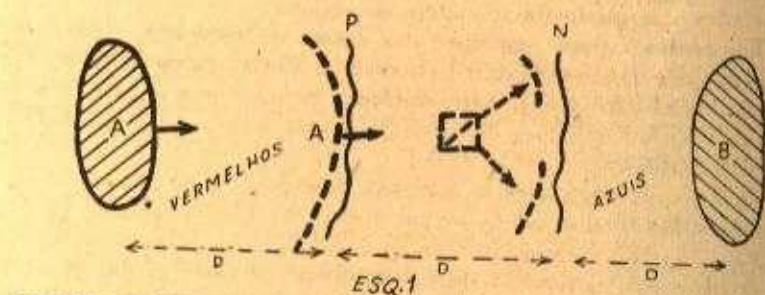
Constitue, por isso, o centro de gravidade da SEGURANÇA DO CHEFE.

Esta SEGURANÇA repousa:

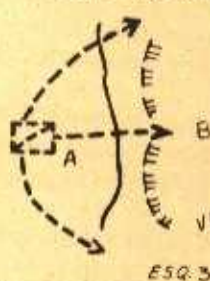
- a) — na *Informação*;
- b) — na interposição entre a tropa e o inimigo de *destacamentos especiais*.

— Nesta ordem de idéias examinemos agora as necessidades de SEGURANÇA que se apresentam ao COMANDO nas diferentes fases da BATALHA.

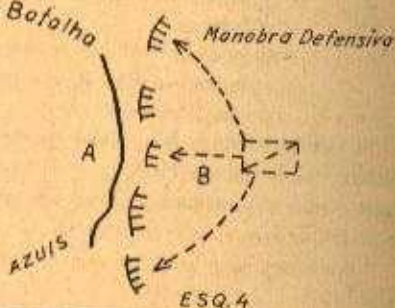
Admitamos para melhor facilidade de compreensão, dois GRUPAMENTOS de FÔRÇAS — A e B (Esquema 1). A distância da MASSA A à linha P bem como o intervalo entré as linhas P e N e bem assim a distância da MASSA B à linha N, são exatamente iguais.



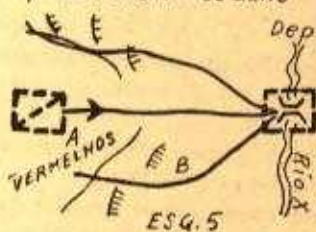
Manobra Ofensiva



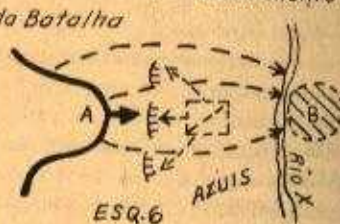
Durante a Batalha



Aproveitamento do Êxito



Cobertura do Retraimento



Os VERMELHOS com a maioria dos meios já reunidos, tomam a iniciativa das operações.

No quadro e nos esquemas anexos, apresentamos, em resumo, as necessidades de SEGURANÇA que têm os Comandos ANTES, DURANTE E DEPOIS da Batalha.

* * *

V — CONCLUSÃO

Pela rápida exposição feita, conclue-se que a Cavalaria graças à sua mobilidade e extraordinária flexibilidade que lhe é dada em particular pelo cavalo, pode movimentar-se no campo de batalha à despeito de determinadas condições atmosféricas altamente desfavoráveis às operações dos engenhos moto-mecanizados.

No nosso País, em face de certas peculiaridades geográficas, a Cavalaria sempre ocupou e certamente ocupará um lugar de destaque na estrutura do Exército.

Entretanto, para que a Cavalaria possa com eficiência desobrigar-se, nos momentos oportunos, das importantes MISSÕES que lhe são atribuídas impõe-se;

- a) — que tenha em permanente estado de treinamento a sua tropa e seus cavalos;
- b) — que o seu armamento esteja em perfeito estado de conservação;
- c) — que a manutenção dos seus veículos moto-mecanizados seja rigorosamente observada.

Como consequência geral é indispensável que os órgãos superiores do Exército atentem cuidadosamente para os problemas vitais da Cavalaria, dentre os quais avultam de importância o da REMONTA e o da INSTRUÇÃO dos QUADROS e da TROPA.

Não nos esqueçamos que o nosso País possui esplendidos cavaleiros, senhores do terreno, apegados ao cavalo por um carinho tradicional e que constituem reservas praticamente ilimitadas para a formação de Unidades de Cavalaria.

Lembremo-nos sempre de que, o teatro de operações da EUROPA Oriental, pelos seus aspectos topográficos e em virtude de condições atmosféricas especiais, fez ressurgir em toda a sua plenitude a "Arma dos espaços livres".

É mister finalmente considerarmos que o valor da Cavalaria repousa essencialmente na expressão moral dos seus QUADROS e da sua TROPA, materializada pela vontade de lutar, pelo elevado espírito de iniciativa e ousadia e pela convicção inabalável nas possibilidades de uma ARMA cujo histórico, se confunde com o da própria Nacionalidade.

FASES DA BATALHA	COMANDO VERMELHO (Grupo A)		COMANDO AZUL (Grupo B)	
	NECESSIDADES	OPERAÇÃO	NECESSIDADES	OPERAÇÃO
ANTES	(Fig. 1) Conhecer o espaço livre que dispõe para maior rapidez em seu deslocamento: — linha atingida pelos AZUIS — sua frente de desdobramento — sua atitude	EXPLORAÇÃO ou (BUSCA DE INFORMAÇÕES)	(Fig. 2) Atingir, no mínimo, a linha N e aí desdobrar seus meios em tempo para deter a ação inicial dos VERMELHOS: — Interpor uma cortina contra blindados entre o inimigo e a linha N, se possível na linha ou faixa P.	COBERTURA ou (contra Reconhecimento)
	(Fig. 3) Forçar os AZUIS a ampliar sua frente reduzindo sua densidade de defesa para segurança da operação. Estas ações terão tanto maior probabilidade de êxito quanto mais móveis forem os elementos delas encarregados.	AÇÕES DE ALA — INTERVENÇÃO NOS VAZIOS DO DISPOSITIVO.	(Fig. 4) Dispor de um elemento móvel e potente capaz de prontamente atender: — ameaças de ala — pontos fracos da defesa Criar um ambiente de segurança nos regiões menos vulneráveis da defesa.	— COBERTURA DE ALA — FECHAMENTO DE BRECHA — CONTRA RECONHECIMENTO — OCUPAÇÃO DE DEFESA — SIVA DE UMA FRENTE — LIGAÇÃO. — RETRAIMENTO.
DEPOIS	(Fig. 5) Dispor de liberdade de ação para completar a destruição dos AZUIS. Limitar, então, o campo de batalha pela ocupação rápida de linhas ou regiões críticas que interceptem o retraimento do inimigo batido e existam o aflixa de novos reforços.	Aproveitamento do êxito. — PERSEGUIÇÃO.	(Fig. 6) Estabelecer uma cortina de segurança flexível e potente, ao abrigo da qual os grossos se possam furar à destruição.	— COBERTURA DO CONTRA RECONHECIMENTO

AVISO

As transferências de residência devem ser comunicadas
VIA RÁDIO ao nosso diretor gerente.

Coopere com a administração da Revista que não terá
motivos para reclamações.

AOS REPRESENTANTES

A DIREÇÃO SOLICITA PROVIDÊNCIAS
JUNTO AOS TESOUREIROS DAS UNIDA-
DES OU AOS ASSINANTES COM RELA-
ÇÃO AO PAGAMENTO DAS ASSINATU-
RAS DO CORRENTE ANO.

ESCRITORIO TÉCNICO DE ENGENHARIA

"EDUARDO MENDES GONÇALVES"

EDUARDO MENDES GONÇALVES

RUA SENADOR FEIJÓ, 176

FONES 3-4856 - 3-6545

11º ANDAR SALAS 1.101, 1.107 E 1.108

S. PAULO

Apreciação do terreno

(Tradução e adaptação de documentos editados pela Escola de Infantaria, Fort Benning — 1941)

Por

Major TACITO LIVIO REIS DE FREITAS
Inst. da EAO

1.^a PARTE

GENERALIDADES

. — *Finalidade* — O presente estudo ou apreciação do terreno, do ponto de vista militar, constará de três partes — a primeira examinará os princípios ou fundamentos em que se baseia o estudo do terreno; a segunda, examinará a aplicação desses princípios nas operações defensivas e a terceira nas operações ofensivas.

2 — *Definição* — Tentaremos uma definição de “terreno”, do ponto de vista militar. É uma área ou região de terra que deve ser considerada quanto a sua aplicação para operações militares. Em qualquer curso militar, o estudo estritamente topográfico de uma carta ou de uma fotografia aérea, não é, em absoluto, suficiente para dar uma *impressão real* ao aluno, do terreno considerado. O estudo topográfico — digamos assim — é completamente técnico. Sabendo topografia, o interessado geralmente vê em uma carta uma série de estradas de rodagem, e cidades, assinaladas em cor preta, curvas de nível tracejadas em preto ou marrom, florestas, e bosques em verde, rios e outras linhas d'água marcadas a azul... Não será isso, somente, que visaremos aqui na Escola. Nesta série de conferências, o que pretendemos particularmente, é preparar os oficiais, para ao contemplarem uma carta ou uma fotografia militar, verem uma imagem perfeita do terreno, em escala reduzida naturalmente. Digamos que tentaremos habituar os alunos a fazerem o estudo “topo-tático” do terreno, ou seja, permitir-lhes apreciarem o terreno topograficamente, para sua aplicação tática, ou seja fornecer-lhes a “habilidade” ou “aptidão” para determinarem a influência que o terreno pode exercer sobre quaisquer operações militares quer nossas quer da parte do

inimigo. A determinação dessa influência do terreno em absoluto, não está sujeita a regras. Todavia obedece a um raciocínio adequado a respeito de certos elementos do terreno, tais como o sistema de drenagem das águas as elevações principais ou de comando, as zonas matosas e as áreas limpas e, de um modo geral, os trabalhos realizados pela mão do homem. Além disso e *principalmente*, requer do interessado um *juízo próprio* sobre a relativa importância dos diferentes fatores que entram na apreciação do terreno. Esta conferência examinará tais fatores.

IMPORTANCIA DO TERRENO

3 — *Na estimativa da situação*: — O comando chega a uma decisão através de uma estimativa da situação em que vai agir. Semelhante estimativa, ou apreciação, inclui *sempre* a consideração do terreno. Em algumas situações, o terreno é o fator decisivo; tem havido, mesmo, comandantes bem sucedidos que têm dito que a *estimativa da situação* nada mais é que uma *estimativa do terreno*. Assim, o terreno pode afetar a estimativa da situação ou apreciação dos fatores par decidir, como segue:

a) — *Missão* — Em operações militares a missão decisiva ou final é sempre a captura ou destruição das forças inimigas. Missões intermediárias, todavia, são sempre estabelecidas no curso das operações, muitas das quais dizem diretamente com o terreno como: — a captura ou proteção de importantes acidentes do terreno, tais como montanhas, cristas e outros pontos de observação — cidades, estradas de ferro, florestas, etc. Muitas vezes, quando a missão, de um modo geral, faz referência à proteção ou defesa de uma cidade, ao estabelecimento de uma "cabeça de ponte" ou à captura de uma posição de artilharia do inimigo, tal missão pode geralmente ser traduzida, em *termos específicos do terreno*, acidentes cuja captura ou posse poderão permitir o cumprimento da missão.

b) — *Planos de ação*: — O terreno desempenha grande papel na determinação dos planos de ação possíveis, quer de nossa, quer da parte do inimigo. Tendo em conta o *inimigo*, as informações a respeito do seu valor, natureza e dispostivo são geralmente mais falsas. O conhecimento das condições do terreno é geralmente mais preciso; conseqüentemente, o estudo do terreno, do ponto de vista do inimigo, fornece-nos, as mais das vezes, uma boa orientação para determinar as possibilidades de ação do adversário. O terreno é sempre um fator e, muitas vezes, o *mais importante* na determinação dos planos de ação possíveis para as nossas forças.

c) — *Análise da linha de ação das forças em presença*: — O terreno desempenha um importante papel na comparação das linhas de

ação das forças em presença, principalmente quanto à exequilidade dos Possíveis planos de ação de cada adversário.

d- — *Decisão*: — O terreno é sempre um fator importante na tomada de decisão, que nada mais é do que o melhor plano de ação que poderá ser por nós empreendido; a decisão é muitas vezes expressa em termos do terreno; e os detalhes da execução são influenciados, de maneira completa, pelas formas do terreno. Todavia, em muitas situações, outros fatores da decisão preponderam sobre o terreno. Cada situação deve se julgada ou examinada, tendo-se em conta a importância relativa dos diversos fatores que a influenciam.

4 — *Ação do terreno sobre operações defensivas e ofensivas*: — A influência do terreno é exercida sempre, quer se trate de operações defensivas, quer de ofensivas. Si, de um lado, aquele que assume uma atitude defensiva tem como vantagem a escolha do terreno em que se vai bater e procura tirar o maior proveito dessa faixa do terreno para o assentamento do seu plano de fogos, raramente, ou nunca, o terreno favorece de maneira completa a operação defensiva. Em qualquer situação, o atacante procura as possíveis vantagens do terreno para ajudá-lo a quebrar a flexibilidade da potência de fogo organizada, que é a base principal da defesa. Do ponto de vista defensivo, o terreno condiciona a escolha da posição defensiva e praticamente o dispositivo das forças sobre essa posição. Para a ofensiva, o terreno influe quanto à direção de marcha, o objetivo ou objetivos do ataque, a direção e localização do ataque principal, o esquema da manobra e os limites entre as zonas de ação das forças.

5 — *Necessidade do estudo do terreno*: — Napoleão disse: — “Quando você se decidir a travar uma batalha, reserve para si cada possibilidade de êxito!” Nenhum comando pode desprezar qualquer fator que possa ajudá-lo na obtenção do sucesso e o terreno é um dos mais importantes desses fatores. Assim, tendo em vista utilizar o terreno para obter maiores vantagens, a influência dele sobre as operações deve ser bem conhecida. E, para conhecê-la, devemos estudá-la. Todo chefe militar deve ter um conhecimento geral das variadas formas típicas do terreno e da influência das mesmas sobre os diferentes tipos de operações táticas. Para a execução todas as informações possíveis sobre o terreno devem ser obtidas, quer pelo estudo acurado das cartas topográficas e fotografias aéreas e pelos conhecimentos terrestres (e aéreos, quando for o caso), de modo a que conclusões profundas possam ser tiradas sobre o terreno em que se vai agir. Só se pôde obter um conhecimento perfeito sobre a utilização do terreno, com uma combinação bem feita do estudo e leitura.

das cartas e fotos e a solução de situações táticas, tanto em sala quanto no campo. Todo comandante ou chefe militar deve ser capaz de conceber o plano tático e de fazer a transposição dos seus detalhes visando realizar operações práticas com tropas em campanha.

ESTIMATIVA DO TERRENO

6 — *Modelo para a estimativa do terreno*: — Tendo em conta a influência do terreno sobre as operações, um processo lógico de estudo deve ser seguido na estimativa do terreno, da mesma maneira que se faz a estimativa ou apreciação tática da situação. Nas pequenas unidades, este processo de estudo poderá ser somente mental; nas grandes unidades, deve ser sempre escrito, devido aos detalhes. Qualquer que seja o caso, este esboço poderá servir de auxílio eficaz:—

.. "Estimativa ou estudo do terreno"

1 — *Missões* — (Expressa, sempre que possível, em termos do terreno e bem caracterizado na carta).

2 — *Configuração geral do terreno*:

a) — *Sistemas de drenagem das águas* (rios principais);

b) — *Sistemas de elevações* (as principais linhas de cristas ou alturas poderão ser ressaltados na carta):

— *Estrutura sistemática* (configuração geral, direções das cristas, elevações).

c) — *Natureza*: — (geológica e topográfica) do terreno na área considerada.

3 — *Linhas de ação das forças em presença*:

a) — *Possibilidades do inimigo* — Todas as possíveis linhas de ação, dentro das possibilidades do inimigo, que poderão interferir ou dificultar o cumprimento da nossa missão. (Estabelecê-las, sem discuti-las).

b) — *Nossas próprias possibilidades* — Todas as razoáveis e praticáveis linhas de ação que, si bem sucedidas, farão cumprir ou facilitarão o cumprimento da nossa missão. (Estabelecê-las, sem discuti-las).

4 — *Principais acidentes do terreno*:

a) — *Relação* — Tendo em conta, geralmente, os elementos mencionados no parágrafo b, abaixo, enumera os principais acidentes do terreno de importância tática;

b) — *Discussão* — Discuta ou estude cada um dos acidentes do terreno mencionados acima, relativamente a:

Observação;

— *Campos de tiro*;

Abrigos e Cobertas;

- *Obstáculos;*
- *Vias de comunicação;*
- *Pontos críticos e formas vitais para o êxito de sua missão*
- *Consequente influência do estudo dos elementos acima sobre as possibilidades próprias e as do inimigo.*

5 — *Conclusão:*

Qual a melhor linha de ação que nos proporciona o terreno?
Deve ter bem em conta que a estimativa ou estudo do terreno conduz a uma *conclusão* e não a uma *decisão*. O terreno é somente um dos fatores no estudo da situação tática. Um comandante pode, em determinado estudo, concluir que o terreno favorece certo plano de ação, mas tendo em conta que os demais fatores da decisão preponderaram sobre o terreno, esse comandante *pode e deve vir* a adotar uma decisão que não seja a mais bem "apoiada" pelo terreno.

6 — *A importância dos acidentes do terreno varia com o escalão do comando:* — O parágrafo 4 b da estimativa, *Discussão dos principais acidentes do terreno* é o mais importante, porque forma a base da conclusão a que se quer chegar. Considerando as variadas formas e acidentes do terreno, tais como mórros, cristas, rios, florestas, cidades e vilas, terrenos planos, áreas limpas ou cobertas e estradas do ponto de vista de sua influência sobre a *observação, campos de tiro, abrigos, cobertas, obstáculos e comunicações* é claro que o seu estudo por parte de um comandante de Divisão será muito diferente daquele que realizar um comandante de Companhia de fuzileiros. Ambos estudam o terreno segundo o mesmo raciocínio, mas em escalas diferentes. O comandante da Divisão interessar-se-á pelas formas do terreno que se podem constituir em pontos vitais ou pontos-chave para o escalão batalhão, digamos. O Cmt. da Cia. terá interesses diferentes, voará mais baixo!... Cada comando deve estudar o terreno em três escalas diferentes: — Primeiro, do ponto de vista do seu comandante imediatamente superior, cujo esquema de manobra deve procurar absorver antes mesmo de pensar no seu próprio plano de ação; segundo, no interesse do seu próprio comando de modo a que possa cumprir a sua missão de maneira adequada; e terceiro e último, do ponto de vista dos comandos que lhe são subordinados e aos quais ele vai atribuir missões bem definidas, geralmente expressas em *têrmos do terreno*.

7 — *Ajudas para o estudo geral do terreno, sua estrutura e discussão de suas principais formas:*

a) — As linhas de drenagem das águas e as linhas de cristas constituem a lei natural para o estudo da configuração do terreno.

Assinalar nas cartas e fotografias tais linhas é sempre de muito auxílio para quem estuda o terreno.

b) — Geralmente as cartas em curvas de nível, desde que o terreno seja muito movimentado, trazem certa confusão na interpretação dessas curvas. Por vezes, o sistema de iluminação das elevações, côres, é de muito auxílio, dependendo do tempo de que se dispõe para o estudo.

c) — As fotografias aéreas formarão, sem dúvida, em futuro próximo, a base para a feitura das cartas topográficas. Os detalhes planimétricos das fotografias são geralmente claros e fáceis de interpretar. A interpretação das formas de terreno é geralmente auxiliada, nelas, pelo destaque que se der às menores linhas de drenagem das águas, muitas das quais nem sempre é fácil reconhecer nas fotos. Todavia, o exame e interpretação de diversas fotografias em recobrimento, pode fornecer-nos, com o auxílio do estereoscópio, uma impressão exagerada ou em destaque das formas do relevo, o que nos facilitará determinar e assinalar rapidamente as linhas d'água menos perceptíveis a olho desarmado.

COMPARTIMENTOS DO TERRENO

8 — *A observação constitui a base para determinarmos os limites entre os compartimentos do terreno:*

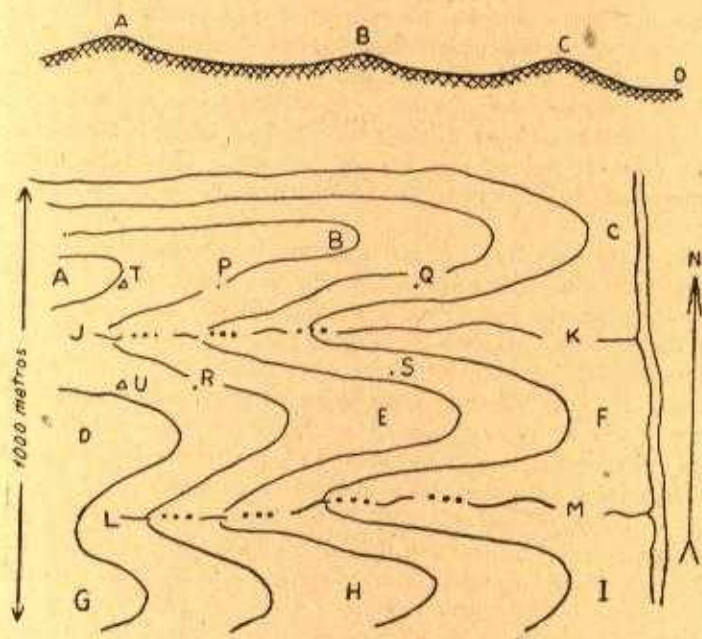
a) — Para dividir-se uma extensa área do terreno em menores porções, afim de que possamos analisá-las separadamente, a observação serve-nos de verdadeiro gabarito ou medida. O R.S.C. — Operações — contém o seguinte a respeito da observação terrestre:

“As elevações principais, ou que têm comandamento, constituem a viga-mestra do sistema da observação terrestre, do comando e do controle do fogo em combate”. Como sabemos, o comando e o controle do fogo em combate, estão intimamente ligados à questão da observação terrestre. As elevações, que têm comandamento em uma determinada zona do terreno, facilitam-nos uma boa observação sobre o terreno adjacente.

b) — Toda área de terreno pode ser subdividida em zonas menores, tais sejam as linhas de cristas, os bosques ou florestas, as cidades, etc., que aí aparecem.

Quando a observação terrestre em uma dessas zonas é limitada aos lados por quaisquer desses acidentes do terreno, diz-se em linguagem militar, que temos um *compartimento do terreno*. A situação e o tamanho do compartimento e a direção do seu eixo maior determinam a sua aplicação para tal ou qual unidade tática.

c) — A concepção da *observação* ou das *vistas terrestres* como esteio da definição de compartimento não é, em absoluto, empírica. Baseia-se e é evidenciada pelo seu uso natural e lógico, entre os povos primitivos. No norte do México, entre Larêdo e Monterey, a campanha é baixa e ondulada, da maneira que aparece na figura 1.



De crista a crista, há geralmente distâncias de algumas milhas. Si você estiver viajando de A para B e perguntar a um camponês mexicano a distância para chegar à vila D, ele não responderá em milhas ou quilômetros. Dirá simplesmente "são três vistas" !.

Temos que reconhecer que a informação é completa e precisa. De A para B uma "vista". De B para C outra, e você verá o vilarejo D na terceira "olhadela" ou "vista". Podemos dizer que as cristas A, B e C são limites dos compartimentos do terreno, porque limitam a observação dentro das zonas mais baixas, que enquadram. Reduzido tudo à linguagem comum e ferindo a nossa terminologia militar, compartimento de terreno nada mais é do que uma "vista".

9 — A observação como o mais importante elemento na influência do terreno:

A observação não constitui um fator importante na influência do terreno somente por si própria, mas tem também grande rele-

vância na intervenção que exerce no julgamento dos demais elementos a estudar, e que são campos de tiro, abrigos e cobertas, obstáculos e vias de comunicação.

a) — *Campos de tiro* — A observação terrestre está intimamente ligada à questão dos campos de tiro. O combatente de infantaria deve ser suficientemente capaz de sempre "ver" o seu alvo ou objetivo, sabemos, contudo, que a bateria ou outro elemento de fogo possui sempre o seu observador avançado, encarregado de ver o objetivo e ajustar o tiro de suas peças sobre ele.

b) — *Abrigos e Cobertas* — Que desejamos quando nos abrigamos ou nos cobrimos? Nada mais do que fugir à observação do inimigo, além dos tiros, sempre que possível. Tal coisa ressalta o valor da observação, porque procuramos furtar-nos à observação inimiga.

c) — *Obstáculos* — quer naturais, quer artificiais, dependem da observação em larga escala. Um rio não vadeável não constituirá em absoluto um obstáculo para o inimigo, se não estivermos em condições de mantê-lo debaixo de observação, para ajustarmos os nossos fogos quando o inimigo tentar abordá-lo. Redes de arame que colocamos à frente de uma posição defensiva, nada valerão se não pusermos observar tais obstáculos e colocar os nossos fogos sobre o inimigo, no momento em que suas forças estiverem na ação crítica ou *delito* de *emassamento*, para atravessar as redes.

d) — *Vias de comunicação* — Na zona de combate, a facilidade com que as vias de comunicação de todos os tipos podem ser usadas, depende, não somente do estado das estradas, mas também das possibilidades de observação terrestre que o inimigo tem sobre elas. E quando dizemos vias de comunicação não estamos nos referindo somente àquelas que permitam circulação destinada a suprimentos e evacuações queremos também nos referir a quaisquer movimentos de tropas.

10 — *Determinação dos compartimentos do terreno*: — O esboço mostrado pela fig. n. 2) consiste de três elevações ou cristas, ABC, DEF e GHI, separados por dois vales JK e LM. A área ACDF é um compartimento do terreno. Observadores colocados ao norte da crista ABC ou ao sul da crista OEF não podem ver dentro do compartimento ACDF, não podendo, pois, regular fogos diretos para bater qualquer parte dessa área. Do mesmo modo, a zona OFIG é um compartimento.

Si bem que a noção de *compartimento* esteja baseada na observação ou *vistas terrestres*, isso não quer dizer que em qualquer compartimento — por exemplo a área ACDF — todas as partes do compartimento sejam vistas de qualquer ponto dentro da área. O limite deste compartimento, ao sul, é a crista topográfica da elevação SD;

dêsse limite, somente a porção norte do compartimento pode ser vista. Qualquer observador terá de deslocar-se para o norte, além da crista militar se quiser ver ambas as encostas da depressão.

A crista da elevação DF é o limite sul do compartimento, porque de qualquer ponto ao sul dela, *nenhuma parte* do compartimento ASFD pode ser vista. Limites de compartimentos do terreno nem sempre são constituídos por cristas ou linhas de cristas; podem ser orlas de bosques ou florestas, de cidade ou vilas, etc.

11 — Valor dos compartimentos do terreno:

a) — A observação não constitui por si própria um fim, é somente um meio para chegar-se a um fim. Olhando somente, ou observando, um inimigo, não se pode detê-lo, contudo, é essencial observá-lo de modo a poder trazer sobre ele fogo eficaz, que o bata. Assim posto, enquanto a divisão ou estudo do terreno é baseada na observação, o valor real dos compartimentos é que, de pontos fora dos seus limites, não se podem realizar fogos diretos, ou observados, para bater tropas dentro do compartimento. Na fig. n. 2, metralhadoras colocadas em P, Q, R ou S podem atirar sobre quaisquer forças progredindo no vale, vindas de leste, isto é sobre tropas que avancem dentro do compartimento ACFD; contudo, ditas metralhadoras não podem realizar fogos observados para bater quaisquer tropas dentro do compartimento vizinho DFIG, porque a observação terrestre isso impede. Pela mesma razão, observadores de artilharia postados em T ou U podem observar fogos para bater tropas dentro do compartimento ACFD, mas não o podem sobre o compartimento DFIG.

b) — Contrariamente, forças atacantes avançando no vale KJ, vindas de este, podem somente realizar fogos diretos sobre tropas inimigas dentro do terreno do compartimento ACFD, porque são essas as únicas forças inimigas que podem ser vistas.

c) — Suponhamos, agora, uma força atacante procedente do norte, através da crista ABC, com os seus elementos mais avançados T, P e Q, enquanto R, S, e U representam o inimigo, defendendo essa área do terreno. É claro que uma fase decisiva de combate terá lugar entre as forças opostas, ao sul da crista ABC e ao norte da crista DEF, isto é, dentro do compartimento do terreno ACFD. As forças atacantes, do norte, não terão obtido uma decisão local enquanto não expulsarem os elementos da defesa para do compartimento ACFD. O segundo tempo do ataque será a conquista do compartimento DFIG. Dêste modo, vemos o real significado ou valor dos compartimentos do terreno, ou seja, vemos que eles podem ser

chamados de verdadeiros "tentos" ou "fichas" no "jogo" da guerra, as áreas nas quais são travados os combates locais da batalha entre grande forças.

12 — *Exercícios* — Será interessante que cada um dos oficiais-alunos faça exercícios em domicílio, ou nas "folgas", esboçando os compartimentos principais do terreno em uma determinada carta das que usamos, dentro de uma ou mais quadriculas, à escolha de cada qual. Linhas interrompidas mais fortes para determinar os compartimentos mais importantes; linhas mais fracas para assinalar os compartimentos secundários do terreno.

13 — *Classificação dos compartimentos do terreno* — A influência dos compartimentos do terreno sobre as operações militares depende não somente da localização, tamanho e aspecto dos compartimentos, mas, particularmente, da direção em que é realizada a operação tática, tendo em conta o maior eixo do compartimento.

Na discussão do terreno, os compartimentos são classificados como segue:

— Um *corredor* é um compartimento cujo maior eixo conduz na direção do movimento de uma tropa, ou na direção do inimigo.

— Um *compartimento transversal* é um compartimento cuja maior dimensão corre perpendicularmente ao movimento de uma força ou que é, de um modo geral, paralelo a uma frente considerada.

— *Questão*: — Si a direção de ataque de uma força é do norte para o sul (Figura 2) deve o compartimento ACFD ser classificado pelo atacante como um *corredor* ou um *compartimento transversal*?

— *Questão*: — Si a direção de avanço de uma força atacante é de oeste para leste, deve o compartimento do terreno DFIG ser considerado pelo atacante como um *corredor*? E pelo defensor?

As respostas serão discutidas em sala.

14 — *Conclusão ou sumário* — Finalizando, devemos assinalar que áreas extensas do terreno devem ser divididas em compartimentos com o fim de analisá-las, para auxiliar uma apreciação bem feita do terreno. A influência desses compartimentos sobre operações militares depende não somente da localização, tamanho e aspecto deles mas, particularmente, da direção geral dos seus eixos maiores. As duas espécies de compartimentos são: — *corredores* e *compartimentos transversais*.

Duração do periodo de recrutas

É no periodo de recrutas que os assuntos da instrução básica, consideravelmente aumentados no decorrer da última guerra, são ministrados ao contingente incorporado. Ao terminar o periodo, "devem os recrutas ser mobilizáveis" (R.E.C.I. — 1.^a parte). "Considerar-se-á o recruta mobilizável quando, na sua função (volteador, atirador, sergente etc.) está em condições de cooperar para a eficiência da célula de sua arma (G.C., peça etc), isto é, quando instrução lhe permite prestar reais serviços na guerra, tanto enquadrado como isolado" (R. P.I.Q.T.).

De acôrdo com o R.P.I.Q.T. a duração do primeiro periodo de instrução é fixada em quatro (4) meses (inclusive a fase de adaptação e os exames). A prática, porém, tem demonstrado que êsse tempo é insuficiente para bem ministrar aos recrutas todos os assuntos da instrução básica com os cuidados que êles merecem e com a certeza de que os ensinamentos serão bem apreendidos, resultando, daí, uma corrida para os objetivos a atingir, em prejuizo do aproveitamento dos instruendos, que, desta maneira, não conseguem adquirir atos reflexos e eficazes, "solidamente enraizados no seu sub-consciente". Isso porque; de início, muitos dias do periodo são perdidos com distribuição de fardamento e material, com testes e fichamentos (identificação, exame morfo-fisiológico etc.), revistas sanitárias, vacinações e reações consequentes; é muito raro não haver nos quartéis, durante o primeiro periodo de instrução, um surto de moléstias infeto-contagiosas, tais como; cachumba, sarampo, gripe, sarna etc., atacando grande número ou a maioria dos recrutas, que, naturalmente, são isolados e, portanto, afastados de seus afazeres, o que acarreta transtornos ao bom desenvolvimento da instrução; há-de se levar em conta que muitos dos homens recrutas anualmente não estão acostumados com o calçado, e, o uso dêste, no inicio do periodo e nas sessões de ordem unida e de exercícios de vivacidade, maltrata os seus pés, afastando-os de algumas instruções dias seguidos; o efetivo incorporado todos os anos é quasi sempre composto de 70 e até mesmo de 80% de analfabetos, falho de aptidões e com uma capacidade de apreensão tão somente regular; o serviço de guarnição, alcançando grande número de recrutas, logo no primeiro periodo, também atrapalha a boa marcha da instrução, diminuindo ainda mais o tempo a êle destinado, já de si bem curto.

Além disso tudo, nos corpos do interior do País e que são em maior número, geralmente há falta de oficiais e monitores, dificultando sobremodo o bom andamento da instrução, uma vez que o trabalho a ser feito por dois ou mais elementos nunca pode ser executado por um, por mais que haja esforço, dedicação e boa vontade dêste último, o que, seja dito de passagem, é caso quasi normal. Acresce, ainda, que, muitas vezes, o único oficial na sub-unidade recebe outros encargos (Conselho de Justiça, I.P.M., comissões etc.) quando não duplica ou triplica funções (outra Cia., Of. Regim. de Ed. de F., Of. de Trns., instrutor de cursos etc.), o que reduz de muito o seu tempo de efetivo trabalho na sub-unidade, onde os "casos" tomam-lhe invariavelmente uma parte. Os monitores, por sua vez, em número reduzidíssimo nos corpos do interior, são afastados da instrução pelos serviços de escala no mínimo uma vez por semana, afora os afastamentos motivados por outros encargos que normalmente recebem (escrivães de I.P.M., do Conselho de Justiça, auxiliares nos cursos etc.) E isso ainda não é tudo, pois, há dificuldades de outra ordem: os campos de instrução comumente são distantes dos quartéis, havendo, em consequência, deslocamentos demorados que prejudicam a duração das sessões: em virtude da maioria dos corpos do interior do País não possuírem linha de tiro e lutarem com a falta de material e meios de transporte, as sessões dêsse ramo da instrução tomam muito tempo, uma vez que o tiro só pode ser realizado longe dos quartéis, em locais acanhados e mui poucos homens conseguem atirar simultaneamente; a quantidade, deficiente de meios auxiliares de instrução condiciona a sua utilização, acarretando muitas vezes a dependência dos programas semanais; quasi sempre as intempéries refletem no tempo efetivo de trabalho de modo considerável.

A premência de tempo não permite que sejam adquiridas pelos recrutas as noções fundamentais e nêles criados, pela repetição, os hábitos reflexo assenciais, "que possam persistir durante a vida civil e garantir, quando fôr necessário e apesar das emoções do combate, a execução dos movimentos indispensáveis à ação". Disso tudo resulta que os recrutas são instruídos às pressas e, como a pressa é inimiga da perfeição, são mal instruídos individualmente, com o instrutor em luta incessante com o tempo, que aparece entremeiado de datas festivas, formaturas, revistas, inspeções, pagamentos etc., espremendo-o cada vez mais.

É bem possível que tais cousas aconteçam em tôdas as armas. No caso afirmativo, apelamos para o testemunho dos camaradas a elas pertencentes e que, como nós, têm experimentado as dificuldades apontadas, as quais devem ser comuns em todos os corpos, principalmente nos sediados no interior do País, conforme temos verificado à luz da experiência.

Afinal, desejamos que estas colunas fortaleçam a sugestão já feita aos nossos chefes diretos, quer em relatórios de fim de período ou anuais, quer especialmente, no sentido da duração do período de recrutamento ser dilatada, quanto antes, para seis (6) meses, no mínimo, ou mais, atendendo à escassez do tempo destinado à instrução básica e ao fato muito significativo do R.P.Q.T. ser provisório e, por isso mesmo, estar sendo aplicado experimentalmente.

CERAMICA SÃO CAETANO S/A

(Fundada em 1912)

Escritório Central: VIADUTO BOA VISTA, 68 — 6.º And.
Fones: — Seção de Refratários — 3-4952. Seção Interior — 2-4229. Gerência e Compras — 2-7636

Loja: — RUA BOA VISTA, 25 — SÃO PAULO
Fones: — Chefia — 2-4329. Vendas — 2-3429. Caixa — 3-2047
Caixa Postal, 278 — Telegr. "Acimarec" — São Paulo — Brasil
Fábrica: São Caetano (S.P.R.) — Ru Casemiro de Abreu, 4 —
Fone: 1124 — Linha 140

TELHAS: "COLONIAL" — "MARSELHA" — "ESCAMA" E "GREGA"

Únicas e exclusivas fabricantes das afamadas telhas

"BRILHANTES"

LADRILHOS: Quadrados, Retangulares, Sextavados, e Losangos, Vermelhos, Amarelos, Marrons e Pretos

Ladrilhos — Lajotas — Lajotinhas e Trotoir

Tijolos prensados para: Pisos, Degraus, Pingadeiras, Colunas e outros.

**PARA RISCAR UM LADRILHO "SÃO CAETANO"....
SO OUTRO LADRILHO "SÃO CAETANO"**

Materiais refratários para qualquer tipo de indústria

Todos os pro-
dutores SÃO
CAETANO
levam esta
marca



a marca
que exprime
qualidade

Viveres e rações na Campanha da Itália

CAP. FRANCISCO RUAS SANTOS

Como muito bem acentou o tenente-coronel Senna Campos, chefe da 4.^a Secção da 1.^a D.I.E., nunca uma tropa brasileira foi tão bem alimentada quanto durante a Campanha da Itália. De fato. E a razão principal de tão auspicioso acontecimento poderá ser facilmente encontrada no aparelhamento do formidável parque industrial norte-americano. Esperamos que os nossos leitores possam, ao fim destas linhas, concluir com tais afirmativas, se é que por experiência própria ou por outro meio já não concordam com ela. Antes, porém, de entrarmos nos pormenores que nos propusemos apresentar, devemos dizer algumas palavras a respeito do estado de espirito da tropa do 2.^o escalão da F.E.B. ao desembarcar na Itália, no que tocava aos suprimentos em geral e ao de viveres em particular. Aqueles que não estavam entre os pouquíssimos que sabiam como as coisas nessa matéria iriam se passar na Itália, contavam, e muito justamente, com a hipótese da continuação do processo vigente no Brasil. Portanto, para o grosso da tropa, para aqueles que avaliavam o problema *suprimento de viveres* apenas pelos resultados concretos de sua solução, o panorama era o já bastante conhecido: carros-cozinha fumegando indiscretamente sob árvores e, nas proximidades, enfileirados, os caldeirões, panelas ou sacos, contendo o arroz, o feijão, a farinha de mandioca, o ensopado de carne ou de "jabá", a laranja e o café. E as outras cores do quadro: as mósas, os cães e os rancheiros com suas roupas perfeitamente "camufladas" para se confundir com o carro-cozinha... Isso, entretanto, vistas as coisas com optimismo. A intuição da maior parte e a experiência de alguns já previam que muito felizes podiam se considerar aqueles que pudessem ter sempre isso. As chuvas inclementes, tornando intransitáveis as estradas e caminhos, os bombardeios inimigos e o que mais pudesse acontecer poderiam impedir que a nossa tradicional "boia" chegasse ao seu destino final.

A travessia do Atlântico e do Mediterrâneo não deu ainda para que os homens formassem uma idéia definitiva a respeito do regime alimentar que os esperava. Compreendiam todos que aquela viagem era apenas o traço de separação entre dois mundos: o que ficava no Bra-

sil e o que se ia abrir na Itália. E também que, na península *devia* ser um mundo inteiramente novo. Chegados a Nápoles e embarcados nos "LCI" (1), tomaram contacto — é bem o termo, dado o enjão geral — com a célebre ração "C" do velho tipo. Sombrias perspectivas ainda... Ao chegarem no estacionamento de San Rossore, pisando a terra firme daquele trecho da planície toscana, uma grata surpresa estava destinada aos já felizes soldados brasileiros: a riqueza inédita e inesperada dos víveres de origem norte-americana. Na área do estacionamento se achavam montadas, a intervalos iguais, sob a sombra dos pinheiros gigantes da alameda central da quinta real, pavilhões de madeira e lona de cozinhas para 200 homens. No interior de cada um dos pavilhões, tres fogões de campanha norte-americanos, com seus acessórios, todos ainda novos, limpos e brilhantes. Junto a cada pavilhão, um praça norte-americano para dar assistência ao nosso pessoal de cozinha. Conheceram, então, os nossos homens, em tôda a sua plenitude, a ração de campanha tipo "A". Como comandante de companhia pude testemunhar a imensa satisfação dos meus homens ao se engajarem a fundo nos chocolates, nos frangos e nas galinhas, nas costeletas de porco, nas geleias, nos doces de pessegos e peras da Califórnia, de abacaxis do Hawaí, nas saladas de frutas, nas ameixas, passas e sucos. Para reforçar essa alimentação — melhor seria dizer *suplementar* — dentro de poucos dias começaram as cozinhas e preparar também o arroz, o feijão e o café vindos do Brasil. O moral da tropa nesses dias eufóricos, passou de bom a excelente. Para os imediatistas "estomacais", estava ganha a guerra... Com aquela alimentação de "grã-finos" de Copacabana iriam facilmente até Berlim. Como em quasi tudo na vida, surgiu, entretanto, um "mas". Podemos resumir-lo em duas coisas: a diferença entre o nosso paladar e o do norte-americano e a falta de instrução especializada ou incompleta de quasi todos os cozinheiros. A diferença de paladar respondia pelo fracasso de alguns pratos, tais como os preparados com certas espécies de carne enlatada americana, e o do café preparado com o pó de procedência ianque. Como é sabido, os Estados Unidos misturam o nosso café com outros de procedência diferente e, além disso, adicionam à mistura certos ingredientes aos quais não estávamos acostumados. Dêsse modo, o café preparado com essa mistura, além de não ficar tão forte quanto o nosso, possuía um sabor

(1) Nome pelo qual eram conhecidos os pequenos navios transportes de tropa norte-americanos no teatro de operações do Mediterrâneo. Sua história, já bem interessante, ficou ligada também à F.E.B., como ficou à da invasão da França pelo sul, na qual acabavam de participar. Recordando esse último feito, o "LCI" em que viajei minha companhia, tinha pintadas na base da sua torre, a bandeira da França livre e, ao seu lado, uma pantera pronta para desferir um golpe...

completamente diverso do que habitualmente tomávamos no Brasil. Quanto às famigeradas carnes enlatadas, apesar de serem de ótima qualidade e enlatamento perfeito, não tiveram a sorte de jamais conseguirem conquistar a nossa apreciação. Aliás, uma delas, a "Pork luncheon", não sabemos se pela frequência com que era servida, se por não ser muito agradável até mesmo ao paladar dos soldados norte-americanos, ou pelos dois motivos conjugados, enriqueceu o anedotário da Campanha da Itália. Contou o jornal "Stars and Stripes" (1) que num almôço oferecido pela Casa Branca a correspondentes de guerra então presentes em Washington, um deles se levantou na hora dos brindes e pediu permissão para dar conhecimento ao presidente Roosevelt dos termos de um telegrama recebido da Itália. Nêle diziam os soldados: "President. Please stop sending us Pork luncheon" (2). Não seríamos, portanto, nós os brasileiros os que atirariam a primeira pedra.

A falta de instrução ou a instrução deficiente da maior parte dos nossos cozinheiros com relação ao preparo dos víveres norte-americanos e a sua distribuição pelas 3 refeições diárias, segundo os cardápios vigentes, iriam ser, durante muito tempo ainda, os principais responsáveis pelas falhas notadas na questão de alimentação da tropa. Cogitou-se desse problema no Brasil e, no C.I.E., muitos cozinheiros foram preparados para pôr em prática o essencial do regime americano. A falta de tempo, as substituições de última hora, a resistência natural e explicável de muitos cozinheiros, o desconhecimento do inglês, a divulgação inadequada dos conhecimentos a aplicar no preparo das refeições explicam ou justificam a existência de tais falhas só sanadas muito tempo depois (*). Nem por isso, deixaram os homens de ganhar peso e de se sentirem cada vez mais bem dispostos e mais fortes para a luta. Tal era o valor alimentício e a qualidade insuperável dos alimentos consumidos. Para que se possa ter uma idéia nítida do que afirmamos, tomemos do pão. Este era preparado nas Companhias de Padaria de Campanha do V Exército e distribuído às tropas em sacos de algodão alvíssimos. Já na sua preparação, o rigor na higiene se fazia notar. Os padeiros, trajados de branco des pés à cabeça, manipulavam a massa e o pão nas melhores condições de limpeza. Para ensacar os pães, trabalhavam com luvas de borracha. Os sacos vazios eram lavados nas unidades especiais de lavanda-

(1) Nome do jornal editado para as forças americanas nos diversos teatros de operações. Referimo-nos aqui ao do teatro do Mediterrâneo.

(2) "Presidente, é favor não nos enviar mais a "Pork luncheon".

(*) — N. da Redação — Normalmente os cursos norte-americanos para especialistas duram 8 semanas. Queremos frisar, entretanto, que a duração do curso para cozinheiro é bem maior — tal a importância que lhe é reconhecida.

ria de campanha e entregues novamente ao serviço. Quanto ao gosto e à qualidade do produto, apresentamos o testemunho de verdadeiras autoridades no assunto: os italianos. Não os italianos famintos que se acerravam das cozinhas e pululavam em torno das latas de detritos à espera dos restos do rancho. Mas de italianos do fértil vale do Pó e que, por diversos motivos, não tiveram a trágica infelicidade de experimentar os efeitos da guerra na sua alimentação básica. Disseram muito desses últimos que consideravam o pão americano como um verdadeiro bolo, vale dizer, fugia êle do trivial gosto de tão popular e fundamental alimento. Merecia, assim, a consagração dos que há longos séculos fazem do trigo a razão "sine qua" do seu sustento e de muitos dos melhores prazeres da sua mesa.

Saindo de San Rossore, a tropa de infantaria do 2.º escalão passou alguns dias na área de treinamento de Filletole, primeira ambientação com o terreno no qual ia combater. O panorama, quanto à alimentação, não mudou em absoluto. Apenas as cozinhas não mais funcionavam naqueles pavilhões uniformes da alameda de pinheiros de San Rossore. Como o fariam daí por diante, passaram a funcionar umas em pleno campo, outras abrigadas em galpões das casas de campo da região, outras em garages vazias. As sub-unidades trouxeram do estacionamento de San Rossore os mesmos fogões e acessórios que ali tinham sido encontrados no primeiro dia. Começaram agora as "dôres de cabeça". Os fogões, aquecidos a gasolina, dependiam, em última análise, do bom funcionamento do seu queimador. Este consistia de uma espécie de grelha, através de cujas frestas passavam as chamas da combustão da gasolina, vinha sob pressão do ar insuflado por meio de bomba pneumática. Apesar da simplicidade do processo, havia uma série de precauções a tomar e de regras de manutenção a observar, como é natural com qualquer aparelho. Ainda aqui a deficiência da instrução se fez sentir e respondeu pela maior parte dos incidentes e falhas observadas. Cada caixa de acessórios, e sobressalentes que acompanhava os fogões das sub-unidades tinha um folheto, em inglês, no qual se achavam prescritas as regras a observar com relação ao fogão. Já para evitar certos percalços, o tal folheto recomendava, empregando desenhos bem sugestivos, cuidados especiais, mas muito simples, com os queimadores. Infelizmente, mais, por certo, pelo desconhecimento do inglês, muitos sargentos de rancho passaram momentos difíceis com seus fogões em "pane". Muitos dos incidentes foram resolvidos pela Companhia de Serviços, dado que provinham do entupimento de tubos e podia-se utilizar o compressor da sua Secção de Manutenção para fazê-los voltar à normalidade. Como consequência de certos incidentes, algumas cozinhas se viram obrigadas a utilizar dois e, às vezes, apenas um dos seus fogões, o que acarretava um aumento de tempo no preparo das refeições e, consequentemente, um

acréscimo de trabalho para o pessoal, que devia iniciar mais cedo o trabalho. O conhecimento do meio com o qual trabalhavam e certas providências visando manter em dia o nível mínimo de peças sobressalentes na caixa de acessórios, foi reduzindo o número de incidentes, para gaudío dos sargentos de rancho e do pessoal da Companhia de Serviços.

Em combate, o processo de alimentação admitiu, principalmente, duas variantes: a alimentação dos homens no próprio local das cozinhas ou à distância, por meio das marmitas térmicas. Consistiam essas em recipientes de ferro, com tampa removível, que se atarrachava fortemente na parte superior da vasilha, vedando o seu interior pelo contacto com um anel de borracha. Comportavam esses recipientes três marmitas de alumínio, com tampas, nas quais se punha a comida. Cheios, os recipientes eram conduzidos em "jeep", a braço ou no dorso de muares, para as posições de combate, onde eram servidas as refeições... se o "tedesco" (1) o permitisse. Muitas foram as marmitas térmicas inutilizadas por estilhaços de granadas e muitas foram as cozinhas diretamente atingidas por projectis da artilharia alemã, obrigando-nos a providenciar rápida substituição do material. Para as eventualidades de não poderem ser alimentadas com a ração quente do tipo "A", dispunham os homens de um dia de ração "C" ou "K", via de regra. A primeira se compunha de alimentos enlatados (3) latas de feijão branco ou vegetais, com carne e (3 latas de biscoitos, açúcar, café solúvel e uma fruta em conservar). No meio da campanha, atendendo a constantes reclamações das suas tropas, os americanos substituíram o célebre feijão com carne pelo "spaghetti" com galinha, geralmente bem aceito. A ração "K", concentrada, compreendia três conjuntos, envoltos em caixas de papel grosso parafinado, acondicionadas, por sua vez, em caixas de papelão. Cada conjunto correspondia a uma refeição. Só a respeito dessas duas rações poder-se-ia encher laudas e mais laudas de papel. Para não nos alongarmos nêsse particular, preferimos passar adiante, prometendo voltar ao mesmo noutras oportunidades.

Outro tipo de ração distribuída à tropa foi o "10 em 1", isso porque, numa só caixa, vinham acondicionados víveres para dez homens durante um dia. A pesar da ótima qualidade dos víveres que continha, esta ração criava certas dificuldades na distribuição aos homens. Estas, porém, são passíveis de desaparecer com uma instrução adequada em tempo de paz.

Antes de irmos além, é oportuno dizer alguma coisa a respeito do aquecimento das rações. Ainda antes de entrarem em linha, as sub-unidades receberam pequenos fogareiros a gasolina, à razão de um por pe-

(1) Alemão na jfria da F.E.B. Tomou-se a palavra italiana designativa do germânico.

lotão ou secção, idênticos aos que a produção norte-americana lançou no nosso mercado após a guerra. Os aquecedores a óleo ou carvão e as lareiras preencheram também a função de tornar mais aceitáveis as rações "C" ou "K" e permitiram preparar muito café, frigar ovos, etc. Meios de fortuna para esse fim foram também largamente utilizados, tal como, aliás, previa e recomendava o regulamento da Companhia de Serviços.

As rações de víveres possuíam os seus complementos. Consistiam, para a tropa combatente, de 1 maço de cigarros ("Lucky Strike", "Phillips Morris" e outras das melhores marcas norte-americanas), "cliclets", caramelos ou uma barra de chocolate. E isso diariamente os fumantes de cachimbo recebiam o fumo acondicionado em latas. Os homens de certas sub-unidades recebiam também determinadas doses de vitaminas sob a forma de pastilhas. Periodicamente, eram distribuídos à tropa certos artigos como lâminas de barbear, sabão, escovas de dentes, pó para matar insetos e parasitos do corpo humano, pastilha para a desinfecção da água, etc. Essas últimas tinham a sua distribuição calculada na base de 2, em média, por litro. Ao contrário do que aconteceu com o café, o espinafre, o repolho e certas carnes enlatadas, os cigarros do Tio Sam conquistaram logo, e completamente, a preferência da tropa brasileira. E, a tal ponto, que os cigarros brasileiros, recebidos e distribuídos em determinados dias, passaram a ser menos prezados, quando não utilizados apenas para pregar certas peças aos italianos e prisioneiros alemães. Chegamos aqui a um ponto delicado do assunto de que vimos tratando. Por um dever profissional, não podemos fugir de abordá-lo para que, por nossa vez, o deixemos também registrado e entregue à meditação dos responsáveis pelo abastecimento de tropas. Já dissemos que o estado de espírito do soldado que combatia na Itália, não era, em absoluto, o mesmo com que saíra do Brasil. Acentuamos-lo no início deste comentário, ao dizer que os nossos homens deixaram a Pátria dispostos para o pior em matéria de alimentação e conforto em campanha. Mas o apoio material da tropa norte-americana, que passaram a ter também, excedia, de muito, às melhores expectativas dos brasileiros. Assim sendo, e desde que não estávamos em condições de concorrer, em todos os sectores, com os produtos norte-americanos, iríamos certamente estabelecer um contraste difícil de suportar. Foi o que, infelizmente, aconteceu...

No intuito, também, de deixar registrado o problema, voltamos à questão do preparo dos alimentos e da instrução dos cozinheiros. Acontecia, por exemplo, que o cardápio marcava para um certo dia a distribuição de ameixas secas, farinha de trigo, banha, já citada "Pork Luncheon", suco de "grape fruit", espinafre, ovos frescos e presuntos, além da constante habitual de pão, manteiga, açúcar e café (ou chá).

Acontecia, como sempre, que esses gêneros eram de primeiríssima: as ameixas, californianas das maiores e melhores; os ovos, seleccionados e padronizados no tamanho, no peso e na qualidade; o "grape fruit", também conhecido pelo nome de "cara feia", o que de certo modo depunha em favor da sua pureza, era feito com frutos seleccionados; e assim por diante. Mas o pobre sargento do rancho, num dia como esse, tinha desejo de desertar... Na hora de receber a boia, não interessava aos homens que o espinafre que recebiam era da mesma qualidade daquela que já fora glorificado na tela e nas historietas pelo marinheiro Popeye. O que o pessoal queria: "almoço" e "jantar". Sobre-tudo, "almoço". Sabido que os americanos prezam mais a qualidade do que a quantidade em matéria de alimentação, e que, apesar do alto valor nutritivo dos víveres militares, estes se notabilizam pelo seu pouco peso e pequeno volume, não é agora de extranhar o desespero dos cozinheiros nossos. Também não se pode extranhar que tenha havido reclamações no seio da nossa tropa. Procurou-se, inteligentemente, descobrir as causas dos resmungos e chegou-se à conclusão de que o fracasso estava mais na falta de instrução especializada dos cozinheiros do que propriamente na pobreza de certos cardápios, geralmente bem accitos pelo paladar exigente dos norte-americanos. Na Companhia de Intendência da 1.ª D.I.E., em Pistoia, passou a funcionar um curso de emergência para cozinheiros. Depois dele, as coisas melhoram muito. E, então, passou a acontecer o seguinte: muitos cozinheiros, utilizando agora os próprios meios fornecidos pelos fogões e seus acessórios, começaram a fritar ovos e a servi-los ainda quentes no mesmo momento da distribuição das refeições. Dantes, em geral, eram os ovos servidos sempre e apenas cozidos usando aquela farinha de trigo, com a qual, tempos antes, não sabiam o que fazer, surgiram panquecas, bolos e biscoitos. As ameixas secas, passaram a ser cozidas e servida em calda de açúcar queimado. O "Pork Luncheon" passou a ser condimentado com o molho distribuído periodicamente e o qual por ser desconhecido por muitos, servia apenas para entulhar as cozinhas, onde ficavam como inquietantes interrogações para a argúcia dos cozinheiros. A cebola e a própria farinha de trigo passaram a ser poderoso auxiliar da ingestão da tão desprezada carne enlatada. Nem por isso a infeliz saiu do anedoctário pejorativo e impiédoso do pracinha... Acontecia também, agora, que o primeiro homem da fila do rancho ao ver cair na sua marmita uma enorme rodela desconhecida, tocava-a como o garfo,

(1) Devemos notar que no filme citado, houve um "arranjo" desses muito comuns no cinema, de modo que aquela data de Natal diante de Cassino não se acha de acôrdo com a realidade. Isso, aliás, não tira, em absoluto; nenhuma parcela do grande valor da película.

meio desconfiado, afastava um pouco do molho protetor, virava-se para trás e prevenia, com bom humor, aos companheiros: "Cuidado, pessoal! "Ela" hoje está camuflada!"

"Ela", não precisava que o dissessemos, era o "Pork Luncheon"...

Não podemos deixar de nos referir aqui aos cardápios especiais, organizados para as grandes datas do calendário norte-americano: o "Thanks giving day", o "Independence day" (4 de julho) e o dia de Natal. Nessa última data era de praxe o fornecimento de peru e as refeições eram ainda melhoradas com certos víveres e bebidas. Quem viu aquele admirável filme de guerra, bem ilustrativo a respeito da Campanha da Itália, que foi o "Também somos seres humanos", deve se lembrar da importância dada pelos soldados norte-americanos ao seu tradicional peru de Natal... mesmo diante de Monte Cassino (1).

E para rematar, façamos agora referência à nossa alimentação no estacionamento de Francolise, isto é, quando aguardávamos embarque de volta para o Brasil. Estávamos em pleno verão e no sul da Itália. Isso significa que o calor ali era mais ou menos como o do Rio em certos dias de Janeiro e Fevereiro. Explorando os recursos locais, os americanos nos forneciam verduras, legumes, frutas frescas (uvas, ameixas, peras e maçãs da Campânia). Unidades de refrigeração forneciam gelo à nossa Divisão. Com este e os sucos de frutas, ou com certos pós especiais, especialmente distribuídos, era possível o preparo de refrescos e de sorvetes. Pensamos não ser preciso citar mais nenhum outro exemplo ou qualquer argumento para provar a alta eficiência do sistema norte-americano quanto à distribuição dos suprimentos de classe I. Apenas, mais algumas palavras a respeito da água, incluída também nessa classe. Normalmente, era distribuída a que provinha dos postos montados pela Engenharia. Essa água para uso coletivo nas cozinhas ou para distribuição individual, já vinha tratada. As sub-unidades a armazenavam em sacos de lona, as "vacas", ou em camburões, semelhantes aos de gasolina. Naqueles sacos os homens dos ranchos podiam também tratar a água que não provinha dos postos da Engenharia. Na previsão disto, as cozinhas dispunham, para desinfetar essa água, de boas quantidades de pastilhas e de meios extremamente simples e práticos para testar o líquido tratado. Com todos esses cuidados não é demais afirmar-se que disenteria só a tinha quem quisesse.

O RELATÓRIO das Docas de Santos



Colocando o problema do congestionamento do tráfego nos seus devidos termos

Muito se tem escrito sobre o congestionamento dos nossos portos que tantos embarços vem criando às importações e exportações. Fazem-se críticas severas mas nem sempre se leva em conta que durante seis anos de guerra não foi possível melhorá-los pelas dificuldades de aquisição de materiais e de transportes. Por outro lado, terminado o conflito mundial, era natural que o tráfego marítimo tivesse, como teve, um grande desenvolvimento, ocasionando o congestionamento dos portos, que, aliás, não é apenas um problema nacional, mas continental, pois o mesmo ocorre em Buenos Aires e Nova York.

No seu relatório apresentado à assembléia de acionistas, a diretoria da Companhia Docas de Santos trata amplamente do assunto, colocando-o nos seus devidos termos. Mostra as causas do congestionamento daquele porto, aduz as razões pelas quais não foi possível ampliar as instalações respectivas e põe em relêvo todos os esforços feitos pela Companhia para remover as dificuldades atuais, o que já obteve, em parte, aumentando a média diária da tonelagem de mercadoria, carregadas e descarregadas e reduzindo o tempo de demora para a atracação dos navios.

O relatório é um documento minucioso e longo, contendo todos os elementos pelos quais se comprovam as atividades da Companhia no sentido de atender às exigências do tráfego e concorrer para o desenvolvimento da economia nacional.

Para os Tenentes de Cavalaria

Ten. Cel. J. H. Garcia

Da E. A. O.

Somos dos convencidos e, como nós, muita gente, que nesta América ainda há lugar para ações importantes e decisivas de cavalaria hipomovel; e as razões desta convicção são encontradas no estudo da geografia e da história militar, do que noutra trabalho trataremos.

Em artigo publicado nesta Revista dizíamos que a nossa cavalaria está se extinguindo a começar pelo seu espirito e fundamentávamos esta afirmativa na onda que fazem os nossos técnicos ultra-modernos e apressados, anulando as oportunidades que ainda nos poderiam restar e deste modo influndo no sentimento, no pensamento e na ação dos nossos companheiros mais jovens e por isso menos avisados.

Este trabalho que hoje iniciamos é dedicado aos tenentes de Cavalaria, a estes tenentes que, mesmo encerrados em um M 8, conservam o espirito da arma vivo, a iniciativa pronta, o raciocínio leve e o horror aos detalhes dos tenentes de Cavalaria da era Napoleónica.

A nossa arma é a única que se dá ao luxo de ter e conservar uma tradição nobre.

Que culpa temos nós si as outras armas podem ser dirigidas por máquinas de calcular, reguinhas e gráficos?

Que culpa temos nós si hoje estão pedindo menos ao raciocínio do infante do que antes?

Que culpa temos nós si a engenharia, que era antes uma "delicada mademoiselle", hoje empunhe a garrucha e pense que faz o que a infantaria faz?

Que culpa temos nós que os infantes já estejam atirando com os canhões da artilharia?

Nenhuma!

Que culpa temos nós si ninguém se aventurou ainda a nos

substituir naquelas missões que sempre nos honramos de cumprir?

Que culpa temos nós si há ainda nesta guerra, ultra-complicada, atômica ou total, missões que só nós da Cavalaria, com a nossa formação espiritual, com a nossa instrução, com o nosso modo próprio de fazer as coisas possamos desempenhá-las?

Que culpa temos nós de termos sido a arma que mais evoluiu, aquela cujos meios de ação mais foram acrescidos nesta última guerra?

Que culpa temos nós de termos desencantado nas estepes russas as pontas de lança dos alemães, cujos sucessos foram incontestáveis na Polônia, na França e na África?

Nenhuma!

Que culpa temos nós que muitos chefes militares de nações guerreiras tenham se apressado em substituir totalmente seus cavalerianos por motoristas de praça e tivessem depois que torcer as orelhas de arrependimento?

Que culpa temos nós que os japoneses não tivessem podido aproveitar suas vitórias iniciais no território chinês só porque não dispunham de Cavalaria numerosa e adestrada?

Que os alemães tenham tentado em vão durante a campanha na Russia improvisar grandes unidades de Cavalaria e tenham fracassado?

Que culpa temos nós si os Estados Unidos na perspectiva de uma guerra na Russia tenha, como a Alemanha, que às pressas improvisar cavalaria hipo para enfrentar terrenos tornados impraticáveis e engenhos motorizados pelas chuvas e os degelos?

Enfim, não diremos o mesmo si amanhã

- não tivermos grandes unidades de Cavalaria, organizadas de acôrdo com o que delas se pretende pedir, com as regiões de possível ação e contra nossos possíveis inimigos;
- não tivermos quadros de Cavalaria manobreiros, leves e de raciocínio flexível, de modo a tirar das unidades que lhes forem entregues o máximo partido;
- não tivermos nossa criação de equinos organizada e desenvolvida de modo racional de acôrdo com o que dela se pretende exigir e em condições de produzir bons serviços em uma campanha prolongada, bem como capaz de atender substituições no serviço de transporte de toda a ordem;
- não tivermos os nossos quadros superiores da arma.

instruídos de modo a poderem ser rocados dentro das várias espécies de unidades de que ela se compõe;

- não tivermos sabido manter e incentivar o nosso maior centro de produção de equinos do país;
- não tivermos sabido manter pelo apoio aos esportes hípicas, no seio das forças armadas como no meio civil, o gosto pelo uso do cavado;
- não tivermos decidido uma linha da conduta entre uma industria incipiente, iniciante e pobre, inadequada a pretensões de grandes meios motomecanizados a ser empregados em regiões pobres de vias de comunicações e sujeitas a se tornarem de péssimo ou quasi impossível trânsito no inverno e no outono, e, as grandes concepções modernas da guerra, pensadas noutros climas, noutras regiões, noutras civilizações.
- não tivermos por um especializado e metuculoso estudo das condições das guerras nas selvas do Pacifico, nas planícies cortadas de ruas do NW Europeu, das planícieis lodosas e pobres de estradas da Russia ocidental, das regiões arenosas e planas do Norte Africano, das regiões montanhosas do teatro Italiano, não tivermos concluido o que será ou o que poderá ser a guerra em nossas regiões desta América;
- não tivermos meditado sobre nossa geografia e nossas campanhas à luz das campanhas modernas em regiões que devemos nos dar ao trabalho de estudar;

Ai ficam estes argumentos. Nós os encontramos em livros e revistas; urge que continueis pesquisando os feitos de nossa arma e particularmente estudando e vos exercitando naquelas ações que realizam com qualquer meio, hipo ou motomecanizado, as suas características, porque não esqueçamos isto, somos Cavalaria e continuaremos a ser, não porque andamos a cavalo, não porque estamos constituídos em unidades denominadas de Cavalaria, mas sim porque as missões que nos são atribuidas só poderão ser cumpridas por elementos que tenham a nossa organização, os nossos meios, a nossa formação cultural e moral, a nossa instrução e sobretudo, consubstanciando tudo, nosso espírito.

Questionário do Radiotelegrafista

Pelo 1.º Ten. *Jackson Pitombo Cavalcante*

Aluno do C. O. R.

- P — Que é o rádio?
- R — É um aparelho destinado à transmissão e recepção de despachos, sob os auspícios da corrente elétrica e através o éter.
- P — Qual é o lugar que ocupa o rádio nos diferentes meios de transmissão.
- R — Depois do telefone, vem o rádio como o melhor meio de transmissão.
- P — Sob que forma são transmitidos os despachos através o éter?
- R — Sob a forma de ondas eletromagnéticas.
- P — Que vem a ser onda eletromagnética?
- R — É o desequilíbrio do éter provocado pelos sinais emitidos por um posto transmissor, através a antena.
- P — Qual é o principal órgão dum aparelho de rádio.
- R — É a antena.
- P — Que é a antena?
- R — Antena ou circuito oscilante aberto, é um órgão utilizado na emissão e na recepção de sinais.
- P — Como se classificam as antenas?
- R — Quanto à sua finalidade — de emissão e recepção; quanto à sua forma — lineares, em V, T, L., cilíndricas, guarda-chuva, e leque; quanto à presença ou não de terra — Marconi e Hertz-Zepelin; quanto à colocação no espaço — verticais, horizontais e inclinadas; quanto à locação — exteriores e interiores.
- P — Quanto à amplitude, como se classificam as ondas?
- R — Ondas contínuas e ondas amortecidas.
- P — Que são ondas contínuas?
- R — São aquelas cuja amplitude é constante.
- P — Que são ondas amortecidas?
- R — São aquelas cuja amplitude tende para zero.
- P — Que é amplitude?
- R — Digamos, simplesmente: é a altura da onda tomada pela maior flecha.

- P — Quanto ao comprimento, como se classificam as ondas?
- R — Ultra curtas — Inferior a 10 m.;
Muito curtas — Entre 10 m. e 50 m.;
Curtas — Entre 50 m. e 150 m.;
Intermediárias — Entre 150 m. e 400 m.;
Médias — Entre 400 m. e 3.000 m.;
Longas — Entre 3.000 m. e 30.000 m.;
- P — De que maneira se propaga a onda eletromagnética?
- R — Uniformemente e com a velocidade de 300.000.000 m/s (300 milhões de metros por segundo).
- P — Como se representa a onda?
- R — Por uma linha sinuosa, tendo a origem num eixo que a divide em duas partes iguais.
- P — Que denominação recebe cada metade da onda?
- R — Alternância ou meio-período. Acima do eixo (+) e abaixo do eixo (—).
- P — Que é período?
- R — É a duração de uma oscilação completa. Em outras palavras, é o tempo decorrido entre a formação de duas alternâncias consecutivas, uma (+) e outra (—).
- P — Que é frequência?
- R — É o número de períodos por segundo.
- P — Que é comprimento de onda?
- R — É o espaço, em metros, percorrido por uma onda durante um período.
- P — Como se determina o comprimento de uma onda?
- R — Muito simplesmente, pela fórmula: $\lambda = \frac{V}{F}$, em que: λ (lamba) é a incógnita; V é a velocidade da onda 3000.000.000 mts. (constante) e F é a frequência (único dado do problema) em ciclos ou períodos (é a mesma coisa).
- P — Quais são os tipos de lâmpadas das estações de rádio de campanha?
- R — Lâmpadas de 2 elétrodo, de Fleming e de 3 elétrodo, de Lee de Forest.
- P — Quais são os elétrodo da lâmpada de Fleming?
- R — Filamento e placa, dispostos um de frente para o outro.
- P — Quais são os elétrodo da lâmpada de Lee de Forest?
- R — Filamento, placa e grade, este colocado entre os primeiros.
- P — De que matéria são constituídos os elétrodo?
- R — O filamento de óxido de bário (OBa — Química); a placa e a grade, de níquel.
- P — Qual é a função de cada eletrodo duma lâmpada?

R — Filamento: emitir os eletrons (cargas negativas); placa: atrair os eletrons emitidos pelo filamento; grade, elemento de comando, verdadeiro filtro dos eletrons que passam do filamento à placa.

P — Quanto ao destino, como se classificam as lâmpadas?

R — Osciladora, detectora, retificadora, moduladora e amplificadora (a mais importante).

P — Quantas espécies de transmissões permitem fazer as estações da rádio de campanha encontradas na Unidades de Transmissões?

R — Duas. Em grafia e em fonia. A primeira utiliza os sinais do Código Telegráfico Internacional de Morse e a Relação das Abreviaturas e Sinais de Serviço e denomina-se *Radiotelegrafia* (T.S.F.); ; a segunda usa a palavra falada e denomina-se *Radiotelefonia*.

P — Qual é a estação de rádio de lampanha usada nas nossas Companhias de Transmissões?

R — E do tipo 1—EC3.

P — O que é a estação de rádio de campanha 1—EC3?

R — A estação radiotelegráfica e radiotelefônica de campanha tipo —EC3, modelo 1940, construída pela Fábrica de Material de Transmissões do Exército, por constituir uma unidade de construção robusta, de pequeno peso, de fácil transporte pelo homem, de fácil funcionamento, em vista do número reduzido de comandos elétricos e simplicidade de instalação de antena e, ainda, pela possibilidade de funcionamento com o operador em marcha, é uma estação destinada a satisfazer as necessidades dos corpos de tropa em suas ligações internas bem como a ligação Infantaria—Artilharia de apoio.

P — Quais são as modalidades de transmissão e recepção?

R — O transmissor pode trabalhar em grafia com onda contínua pura (A') ou em fonia, com onda modulada (A3). O receptor pode receber as três naturezas de ondas A', A1 (onda contínua modulada) e A3.

P — Qual é o alcance da estação 1—EC2?

NATUREZA DO TERRENO	ALCANCE ED Km.	
	Fonia	Grafia
Pouco acidentado e pequena porcentagem de arborização	8 a 10	12 a 15
Acidentado e com grande porcentagem de arborização	5 a 8	10 a 12

P — Qual é a frequência de trabalho?

R — A estação foi projetada para um trabalho na faixa de 2.000 a 4.000 quilociclos ou 2.000.000 a 4.000.000 de ciclos ou períodos, o que corresponde a comprimentos de onda de 150 a 75 metros.

P — Quando é que se obtém a maior eficiência da antena?

R — Quando todas as varetas estão colocadas na posição vertical.

P — Que sabe sobre o acondicionamento da estação?

R — O transmissor, o receptor e a unidade elevadora de tensão para as placas, bem como a antena e os acessórios da estação, acham-se acondicionados em uma caixa, apropriada ao transporte às costas de um só homem. A caixa é feita com uma folha de madeira compensada, de 3mm. de espessura, contraplacada por duas folhas de madeira compensada, de 3mm. de espessura, contraplacada por duas folhas de alumínio de 0,2mm. de espessura. Possui internamente as divisões necessárias para o transmissor e unidade elevadora de tensão, para o receptor e para a gaveta onde são acondicionados os acessórios e sobressalentes. Para a sua colocação no solo é a caixa provida de quatro pés articulados de alumínio de dimensões tais que quando fechados não excedam os limites da caixa e que haja o encaixe dos dois de menor largura nos outros dois de maior largura.

P — Que sabe sobre o transporte da estação?

R — Para seu transporte a curta distância é a caixa provida de uma alça de couro e para distâncias maiores, de um dispositivo de duas correias que permite o transporte às costas do homem e de uma almofada à altura conveniente de modo a não castigar o homem que a transporta. A fonte básica de alimentação, única fonte, é uma bateria de acumuladores de 6 volts, com os elementos instalados em caixa de madeira com dispositivo para o transporte a tiracolo ou a mão.

P — Qual é o peso da estação?

R — A caixa onde se encontram o transmissor, receptor, etc., inteiramente equipada, pesa 18 kg. A bateria de acumuladores carregada e com solução pesa aproximadamente 13 kg.

P — Quais são as dimensões da caixa?

R — 495X359X230 milímetros, em relação à altura, à largura e à profundidade.

P — Qual é a potência do transmissor na antena?

R — Cerca de 0,6 watts quando em fonia e 1,4 watts quando em grafia.

P — Qual é o tempo de instalação da estação?

R — Três minutos são suficientes.

P — Qual é a vida da bateria de acumuladores?

R — Seguramente de 15 horas, isto é, poderá trabalhar durante 15 horas sem ser necessária nova carga.

P — Quais são as operações para a instalação da estação?

R — 1) Retirada das costas do homem, é a estação colocada no solo e são abertos os quatro pés.

2) Abre-se a tampa da caixa, prendendo a parte superior por meio dos dois joelhos existentes.

3) Retira-se a antena do saco de lona e monta-se-a com a altura possível, utilizando a cruzeta que se acha colocada no vão existente na parte central da caixa.

4) Retira-se da gaveta na parte superior da caixa o combinado e liga-se-o à tomada respectiva.

5) Liga-se a bateria R tomada polarizada no vão da caixa.

6) Move-se a chave "A" existente na parte inferior do painel do transmissor e a direita do operador, para a posição "ligado".

7) Gira-se a chave "E" para as posições:

A — onde deve ser lido — 210;

B — onde deve ser lido — 210, após 15 segundos.

PA — onde deve permanecer sempre.

A posição PO é de leitura de corrente da placa do oscilador e será utilizada para constatar o funcionamento da lâmpada osciladora.

P — Qual é o equipamento da estação 1—EC3?

R — A estação 1—EC3 é equipada com o seguinte:

a) Equipamento — Um jogo de válvulas; um combinado com tomada; um estojo de lona contendo os tubos da antena; um vibrador "Mallory" tipo 650, ou outro tipo equivalente; uma bateria de acumuladores de chumbo "Durex" de 6 volts — 40 ampére-horas; uma cruzeta de alumínio para antena e um par de fones.

b) Ferramentas — Uma chave de fenda; um alicate e um canivete.

c) Sobresalentes: 1) Um vibrador "Mallory" tipo 650 ou equivalente; uma válvula 33; uma válvula 31; uma válvula 1B4; uma válvula 1A6; uma válvula 6C8G; uma válvula 84 e uma bateria de acumuladores "Durex" de 6 volts — 40 ampére-horas. 2) Um caderno de Instruções para a estação 1—EC3. 3) Eventualmente se pode equipar com um cabo especial para alongar o dito do combinado.

P — Qual é a Relação das Abreviaturas e sinais de Serviço usada?

R — É a seguinte:

Sinal de chamada	NNN
Chamada geral	ACT
Convite para transmitir (estou pronto para receber	K
Como me recebe?	ARK
Faça-me algumas chamadas	ARV
Manipule devagar	MD
Continue a transmissão de iniciais	CI
Estou perturbado	ARM
Recepção fraca	ARJ
Recepção muito fraca; aumente sua energia	ARD
Recepção boa	ARK
Recepção muito forte; diminua sua energia	ARP
O posto se retira por tempo indeterminado (por uma causa qualquer: desarranjo, por exemplo)	PSE
O posto se retira momentaneamente e retoma- rá o serviço dentro de 10 minutos	PSR 10
Para indicar a suspensão de 1 hora e 20 minu- tos, transmitiremos	PSR 80
O posto se retira por algum tempo e retoma- rá o serviço às 15 horas	PSR 1500
Retomo o serviço	VT
Recebe o posto X?	ARKX?
Recebe bem X?	ARKX
Não recebo X desde 15,30 horas	não X 15,30
Traço de separação	—...—
Erro (mais de seis pontos)
Espere	AS
Receba telegrama urgente	RTU
Rêde livre	RL
Receba oficial urgente	ROU
Fale (sinal enviado da rêde dirigida (RD) para dar a palavra a um posto secun- dário)	FA
Transmita uma série de letras V para regular o meu aparelho	FV
Eu transmito um telegrama urgente	TTU
Tenho um telegrama oficial a transmitir	TO
Tenho um telegrama de serviço a transmitir	TS
Tenho um telegrama de exercício a transmitir	TE
Tenho 2 telegramas oficiais a transmitir	T 20
Tenho 1 telegrama oficial para o posto AB	TOAB
Tenho 1 telegrama oficial urgente a transmitir	TOU

Tenho 1 telegrama de serviço a transmitir (urgente)	TSU
Tenho 1 telegrama urgentíssimo a transmitir	TOUU
Não tenho nada a transmitir	ARU
Está certo	OX
Repita	RPT
Eu repito	Em RPT
Compreendido	SN
Separe sinais	SS
Acuse-me recepção telegrama 30 palavras	OSL W 30
Pedido de cotêjo	CT
Fim de comunicação	AR
Fim de trabalho	VA

NOTA: para evitar qualquer confusão no uso das abreviatura VA (fim de trabalho), AR (fim de comunicação) e K (convite para transmitir — estou pronto para receber), entende-se: por fim de trabalho o momento em que o posto acaba o seu serviço, isto é, depois de enviar o sinal o posto não recebe nem transmite; por *fim de comunicação* o momento em que o posto acaba de trabalhar com o atual correspondente, para trabalhar com um outro da mesma rede ou não; por *fim da transmissão* o momento em que o posto deixa de transmitir para receber.

P — Após a transmissão dum radiograma, quantos sinais podem se seguir?

R — Três, a saber: K, o que indica que o posto deseja receber; VA, o que indica que o posto acaba de trabalhar; AS, o que indica uma interrupção de 2 minutos no máximo.

P — Que denominação recebe o despacho transmitido pelo rádio??

R — Radiograma

P — Qual é o rendimento da T.S.F.?

R — É fraco. Com um Pessoal bem treinado, capaz de transmitir longos radiogramas sem erros e de trabalhar nas melhores condições, o rendimento horário de uma rede de Grande Unidade não excede e 180 a 200 palavras úteis de 5 letras.

P — Quais são os documentos do arquivo dum posto de T.S.F.?

R — São: .

NATUREZA DO DOCUMENTO	Quantidade
Folha de serviço diário (a)	1
Lista dos assinantes ou das autoridades aos quais serve o posto (a/)	1
Lista das prioridades (a/6)	1
Relação dos indicativos da rede e, se possível, das redes vizinhas	1
Instruções particulares da rede (a/)	1
Relação das abreviaturas e sinais de serviço	1
Instruções particulares do posto (a/6)	1
Instruções para o caso de refirada apressada diante do inimigo (6)	1
Caderneta de partida (a)	1
Caderneta de chegada (a)	1
Caderneta de trânsito (a)	1
Relação do material e dos arquivos (6)	1

OBSERVAÇÕES:

- (a) Permanentemente à disposição dos operadores.
 (6) Unicamente para os postos importantes.

P — Quais são as regras Especiais para a Radiotelegrafia?

R — As Regras Especiais para a Radiotelegrafia dizem respeito às transmissões rádio-terrestres (entre postos situados na terra) e às transmissões rádioaéreas (avião-terra e eventualmente, terra-avião)

TRANSMISSOES RADIO-TERRESTRES: — Generalidades — A) Organização das transmissões rádio-terrestres: as transmissões radiotelegráficas terrestres são geralmente exploradas pelo sistema de redes. Uma rede é um agrupamento de vários postos que trabalham entre si com características comuns.

Para evitar as interferências, dois postos da mesma rede não podem emitir simultaneamente.

A exploração é dirigida, em cada rede, pelo *chefe da rede*. é um oficial radiotelegrafista do serviço de transmissões ou o chefe do posto diretor. Em uma rede, salvo indicações em contrário, o posto que serve à mais alta autoridade dirige a exploração e é chamado *posto diretor* (P.D.T.). Os outros pos-

tos chamados *postos secundários*. Um dos postos secundários é previamente designado para substituir o P.D.T., quando este, por qualquer motivo, suspender o serviço. Cada posto é designado por um indicativo de chamada, grupo de algumas letras ou algarismos, suscetível de mudança frequente. Um mesmo posto poderá ter vários indicativos. Cada posto de uma rede recebe, além disto, um número de ordem, para ser usado nos radiogramas circulares.

B) Exploração: há dois processos de exploração. 1.^o) *A rede livre* — Quando se usa este processo, o posto que quer transmitir deve unicamente certificar-se de que nenhum outro posto da rede está emitindo no momento. É este, aliás, o processo de exploração normal. 2.^o) *A rede dirigida* — Na rede previamente designado para substituir o P.D.T., quando este, dirigida, um posto secundário não pode entrar em comunicação com outro posto secundário, sem ter recebido, previamente, permissão do P.D.T. (posto diretor). É um processo de exploração excepcional. Um operador é suficiente para o serviço de um posto de T.S.F. Somente se torna necessário um segundo, quando há tráfego importante.

Durante as horas de trabalho, todos os postos da rede ficam em escuta: Acompanham as transmissões trocadas na rede e as registam por inteiro na folha de serviço diário. Quando um posto quizer transmitir um radiograma a outro posto da rede, deve, em primeiro lugar, esperar que termine a comunicação que se estiver fazendo na rede. Passa, então, rapidamente para a transmissão, chamando imediatamente seu correspondente, como veremos na letra C. Todo texto transmitido por T.S.F. deve, em princípio, ser *totalmente cifrado*. Se ele não puder ser totalmente cifrado, o expedidor indicará no próprio texto que sua transmissão se fará tal qual. Se não for feita essa indicação, o chefe do posto o devolverá ao expedidor.

C) transmissão e recebimento de um radiograma — Logo que um radiograma é entregue a um posto para ser transmitido, o chefe do posto procede às operações descritas no Questionário do telefonista (A Defesa Nacional, — N. 388). O posto de partida para transmitir um radiograma, entender-se-á, preliminarmente, com o posto de chegada por um radiograma de serviço, para ter a certeza de que ele está em condições de recebê-lo. Este radiograma de serviço comporta:

- inicialmente, uma chamada: NNN;
- depois, os indicativos: CD de AB, sendo AB o posto de partida;
- a repetição desses indicativos;

— por último, a abreviatura comercial: TO, TS ou TE.

Para assinalar que está pronto para receber, o posto CD, posto de chegada, responderá com telegrama de serviço o seguinte: NNN, AB de CD, AB de CD, K. O posto de partida não deverá transmitir seu radiograma sem ter recebido do posto de chegada o sinal K (convite para transmitir). Assim que tiver esse sinal, o posto de partida inicia a transmissão do radiograma, da seguinte maneira:

- chamada: NNN;
- preâmbulo:
- traço de separação (—...—);
- texto;
- dois traços de separação seguidos.

Se esse posto de partida tem mais algum radiograma a transmitir, após os dois traços de separação transmite TO, TS ou TE mais a letra K. Em caso contrário, transmite apenas K. O posto de chegada, então, transmite OK. Está pois, transmitido o radiograma.

Quando o posto de chegada recebe um radiograma conta imediatamente o número de palavras ou grupos de letras recebidos e compara com o número que consta do preâmbulo. Se esses números *são iguais*, o posto de chegada acusa a recepção do radiograma com o sinal OR, repetindo o preâmbulo. Se tem algum radiograma a transmitir, após o preâmbulo transmite TO, TE ou TS e mais a letra K e procede, então, como posto de partida. Se o número de grupos ou palavras recebidos não corresponde ao indicado no preâmbulo, o posto de chegada comunica ao posto de partida que não recebeu tantos grupos ou palavras, para a necessária correção no preâmbulo ou no texto. Vejamos um exemplo: NNN AB de CD W 14? AB de CD W 14? K. O posto de partida verifica a contagem dos grupos de letras ou palavras do texto:

a) Se estiver certa, responde: NNN CD de AB W 1 RPT —...— Texto. K. O posto de chegada completa o texto e passa o recibo do radiograma (OK. Preâmbulo).

b) Se verificar que houve engano, responde: NNN CD de AB OK W 14 K. O posto de chegada passa, então, o recibo como já foi dito.

D) Particularidades — Radiogramas circulares: na radiotelegrafia, somente os radiogramas oficiais podem ser transmitidos sob a forma de radiograma circulares. Eles são empregados, unicamente, em casos de absoluta necessidade, por causa informações que fornecem à escuta inimiga, sobre a

constituição da rede. No preâmbulo de um radiograma circular, os indicativos dos postos que o vão receber são substituídos pelos números de ordem. Assim é que temos: NNN 3, 6, 7 de AB, 3, 6, 7 de AB TO. R. Radiogramas simplificados: Quando os radiogramas são muito curtos, para aumentar o rendimento das redes, evita-se sobrecarregá-los com a transmissão de longos preâmbulos e de sinais de serviço. Consequentemente, salvo ordem em contrário dada pelo expedidor ou pelo comandante das transmissões, os radiogramas cujo texto não ultrapassem oito (8) palavras, são chamados *radiogramas simplificados* e são submetidos a regras simplificadas. É esse o modo normal de trabalho nas redes dos corpos de tropa pelas comodidades que apresenta na exploração. Para isso, é necessário reduzir ao mínimo o número de palavras dos radiogramas pela feitura concisa dos textos e pelo emprego dos métodos regulamentares da condensação, que veremos adiante. Finalmente, é possível empregar regras simplificadas, seccionando o texto a transmitir em frações que não excedam de oito (8) palavras ou grupos, tomando, assim, o aspecto de radiograma cifrado. As frações assim formadas são numeradas pelo operador, na ordem normal: FR1, FR2, etc. A última fração pode conter menos de oito grupos ou palavras. O preâmbulo de um CD; e, no caso de um radiograma que foi seccionado, a indica radiograma simplificado contém, apenas, os indicativos AB de CD do número de ordem da fração. Vejamos um exemplo: AB de CD FR2. Quando a fração, que vai ser transmitida é a última do radiograma, o número de ordem é seguido pela letra U. Assim: AB de CD FR8U.

E) Registro das comunicações — A folha de serviço diário deverá conter, por extenso, sinal por sinal, palavra por palavra, todas as transmissões trocadas na rede, escritas diretamente e na mesma ocasião de sua emissão ou recebimento, anotando-se a hora.

TRANSMISSÕES RÁDIO-AERÉAS — Aviões sem aparelho receptor: todas as transmissões radiotelegráficas enviadas de aviões, são emitidas sob a forma de radiogramas simplificados, seja qual for o número de grupos. Os radiogramas dos aviões desprovidos de receptor apresentam as seguintes particularidades: não há chamada inicial; o preâmbulo fica reduzido ao indicativo do posto receptor; o radiograma não terminará pelo sinal K. Aviões com aparelho receptor: os radiogramas transmitidos pelos aviões providos de receptor obedecem exatamente às regras de serviço dos radiogramas simplificados radioterrestres.

As Regras Especiais para a Radiotelefonía são as mesmas para a Radiotelegrafia, naquilo que lhe é applicável.

P — Quaes são as principais vantagens da Radiotelegrafia?

R — As instalações de T.S.S. são pouco visíveis e pouco vulneráveis; a T.S.F. permite organizar transmissões regulares entre duas autoridades que não se podem comunicar pelo telefone; o fácil transporte de um posto de T.S.F. permite-lhe acompanhar um posto de comando (P.C.) em seus deslocamentos e assegurar-lhe as transmissões após o tempo estritamente exigido para a respectiva instalação; notável capacidade de difusão e também permite diversas autoridades receberem simultaneamente uma informação ou uma ordem.

P — E quaes são os inconvenientes da Radiotelegrafia?

R — Entre os inconvenientes da T.S.F. são particularmente graves os seguintes: a indiscreção; a possibilidade de situar um posto emissor pela radiogoniometria; fraco rendimento; obrigação para o pessoal de permanecer na escuta por não comportar o materia aparelhos de aviso.

P — Quaes são as vantagens da Radiotelefonía?

R — Permite a troca de radiogramas e a conversação; apresenta as mesmas vantagens que a Radiotelegrafia além de não exigir o emprêgo do alfabeto Morse.

P — Qual é o mais grave inconveniente da Radiofonía?

R — Alcance mais reduzido.

P — Como são organizadas as transmissões rádio-terrestres?

R — Sob a fórma de rêdes.

P — Além da Radiotelegrafia e da Radiotelefonía, quaes são os outros processos empregados para as comunicações rádio-aéreas?

R — Do *avião com a terra*, são: os artificios, os porta-mensagens e as mensagens lastradas; da *terra com o avião*, são: os painéis e o apanha-mensagens.

P — Que sabe sobre os artificios.

R — Os artificios produzem fogos de aparência e côres características, visíveis mesmo de dia a distâncias relativamente grandes. Permitem transmitir quasi instantaneamente informações simples, cuja necessidade se manifesta sobretudo no curso da preparação e do desenvolvimento do combate.

P — Quaes são os artificios em uso?

R — São: a) os foguetes propriamente ditos com flecha;
b) os cartuchos de sinais, lançados com o bocal V.B. ou com as pistolas sinalisadoras;
c) os fogos de bengala.

P — Qual é a grande vantagem do emprêgo dos artificios?

R — O manêjo dos artificios é simples e não exige nenhuma instrução técnica da parte dos executantes.

P — E quais são os inconvenientes do emprego dos artificios?

R — É difficil determinar com precisão o ponto de onde partiu o artifício. A interpretação dos sinais dá, às vezes, lugar a enganos em razão do número de artificios simultaneamente lançados em uma mesma zona e, também, pela dificuldade de distinguir as côres dos sinais em certas condições de visibilidade. Pelo reduzido número de variedades, os artificios não se prestam ao estabelecimento de transmissões bilaterais. Geralmente são reservados para as transmissões da frente para a retaguarda; esta só pode responder "compreendido". Podem ser utilizados pelo inimigo para perturbar os nossos sinais.

P — Que sabe sobre os artificios lançados do avião?

R — Consistem em cartuchos para pistola sinalizadora de 35 mm. e compreendem: artificios de uma, três e seis estrelas e artificios em forma de lagarta — todos êles de côr branca; artificios de fumaça amarela; artificios de fumaça vermelha.

P — Qual é a significação dêsses artificios?

R — 6 estrelas brancas — Onde está V.? (Pedido de balisamento);
3 estrelas brancas — Entendido, pode enrolar os painéis de balisamento;

1 estrela branca — Aponte sobre mim (regulação de tiro);

Fumaça amarela — O terreno sobre o qual vôo parece livre ou ou fracamente ocupado (Para encorajar a progressão);

Fumaça vermelha — Ameaça do inimigo na direção em que estou;

Lagarta brancas — Artifício à disposição do exército para receber uma significação eventual.

P — Que outros artificios você conhece?

R — Os artificios de sinalização de terra, que podem ser:

— cartuchos para pistolas sinalizadoras de 25 mm.;

— cartuchos para bocal V.B.;

— foguetes com varas.

Os artificios regulamentares compreendem:

artificios de umas três e seis estrelas e lagartas de côr branca, vermelha ou verde;

artificios de fumaça amarela.

As respectivas significações e bem assim às autoridades que os devem utilizar são fixadas pelos exércitos de acôrdo com as necessidades do momento.

P — Que é o porta-mensagem?

R — Pode-se empregar, eventualmente, um projétil especial denominado *porta-mensageiro* com o fim de diminuir a circulação dos

mensageiros. O documento a enviar é introduzido no porta-mensagem e este é atirado pelo fusil por intermédio do bocal V.B. Uma composição fumígena que se inflama mais ou menos no meio da trajectória do projétil e continua a arder mesmo depois da queda, permite acompanhar com a vista o porta-mensagem e encontrá-lo facilmente. O alcance máximo é de cerca de 350 metros. Para distâncias superiores, estabeleceu-se postos intermediários. Utiliza-se este processo para evitar aos mensageiros percursos perigosos.

P — Em que consiste a mensagem lastrada?

R — Consiste este processo em remeter mensagens dentro de um tubo de metal convenientemente fechado nas duas extremidades. Ao tubo prende-se uma longa bandeirola de tecido branco, destinada a atrair a atenção durante o respectivo lançamento e a facilitar seja encontrada a mensagem depois da queda. O avião desce a baixa altura (mais ou menos 100 metros) e deixa cair a mensagem nas proximidades do painel de identificação do P.C. Apanhada a mensagem, os homens encarregados da manobra dos painéis fazem o sinal "entendido" (11).

P — Que é o apanha-mensagem?

R — Apanha-mensagem é um aparelho que permite ao aviador apanhar no sólo mensagens durante o vôo. O aparelho que pesa de 4 a 5 quilos, consiste numa espécie de *fateixa* (âncora de 4 braços, construída de modo que os braços não se possam prender ao solo. A *fateixa* é presa a um cabo de aço de 20 metros de comprimento, que se enrola em uma bobina semelhante às que servem para enrolar as antenas de T.S.F. A tropa que deseja enviar a mensagem crava em terreno bem desembaraçado a 20 metros uma da outra, duas hastes de 5 metros de comprimento terminadas em forquilha bem aberta. O plano vertical das hastes deve ser perpendicular à direcção do vento. Prende-se a mensagem a uma corda com as extremidades amarradas (círculo). Faz-se em seguida apoiar a corda ligeiramente distendida sobre as forquilhas, de sorte que a mensagem é acondicionada em um pequeno saco de couro e fortemente presa à corda. Afim de ser chamada a atenção do aviador, colocam-se alguns painéis de balisamento em torno de cada uma das hastes. O sentido do vento é indicado por outros painéis de balisamento colocados numa perpendicular à linha das hastes e a 30 metros desta linha para o lado de onde sopra o vento. Para apanhar a mensagem, o aviador desenrola o cabo de aço e o avião, dirigindo-se contra o vento, procura passar a dez ou quinze metros acima da corda, o aviador enrola o cabo

de aço e recolhe a mensagem, devendo, antes de continuar o voo, restituir o pequeno saco porta-mensagem e a corda.

P — Que são painéis?

R — São pedaços de pano de forma e dimensões diversas, que permitem assegurar por meio de sinais convencionais simples, as relações entre a aviação e a terra, assim como, eventualmente, entre os balões e os observatórios elevados.

P — Quantas espécies de painéis?

R — Três.

P — Quais são as espécies de painéis?

R — Painéis de balisamento, que servem para indicar ao avião a linha atingida pelos elementos mais avançados do primeiro escalão de combate;

painéis de identificação, que servem para identificar as unidades; painéis de sinalização, que servem para a correspondência, por sinais convencionais, com o avião.

P — Como são os *painéis de balisamento*?

R — São painéis de oleado branco numa face e de cor neutra na outra, que se enrolam em duas hastes de madeira presas a lados opostos.

P — Qdais são as dimensões dos Painéis de balisamento?

R — 0,50m. R0,40m.

P — Quantas espécies há de *painéis de identificação*?

R — *Painéis de identificação* de uma unidade determinada, que se compõe das seguintes partes: painel de arma de forma especial para cada arma; painel de unidade que, justaposto ao de arma, indica o tipo de unidade (batalhão, regimento, grupo ou esquadrão); quadros ou faixas segras que, superpostas ao painel da arma, permitem identificar a unidade.

Painéis de arma, de pano branco, de formas e dimensões seguintes:

Infantaria — retângulo de 3m.X0.70m.

Carros de Combate — Quadrado de 2m. de lado com diagonais negras.

Artilharia — 75 de mantanha ou de dorso e 155 curto, quadrado de 5m. de lado.

Artilharia — Todos os outros caibres, losango de 5m. de lado.

Cavalaria — Quadrado de 2m. de lado com uma diagonal negra de 0,40m. de largura.

Engenharia — Conjunto de 3 painéis retangulares, em forma de [(letra C). Só devem ser empregados pelas unidades de Engenharia que trabalham isolados.

Aviação — Letra A formada de 3 painéis de 5m. por 1m. um dobrado pela metade.

Painéis característicos da unidade, de cor branca e formas e dimensões seguintes:

Triângulo equilátero de 2m. de lado — batalhão de Infantaria, Esquadrão de Cavalaria, grupo de Artilharia, companhia isolada de Engenharia e esquadrilha de Aviação.

Semicírculo de 3m. de diâmetro — regimento de Infantaria, grupos de batalhões de Infantaria, regimento de Cavalaria, grupos de esquadrões de Cavalaria, grupamentos de Artilharia, sub-grupamentos de Artilharia e grupos de Aviação.

Círculo de 3m. de diâmetro — brigadas, P.C. de Infantaria ou Artilharia Divisionária, P.C. e um destacamento de todas as armas.

Dois meios-círculos de 3m. de diâmetro — divisões.

Estrêla de cinco vértices — Corpos e Cavalaria.

Cruz de cinco metros — P.C. de exército e grupo de exércitos.

Cruz de Santo André formada de dois painéis de 3m.X0,70m. e colocada ao lado do painel de uma unidade, para indicar os centros avançados de informações (C.A.I.) que dependem dessa unidade.

P — Que sabe sobre os *painéis de sinalização*?

R — São Painéis de cor branca e de forma retangular, medindo 3m.X0,7m. e destinados aos P.C. de Infantaria e Cavalaria. Para os P.C. de grandes unidades e de Artilharia, esses Painéis medem 5m.X1m.

P — Qual é o emprego dos painéis de sinalização?

R — Os painéis de sinalização utilizam-se para formar sinais numéricos mediante algarismos convencionais. São dispostos de modo a formar os algarismos de 1 a 9. Os sinais convencionais que se podem fazer por painéis são distribuídos em 3 listas. A lista 1 trata dos sinais de serviço para todos os postos de comando; a lista 2 trata dos sinais para as necessidades de todas as armas; a lista 3, enfim, trata dos sinais para as necessidades particulares da Artilharia.

P — Quais são os métodos regulamentares de condensação a que nos referimos nos radiogramas simplificados?

R — São as expressões convencionais, divididas em sete listas, a saber:
Lista I — expressões militares: objetivo atingido—XCX.
Lista II — verbos e termos qualificados: marchar—MAR.

- Lista III — designação dos pontos do terreno, das direções e das distâncias: caminho — KAM.
- Lista IV — expressões complementares para a aviação: vou aterrar — ATR.
- Lista V — sinais para as operações: torpedeiro—JTO.
- Lista VI — mensagens convencionais para as necessidades da Artilharia — mensagens elementares de regulação do tiro: bom alcance—C em Morse.
- Lista VII — mensagens complementares relativas ao tiro: está pronta a bateria? — O6.

FONTES DE CONSULTAS:

Regulamento Técnico para a exploração dos meios de transmissões.

Regulamento para a organização das ligações e transmissões em campanha.

Instrução de transmissões — Lima Figueirêdo.



RESERVAS DE GUERRA

Tenente-Coronel J. SANGUINETTI

Trad. do Major JOAQUIM GOMES

1. — CONCEITOS GERAIS

A preparação da mobilização industrial que, em última análise, deve conduzir à obtenção dos meios materiais destinados à condução das operações das forças armadas e à satisfação das necessidades imprescindíveis da população civil, durante a guerra, apresenta a seguinte questão:

Que reservas ou "stocks" devem ser acumulados durante a paz, quais os elementos insubstituíveis e, ao mesmo tempo, de impossível ou insuficiente produção nacional, para poder fazer frente às necessidades da guerra prevista?

Um caso típico desses elementos é o das matérias primas críticas e estratégicas (1) já que sendo essenciais, por definição, para a produção de guerra, o grão de auto-suficiência (2) da produção nacional é inferior a 100% no primeiro caso e a 50% no segundo em relação às necessidades do país.

Porém, exprimindo este conceito com uma forma mais generalizada, diremos que, de todas as matérias primas e produtos industriais cuja produção nacional não seja suficiente para satisfazer, em qualquer momento, as necessidades das forças armadas e da economia geral, deve-se, em princípio, armazenar reservas. A crise porque passou

(1) — **Matérias primas críticas** — são aquelas que podem ser obtidas nas próprias fontes de produção, porém em quantidade insuficiente para satisfazer as necessidades essenciais (auto-suficiência inferior a 100%).

Matérias primas estratégicas — são aquelas que provêm totalmente, ou em sua maior parte, de fontes extra-territoriais ou que, encontrando-se no próprio país ou em países que possam ser aliados, não se pode contar com elas com segurança, quer pela dificuldade de acesso às fontes produtoras, quer pelas dificuldades de transporte ou de produção (auto-suficiência inferior a 50%).

(2) — **Auto-suficiência** — a produção necessária para abastecer, totalmente, o consumo.

a nossa indústria, (3) originada pela escassês de matérias primas durante o transcurso da última guerra mundial, constitue um exemplo marcante mostra, com eloquência, os prejuizos que podem fazer sobrevir, ao desenvolvimento e expansão econômico industrial, a falta de previsão na formação de reservas.

Para os fins deste estudo, consideraremos como reservas de guerra as matérias primas e materiais de guerra que sejam armazenados, durante a paz, com o objetivo de serem utilizados durante a mobilização, ou no decorrer da guerra, seja para satisfazer diretamente o abastecimento civil e militar, seja, também, para satisfazer as exigências da produção de guerra.

Contudo, examinaremos especialmente as reservas de elementos destinados a alimentar a produção de guerra, ou seja, as matérias primas, combustíveis, máquinas, ferramentas, etc. necessários aos diferentes setores de abastecimentos das forças armadas e, apenas acidentalmente, os produtos manufaturados, como sejam as armas, equipamentos, etc.

É indiscutível que as quantidades a acumular deverão ser suficientes para fazer frente aos abastecimentos necessários à satisfação das exigências das forças armadas e da população civil, durante as primeiras operações e durante o espaço de tempo imprescindível à que as fontes de matérias primas e produtos industriais se organizem e alcancem o nível de produção necessário.

Com efeito, as forças armadas têm necessidade de material, antes mesmo de começar a guerra (dotação inicial) e consomem enormes quantidades desde o início das hostilidades. Daí a necessidade da disponibilidade de "stocks" de guerra capazes de atender as necessidades fixadas pelos Estados Maiores Gerais das forças armadas até o momento em que a organização da produção possa satisfazê-las. O Comando em chefe não poderia, de fôrma alguma, esperar que, por exemplo, as munições, imediatamente imprescindíveis às operações, lhe chegassem somente quando a produção em grande escala o permitisse. Naturalmente que as reservas terão de ser maiores quando, em consequência de estudos econômico-industriais realizados durante a paz, se conclua que os recursos potenciais e efetivos do país não possam permitir, nem mesmo durante a própria guerra, uma vez lançadas as fabricações previstas, equilibrar, totalmente, a capacidade de produção com as necessidades a satisfazer. Haverá, assim mesmo, muitos casos em que sendo impossível qualquer produção nacional, ter-se-á que acumular como reserva, durante a paz, 100% das necessidades. Esse seria, para a

(3) — O autor refere-se à ARGENTINA.

ARGENTINA, por exemplo, o caso do mercúrio, destinado à produção do fulminato do mesmo metalóide, (1).

2. — QUANTIDADE DE RESERVAS

Para se determinar a quantidade de reservas que deve ser armazenada, propomos a seguinte fórmula geral, de aplicação simples:

$$R = R_0 + (n - 1) (C - P) \quad (1)$$

na qual, por sua vês:

$$R_0 = C - p$$

onde:

R — representa a reserva total de um determinado produto, expressa em unidades, toneladas, etc, segundo o caso, para fazer frente ao deficit existente entre as necessidades totais, previstas para a duração da guerra, e os recursos que possam ser fornecidos pela produção nacional.

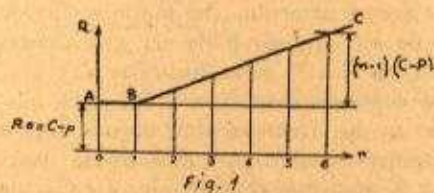
$R_0 = C - p$ — é a reserva inicial destinada ao primeiro ano de luta, resultante da diferença entre o consumo médio anual de tempo de guerra C (consumo civil e militar) e a produção anual p , existente no início das hostilidades.

n — é a duração da guerra, expressa em anos.

P — é a produção anual, que pode ser obtida depois de transcorrido o primeiro ano de guerra, de acôrdo com os planos de mobilização industrial previstos.

A utilização desta fórmula traz implicito, como se vê, o conceito de que a produção de produtos manufaturados, assim como de matérias primas, combustíveis, etc, na escala que as necessidades da guerra exigem, não pode ser alcançada antes de decorridos 12 meses.

A figura 1 é a tradução gráfica da fórmula anterior. Seu exame nos indica que a reserva a acumular R , aumenta com a duração da guer-



ra n e com o valor $C - P$, que representa o deficit anual entre o consumo e a produção de guerra. Com efeito, quanto maior for esta diferença,

(1) — Como a ARGENTINA, todos os países sul-americanos, exceção da BOLÍVIA, em relação ao mercúrio, encontram-se na mesma situação.

tanto maior será a inclinação da reta BC e, também, o valor de R , para uma duração dada da guerra. A ordenada na origem $OA = R$, representa a reserva inicial mínima que deve existir, qualquer que seja a duração do conflito.

Outro aspecto fundamental do problema de que nos ocupamos, relacionado com a reserva de produtos perecíveis, é a questão de sua inutilização durante o tempo de armazenamento nos depósitos.

Com efeito, devido à alteração de suas propriedades físicas e químicas, certos produtos podem chegar a perder totalmente suas condições de utilização depois de certo tempo, tornando-se até perigosos como acontece, frequentemente, com as substâncias químicas e munições, por exemplo.

O critério geral a aplicar nestes casos, consiste em fixar a reserva máxima R permitida pela renovação periódica, consentida, por sua vez, pelo consumo anual de tempo de paz c e o tempo, em anos, m , durante o qual esses produtos possam ser armazenados sem que suas propriedades sejam alteradas.

Ter-se-á, então:

$$R = mc \quad (2)$$

Entre esta fórmula e a anterior, é fácil deduzir que:

$$P = C + \frac{R_0}{n-1} - \frac{mc}{n-1} \quad (3)$$

Esta última fórmula nos indica que tratando-se de produtos perecíveis, em que o volume máximo a armazenar não pode passar do valor $R = mc$, é imperativo crear e desenvolver, depois de decorrido o primeiro ano de guerra, uma capacidade anual de produção P , cujo valor crescerá, supondo-se que C , R_0 , n e c sejam constantes, a medida que o tempo m , de armazenamento, diminua e reciprocamente.

O que acaba de ser exposto pode ser graficamente traduzido, representando as funções R e P pelas fórmulas (2) e (3).

Com efeito, se supomos constantes c , C , R_0 e n e adotamos como variável, a duração m das reservas obteremos a figura 2.

A simples inspeção desta figura nos revela que, crescendo m , a reserva a acumular R aumenta, diminuindo, a capacidade de produção P , em tempo de guerra. Reciprocamente, quando a duração m , tende para zero, a reserva será mínima e, em consequência, a capacidade de produção será máxima.

Em seguida, a título de esclarecimento, faremos dois exemplos da aplicação das fórmulas anteriores.

a) — PRODUTO IMPERECÍVEL: *cobre eletrolítico*.Duração prevista de guerra — $n = 4$ anosConsumo anual imprescindível ao consumo da população civil em tempo de guerra — $C_p = 7.000$ tons.Id., id. das forças armadas, em tempo de guerra — $C_p = 7.000$ tons.Produção anual armazenável, após o primeiro ano de guerra — $P = 4.000$ tons.Id., id. normal de paz, ao se iniciar a guerra — $p = 3.000$ tons.

Com estes dados deduz:

Consumo médio anual durante a guerra — $C = C_p + C_f = 7.000 + 7.000 = 14.000$ tons.Necessidades totais para toda a duração da guerra: $N = nC = 4 \times 14.000 = 56.000$ tons.Reserva inicial $R_0 = C - p = 14.000 - 3.000 = 11.000$ tons.Reserva total para toda a duração da guerra: $R = R_0 + (n - 1)(C - P) = 11.000 + (4 - 1)(14.000 - 4.000) = 11.000 + 3 \times 10.000 = 41.000$ tons.b) — PRODUTO PERECÍVEL: *polvora de nitrocelulose*Duração prevista da guerra — $n = 4$ anosTempo de conservação — $m = 10$ anosConsumo médio anual, durante a guerra — $C = 4.500$ tonsId., id. durante a paz — $c = 500$ tons.Produção normal de tempo de paz, ao iniciar-se a guerra — $p = 600$ tons.

Com estes dados se calcula:

Necessidades totais para toda a duração da guerra: $N = nC = 4 \times 4.500 = 18.000$ tons.Reserva máxima acumulável: $R = mc = 10 \times 500 = 5.000$ tons.Reserva inicial: $R_0 = C - p = 4.500 - 600 = 3.900$ tons.

Capacidade média anual de produção que deve ser atingida após o primeiro ano de guerra:

$$\begin{aligned}
 P &= C + \frac{R_0}{n-1} - \frac{mc}{n-1} = 4.500 + \frac{3.900}{4-1} - \frac{10 \times 500}{4-1} = \\
 &= 4.500 + \frac{3.900}{3} - \frac{5.000}{3} = \frac{17.400 - 5.000}{3} = \frac{12.400}{3} = \\
 &= 4.133 \text{ tons.}
 \end{aligned}$$

O primeiro exemplo nos demonstra que, para satisfazer as necessidades totais $N = 56.000$ tons, de cobre eletrolítico, deve-se acumular uma reserva $R = 41.000$ tons., ou seja, 73% das necessidades totais, uma vez que se admitiu que a capacidade de produção do país só poderia passar do nível $p = 3.000$ tons. ao de $P = 4.000$ tons., aumentando-a de 33%, depois de decorrido o primeiro ano de guerra. No segundo exemplo, para uma necessidade total $N = 18.000$ tons., que representa 23% daquela quantidade, deve-se crear uma capacidade de produção anual, em tempo de guerra, de $P = 4.134$ tons., isto é, que a produção anual de paz de $p = 600$ tons. deve ser aumentada, necessariamente, em uns 85%.

Como se vê, a natureza dos produtos, sob o ponto de vista de sua conservação, obriga à adoção de providências de diferentes ordens: com os produtos imperecíveis, a reserva pode ser máxima e a produção relativamente pequena; ao contrário, com os perecíveis, a reserva tende a ser mínima e, em consequência, a produção máxima. Confirma-se, pois, as conclusões a que nos conduziu o exame da figura 2.

OUTROS ASPECTOS DO PROBLEMA

Outro aspecto importante do problema que estamos estudando é o que se deriva do conceito de que as reservas de produtos armazenados representa, por sua vez, reservas de trabalho humano. Quando um país não conta com abundantes recursos humanos, particularmente em relação aos seus adversários, poderá se encontrar em situação difícil para atender, simultaneamente, a frente de combate e a produção de guerra, incorporando, destarte, nas fileiras combatentes, os trabalhadores e operários que, desta forma, ficariam liberados.

Com um exemplo elucidaremos este conceito, que é muito importante sob o ponto de vista da defesa nacional e o referiremos ao caso de alguns produtos inteiramente fabricados, indispensáveis ao abastecimento das forças armadas, que é, por outro lado, o de mais útil aplicação. Suponhamos, com efeito, que se teria podido acumular como reservas de guerra: 3.000 aviões médios, 1.000 tanques leves, 2.000 canhões de médio calibre e 6 submarinos. Este conjunto de material representa uma reserva de trabalho de uns 245 milhões de horas — homem, e como o trabalho de uma pessoa, durante um ano, representa umas 2.400 horas, a cifra anterior significará o trabalho de uns 100.000 operários durante um ano. Si a duração prevista da guerra fosse, por exemplo, de três anos, a reserva humana, assim acumulada, permitiria incorporar às fileiras combatentes cerca de 33.000 homens durante o decorrer da luta.

Para chegar a esta conclusão utilizamos os dados constantes do quadro que se segue:

DISCRIMINAÇÃO	Consumo de mão de obra em horas-homem	
	Por unidade fabricada	Total
3.000 aviões médios	18.000	54.000.000
1.000 tanques leves	14.000	14.000.000
2.000 canhões de cal. médio	85.000	170.000.000
6 submarinos	1.200.000	7.200.000
Total geral		245.200.000

Naturalmente que as possibilidades de levar à prática uma semelhança política de defesa nacional, dependerá fundamentalmente dos recursos econômicos e financeiros do país e da situação internacional, o que nos leva a estudar o aspecto financeiro do problema das reservas.

Tratando-se especialmente de matérias primas críticas e estratégicas, assim como de numerosos produtos semi-fabricados de que se ocupam as indústrias, normalmente, durante a paz, sempre será possível, mediante uma política adequada do Estado, estimulando a ação privada, por meio de prêmios, isenção de impostos e direitos aduaneiros etc, conseguir que as enormes despesas que representam as reservas, no conceito de capitais improdutivos, se repartam entre o principal interessado, que é o próprio Estado e as entidades privadas. Tratando-se, por outro lado, de produtos de utilização específica por parte das forças armadas, como munições e equipamento de guerra, o "quantum" das reservas terá, sempre, um limite natural, imposto pelos recursos financeiros disponíveis. Fixada, então, o valor máximo, possível, de reserva de um determinado produto, o único recurso que resta para fazer frente às necessidades do consumo de guerra, si for aquela insuficiente, consistirá em aumentar, correlativamente, na medida indispensável, a capacidade de produção. Este problema pode ser resolvido mediante a aplicação da fórmula (3) quando se tratar de elementos perecíveis, ou a fórmula que se segue, deduzida da fórmula (1), quando se tratar de elementos imperecíveis:

$$P = C - \frac{R - R_0}{n - 1} \quad (4)$$

Será, sempre, uma medida de alto alcance incluir no orçamento anual da Nação, uma verba fixa, destinada à formação permanente de

reservas de matérias primas e produtos semi-fabricados e, em certos casos, inteiramente fabricados, que, particularmente, sejam interessantes, sob o duplo ponto de vista da economia geral e da defesa nacional.

Cumpra assinalar, entretanto, que certos produtos, quer se trate de elementos perecíveis ou imperecíveis, podem se tornar antiquados devido aos incessantes progressos da ciência e da técnica industrial, sempre em constante evolução. Isto ocorre especialmente com os meios de rádio-comunicações, defesa anti-aérea e transportes aéreo e auto-móvel, da mesma forma que com produtos químicos, etc.

Nestes casos, uma falta previsão poderia conduzir a acumular grandes reservas de material que seriam pouco ou, talvez, nada eficazes, frente a um adversário que possuísse elementos mais modernos, dotados dos últimos aperfeiçoamentos da técnica. O problema assinalado é de solução difícil, apresenta uma questão de medida, oportunidade e informações, que só poderá ser resolvido em cada caso particular, sobre a base de elementos de julgamento concretos e atualizados, relativos tanto à própria forma de agir, como a dos prováveis adversários. Acrescentamos que, quanto maior seja a duração prevista da guerra, tanto maiores serão os perspectivas de ter que modificar o armamento e obter novas armas, como ficou demonstrado nas duas últimas guerras mundiais.

POLÍTICA A SEGUIR

O problema geral da constituição de reservas, referido ao campo da mobilização industrial, é de tal amplitude, que sua projeção afeta não apenas às atividades próprias dos três ramos das forças armadas, porém, também, à toda economia geral da Nação. Por isso, a resolução final das questões concretas e fundamentais que se podem apresentar (produtos a armazenar, ordem de urgência a ser seguida, recursos financeiros a serem aplicados, órgão a que caberá adquirir as reservas, controlá-las e armazená-las, etc), deve ser da alçada do Poder Executivo.

Estas questões deverão ser formuladas pelo Conselho de Defesa Nacional que, por intermédio de sua Comissão de Mobilização Industrial, estará em condições de centralizar e coordenar as informações e necessidades correspondentes aos diferentes ministérios militares, ministérios da Indústria e Comércio e de todos os organismos civis que colaborem nas atividades preparatórias da mobilização industrial.

Esta comissão, a fim de ficar perfeitamente apta a assessorar o Conselho, deverá conhecer especialmente:

- a) — Os recursos efetivos e potenciais do país, no que diz respeito à economia industrial relativa à produção de paz, de

matérias primas, combustíveis, maquinárias, ferramentas, etc. de acôrdo com dados e referências estatísticas atualizadas periodicamente

- b) — As necessidades a satisfazer, para fazer frente à produção de guerra prevista nos planos de mobilização industrial, tanto para o abastecimento das forças em campanha, como para atender às necessidades imprescindíveis da população civil.
- c) — A situação de tôdas as matérias primas e produtos industriais críticos e estratégicos, determinando, para cada caso, o grau de auto-suficiência da produção nacional em função das necessidades normais de paz e as necessidades extraordinárias de guerra.
- d) — A estatística atualizada das reservas que existem, normalmente, em poder dos organismos oficiais ou particulares e, especialmente, as reservas para o caso de guerra, que as forças armadas possuam.
- e) — A estatística, também atualizada, da importação e exportação de produtos de obtenção difícil no país e que interessem especialmente à produção de guerra.
- f) — Os estudos e trabalhos mais importantes, que se realizem no país, sobre economia industrial.

Em poucas palavras, a Comissão de Mobilização Industrial poderá ser um eficaz órgão assessor, procurando conhecer a fundo o potencial de guerra do país, no que se refere à economia das matérias primas, combustíveis e demais elementos materiais de produção industrial, considerados sob o ponto de vista da defesa nacional e, particularmente, das atividades da mobilização industrial, cuja coordenação, no plano nacional, constitui sua missão específica.

Terminando esta exposição desejamos dizer que a constituição de reservas não deve significar, de forma alguma, uma paralização na expansão da capacidade nacional de produção, de vês que elas não representam se não um remédio, ou uma garantia, face a eventualidade de uma guerra, que toma em consideração, como previsão fundamental, quais são os recursos do país, em um dado momento, por um lado e as necessidades a satisfazer, por outro. Esta reserva representa, assim, uma exigência dos planos de mobilização industrial, previstos para uma determinada guerra, o qual não significa que o país, em seu afã incessante do progresso, não vá ampliando a capacidade de produção efetiva e real existente, até o limite máximo a que possa atingir de acôrdo com a sua capacidade potencial. Neste caso, para os produtos perecíveis, tal

como mostra a figura 2, si a capacidade de produção P aumenta, a reserva R deverá diminuir paralelamente, o que significa, em última aná-

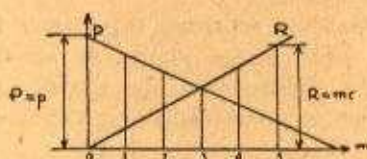


Fig. 2

lise, que parte das reservas acumulação poderão ser consumidas e, assim, os capitais, que elas representam liberados para serem aplicados na constituição de reservas de outros produtos.

Como se vê, o critério a aplicar em matéria de formação de reservas de guerra, é eminentemente dinâmico.

Assinalaremos, por fim, que o problema geral da formação de reservas de guerra, nunca se apresenta, na realidade, separado de outros relacionados com a preparação econômica do país para a guerra.

Assim, por exemplo, o estudo particular de uma matéria prima crítica, sob o ponto de vista da defesa nacional, obrigará a considerar os produtos sucedâneos, ou de substituição, que possam ser obtidos no país, após o que se poderá conhecer o verdadeiro déficit a ser coberto.

Assim, também, o estudo de certos metais poderá conduzir à consideração de toda uma política mineira e à estruturação de planos industriais de grande repercussão econômica. Um exemplo interessante é o caso do ferro, na ARGENTINA, cujo estudo econômico industrial decidiu à "Dirección General de Fabricaciones Militares" a exploração do minério de ferro em Palpalá, originando, em seu desenvolvimento ulterior, o plano Siderúrgico argentino.

CEREALISTA TAUBATÉ LTDA.

Matriz: Taubaté, Est. S. Paulo, Brasil, Av. 9 de Julho n.º 109 —

Fones: 290 e 443. Caixa Postal 86. Telegr.: "Cerealista".

Cod.: Mascotte 2.ª ed.

Filial: São Paulo — Rua Paula Souza n.º 290. Fone: 4.3022

Importadora — Sêcos e molhados por atacado — Máquina

de beneficiar arroz — "Moinho de fubá"

Agente da The Texas Company (South America) Ltd.

Distribuidora do afamado produto "Melho Aromático Brasileiro"

Representante dos adubos químicos de "Fernando Hackradt & Cia."

Arroz extra, use a marca "MARISTELA"

"Procura primeiro as boas coisas do espírito que o resto será suprido ou não sentiremos a sua falta".

Francis Bacon.

* * *

"A ciência política não faz homens e sim toma-os com natureza os fez".

Aristoteles.

* * *

"Sob a influência das novas doutrinas pedagógicas, acentuou-se o caracter educativo do ensino. Não é este mera obra receptiva em que, de modo passivo e relativamente inerte, o aluno adquire o que o professor lhe transmite, e sim processo de aprendizagem, esforço dirigido no sentido da formação ou modificação da conduta humana. De acordo com essa doutrina pedagógica, o aluno aprende por si e a função do mestre se resume em dirigi-lo, encaminha-lo e estimula-lo no decurso da aprendizagem. Daí empregar-se correntemente hoje a expressão direção da aprendizagem em substituição das antigas didática e "metodologia".

A. M. Aguayo

*

Orientação dos Estudos da Escola de Estado-maior do Exército

Conferência de abertura dos Cursos de 1947

Gen. T. A. ARARIPE

I — INTRODUÇÃO

Há um ano atrás, por ocasião da reabertura da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e do início das atividades do Centro de Aperfeiçoamento e Especialização do Realengo, recém criado, bordei diversas considerações acerca das características que se impunham aos novos Exércitos, principalmente no tocante à organização, ao recrutamento selecionado, à formação especializada e à educação militar. Justificava, assim, a finalidade do novo organismo e apontava as linhas gerais do

seu funcionamento, como notável passo "no sentido de melhor ajustamento às condições sociais, aos progressos da técnica, aos novos meios de guerra e às conquistas da psicologia e da pedagogia modernas".

O tema de hoje, ao reiniciarem-se os trabalhos desta Escola — laboratório de idéias — não pode fugir à mesma corrente de opinião e de pensamento, para bem situar a diretriz e o campo de nossos esforços. Perdoai se me repito a mim mesmo. Perdoai se repito idéias sedidas ou conhecidas. Sede complacentes com as idéias novas, por mais exóticas que pareçam. Da boa vontade em apreciá-las, virá, muitas vezes, a coragem para adotá-las.

Diz um Regulamento norte-americano que o oficial precisa ter coragem, mesmo para adotar as novas idéias!

Não nos devemos esquecer daquela citação de um ensaísta notável: "em tôdas as atividades, na paz como na guerra, a única lei persistente é a da variação. Se quisermos sobreviver e ser vitoriosos precisaremos aprender a evoluir". Em outras palavras, a variação para a evolução é condição mesma da vida. Isso não quer dizer que devemos ou possamos dispensar o lastro da experiência anterior e a força criadora da tradição. Já afirmamos aqui a necessidade do equilíbrio entre essa tradição e a invenção, para que haja progresso.

É preciso, porém, que nos precavênhamos contra a inércia do hábito, contra a rotina, que devem ser combatidas e neutralizadas.

As forças armadas evoluem constantemente:

- na sua organização;
- no seu material e armamento;
- nos processos de luta;
- na sua mentalidade;
- na forma do recrutamento;
- na psicologia e na pedagogia, isto é, na aprendizagem;
- na concepção da disciplina.

Em nossa era, essa evolução vem sendo condicionada, principalmente, pelas tendências científico-inventivas, pela capacidade técnico-industrial, pela situação político-social das nações.

II ORGANIZAÇÃO — MATERIAL — ARMAMENTO

Acabada a luta, cada nação procura rever a sua máquina de guerra; umas para reduzi-la à situação normal do tempo de paz; outras para recompô-la e atualizá-la, de acôrdo com a experiência e as previsões de um progresso iminente. Umas e outras procedem, porém, com prudência.

As grandes nações vitoriosas, como os Estados Unidos da América do Norte, o Império Britânico e a Rússia, se empregam grande número de técnicos, recursos e créditos na pesquisa e preparação de novos meios de guerra, esforçam-se, doutro lado, por não desmontar o aparelhamento que lhes proporcionou a vitória. Em particular, não deixam de manter em elevado nível a instrução, o treinamento e a eficiência das forças de terra, apesar das promessas e ameaças da luta atômica.

O Marechal MONTGOMERY assim se exprimiu recentemente: "A bomba atômica e as armas análogas não suprimirão as grandes batalhas terrestres. Elas certamente terão influência táctica nos campos de batalha; essa influência, porém, não será tão considerável como se quer supô-la".

Mais positivo foi o General EISENHOWER, na "Memória sobre os princípios gerais destinados a orientar a preparação dos planos de após-guerra": "Deixar-se hipnotisar por idéias preconcebidas acerca da direção da guerra em futuro mais afastado do que o permitido pelas limitadas possibilidades das previsões humanas seria com certeza obstar o progresso. O interesse despertado pelas pesquisas científicas e por seu desenvolvimento proscree na hora atual de maneira absoluta a adoção de preconceitos irrevogáveis sobre as mudanças que poderiam ocorrer nas modalidades de realização de um conflito, mesmo nos próximos dez ou quinze anos... Qualquer guerra que irromper nos próximos anos seria, por força, feita com as armas e o material de que dispomos atualmente ou que estão em via de fabricação. Os planos de organização e de treinamento imediatos serão, por conseguinte, estabelecidos de acordo com as armas e material atualmente em serviço ou em fabricação entre nós ou no estrangeiro".

Esse ponto de vista não significa, portanto, estagnação; ao contrário, há nele o senso de continuidade que é o característico da evolução.

A prova disso está em que, mesmo antes de terminar a guerra, uma comissão de chefes qualificados do Exército dos Estados Unidos teve a seu cargo a colheita, a triagem e a codificação de todos os ensinamentos havidos em todos os teatros de operações. E esses ensinamentos vão sendo postos em ação na medida da conveniência atual.

As nações de fraco potencial militar e as que foram obrigadas a começar de novo a sua organização de segurança nacional cingem-se a uma decisão ainda mais prudente. Ao nosso vêr, essa decisão consiste no que o General De Lattre de Tassigny chamou de "Exército de transição", Exército baseado nos ensinamentos do último conflito, porém capaz de proceder a adaptação às inovações que se anun-

ciam (*). Para muitas nações essa organização de transição importará em uma verdadeira correção de rumo, sob certos aspectos, com a adoção dos processos de recrutamento selecionado, de instrução mais utilitária e melhor tratamento do elemento humano. Neste particular, é interessante acompanhar o que realiza a FRANÇA. Tendo de reorganizar as suas Forças Armadas, elles fizeram, no dizer do já citado General De Lattre de Tassigny, largos empréstimos ao Exército norte-americano, em matéria de organização e de instrução, mas evitaram a cópia servil nos domínios onde era preciso considerar a diferença psicológica, a riqueza e a escassez de recursos, as condições políticas e as imposições geográficas.

Passemos em revista, sob o aspecto da evolução, os diferentes tipos de unidades básicas do Exército de terra, isto é:

- a Divisão de Infantaria
- a Divisão Blindada
- a Divisão Aéro-terrestre
- a Divisão de Cavalaria
- o Corpo de Exército
- o Corpo de Cavalaria
- o Exército e o Grupo de Exércitos

A DIVISÃO DE INFANTARIA

Quaisquer que tenham sido as transformações na constituição desse tipo de Grande Unidade, permanece imutável a concepção que induziu *Carnot*, no fim do século XVIII, a articular os exércitos, até então rígidos, em Divisões: —

- o seu papel essencial é permitir a íntima cooperação das diferentes Armas, em uma mesma ação e visando um mesmo resultado;

(*) — Ao método puramente histórico, que conduzia geralmente à preparação da guerra de ontem e não à da guerra de amanhã, sobrepõe-se o método conjectural, de estudos, sempre renovados e de conclusões que não serão definitivas.

Na fase de estudos, torna-se necessário o Exército de transição. E mesmo quando tiver passado essa fase ou as conclusões forem de maior fundamento, as Forças Armadas se apresentarão em evolução que não cessará. O espírito dogmático que se amarra à letra dos regulamentos e às organizações inevitáveis deve ser substituído pelo espírito de flexibilidade, sempre disposto a adaptar formulas novas, quer na concepção da arte da guerra, quer na aplicação dos meios de combate.

N. da Redação — V. tradução do artigo desse nome, do General De Lattre de Tassigny, em nosso número de Abril do corrente ano.

- dispondo organicamente de diferentes Armas e Serviços, em dosagem conveniente, deve ela ser capaz de efetuar com os próprios meios qualquer operação tática que se imponha no campo de batalhas;
- deve poder receber reforços de meios suplementares para aumentar a sua capacidade combativa.

Os ensinamentos colhidos pela Comissão do Exército norte-americano a que já nos referimos frizam que as unidades orgânicas da Divisão que fez a guerra foram de potência e composição geral insuficientes para permitir operações autônomas e de certa duração. E, como em tôdas as campanhas, as Divisões de Infantaria tiveram sempre de ser reforçadas em carros, artilharia anti-aérea, engenharia, etc., domina a opinião de que essa Divisão deve ser dotada organicamente de um certo número de unidades suplementares dessa natureza.

Essa tendência vai tomando fôrma, na organização norte-americana (veja vista o mais recente quadro de organização da D I).

Dentre as mais importantes características da organização recomendada podemos registrar aqui: —

- o aparecimento do Btl de Carros de Combate, na Divisão, e da Cia de Carros, no R.I., permitindo, sob um mesmo comando permanente, melhor cooperação entre a infantaria e os blindados em tôdas as situações e ainda a supressão das unidades anti-carro, desde que se reconheceu que a melhor arma contra carros é o próprio carro adverso;
- no Regimento de Infantaria, além da inovação acima apontada, a Cia de Obuses 105 é substituída por uma Cia de Morteiros Pesados, embora no parecer da grande comissão norte-americana se aluda à supressão do morteiro pesado e do canhão de infantaria e à substituição deste pelo obús 105; além disso, buscam-se aperfeiçoamentos no armamento, simplificado e mais fácil de manejar;
- na artilharia divisionária, surge o grupo de artilharia anti-aérea e tanto este material, como o de 105 e o de 155, passa a ser auto-propulsado;
- também a Engenharia e a Intendência recebem um sensível aumento.

Não se deve esquecer, por outro lado, a utilização dos canhões sem recuo, os quais simplificarão, de muito, o problema dos deslocamentos do material e os processos de tiro.

Para os que têm acompanhado a evolução das idéias em torno da composição desta Grande Unidade entre nós, pode causar estranheza êsse aumento de complexidade na constituição da D.I.

Como todos devem estar lembrados, nos estudos e realizações iniciais da organização *Hermes*, havíamos opinado pela Brigada Estratégica, espécie de pequena Divisão aligeirada e com mobilidade apropriada à escassez de nossas vias de comunicações.

Com as lições imediatas da guerra 1914-18, fomos conduzidos à D.I. quaternária, dotada de quatro R.I. e de uma artilharia numerosa, na qual havia o regimento de 120, e sobretudo arrastando volumosos serviços divisionários. Dominava, então, a capacidade de durar, graças a recursos de vida e de combate próprios.

Em breve, e seguindo a evolução da doutrina francesa, nos voltamos para a D.I. ternária, aligeirada e flexível, a qual teria a capacidade combativa e os seus meios de vida e de emprego equilibrados para o caso de operações normais e, ao mesmo tempo, adequados a receber elementos suplementares de reforço peculiares ao Corpo de Exército e ao Exército.

Como os senhores, aprenderam uns e aprenderão outros, no Curso de Tática Geral, esse tipo de Grande Unidade procurava responder às regras básicas que presidem a toda organização, como sejam a economia de meios, a flexibilidade, a mutabilidade, etc.

No estado atual das coisas, impõem-se a necessidade de operações violentas e rápidas. Isso será facilitado por um material poderoso, pela riqueza de meios de deslocamento, de meios de comando (transmissão, ligação e observação), pela simplicidade e flexibilidade dos processos de emprego.

A D.I. tipo I, adotada para os nossos estudos, corresponde quase inteiramente a essas características, visando maior dotação de meios em volume e potência, maior flexibilidade, maior capacidade de deslocamento e maior mobilidade tática e estratégica, graças aos meios automóveis. Ela não é, contudo, completamente motorizada. Mas oferece a vantagem de transformar-se em D.I. Motorizada desde que receba os meios de transporte suplementares para os elementos que não podem ser embarcados nas viaturas de dotação orgânica da D.I.

Essa D.I. tipo I já muito se aproxima das inovações que apontamos e pode facilmente incorporar-se a essas mesmas inovações.

Podemos assim perceber que procuramos acompanhar "pari passu" os ensinamentos da última guerra e as tendências dos grandes exércitos no tocante à grande unidade fundamental. Daí essa D.I. tipo I.

Entretanto, não deixaremos de encarar certos aspectos particulares de nossa situação militar, os quais ainda nos imporão tipos de organização diferentes do que foi comentado. É um elemento tipicamente regional e, de algum modo, iniciador da transição.

O estudo da D.I. tipo II corresponde a essa finalidade.

Neste tipo prepondera o homem a pé e muitos elementos hipomóveis e visa atender a escassez de meios e as condições de nossos terrenos de operações.

Não me estenderei mais na apreciação dessas variações porque os Snrs. terão no Curso de Tática Geral todas as informações concernentes aos característicos dessas duas grandes unidades para bem escla- recer o ponto de vista da orientação da Escola quanto aos ensinamen- tos modernos .

Grupamentos táticos

Não é sem propósito lembrar aqui a significação e as caracterís- ticas do *grupamento tático* (G.T.), elemento que assumiu grande im- portância na última guerra. Esse sistema já era peculiar à doutrina francesa, como processo de descentralização do comando no âmbito da D.I. Ele visa garantir maior unidade de esforços e aumentar a capa- cidade de combate, para determinada operação, sempre no âmbito da Divisão.

Entretanto, alguns exércitos procuram dar a esse elemento gran- de importância. O francês, por exemplo, talvez premido por sua situa- ção atual, baseia a sua organização permanente na constituição orgâ- nica de grupamentos táticos, que, em caso de necessidade, serão gru- pados para formar Divisões (*).

Em outros exércitos pensa-se em substituir o regimento de infan- taria pelo grupamento tático orgânico, no qual entram em proporções convenientes todas as Armas.

São idéias em ebulição, as quais não devem ser desprezadas.

(*) O aligeiramento das Divisões é alcançado provisoriamente com o fracionamento das antigas Divisões em grupamentos táticos. Mas foram mantidos os órgãos divisionários (Estado-maiores e elementos), capazes de reunir vários grupamentos sob o mesmo comando.

Ao lado dessas unidades, destinadas, em princípio, às intervenções eventuais, foram constituídas unidades regionais. Isso não representa apenas uma solução de ocasião. Essa distinção contém o germe de profunda reforma na concepção da Defesa Nacional. Já abalada pela intrusão maciça dos blindados, a noção linear da proteção do território está condenada definitivamente pelas possibilidades anunciadas das tropas aéreo-terrestres. Em caso de conflito, não haverá apenas batalha na "frente", os riscos estarão em toda parte. É então admissível que a arti- culação das forças deverá prever de um lado, um corpo de batalha extre- mamente móvel e poderoso, susceptível, quer de levar a guerra ao terri- tório inimigo, quer de esmagar uma operação inimiga de grande enver- gadura contra o próprio território — e, doutro lado, unidades territoriais sólidas, facilmente mobilizadas e alertadas e dotadas de meios para deter as incursões estrangeiras ou para limitar-lhes o desenvolvimento (Gene- ral De Lattre — artigo citado) .

A DIVISÃO BLINDADA

A Divisão Blindada norte-americana, tipo leve, empregada na guerra, correspondeu satisfatoriamente à sua finalidade essencial — ação ofensiva de aproveitamento de êxito e contra a retaguarda inimiga, e, algumas vezes, nas operações de ruptura.

Firmou-se a idéia de não empregar a Divisão Blindada em outras missões e principalmente nas peculiares à infantaria, nas quais a sua eficácia ficará prejudicada.

Mas, por outro lado, procura-se aumentar o seu poder combativo e sobretudo dar-lhe organicamente maior número de unidades de infantaria. Pensa-se mesmo que no futuro a Divisão blindada será composta de regimentos mistos de infantaria-carros. É a idéia já lembrada na D.I.; assim como se pensa dar carros orgânicos à Infantaria para auxiliar esta, aqui julga-se útil dar a Infantaria para auxiliar os blindados.

Nesta Escola, a preocupação de manter-se em dia com o progresso da arma blindada, está bem acentuada com o desenvolvimento que toma de ano para ano o Curso de Blindados.

A DIVISÃO AERO-TERRESTRE

As grandes realizações da Aeronáutica, as tropas aero-transportadas e a bomba atômica são os três elementos que aceleram a evolução dos processos de guerra.

De um lado, o domínio aéreo têm sido condição fundamental da vitória. Doutro lado, sobre ele se baseia o emprêgo dos dois outros elementos.

Todos os exércitos voltam suas vistas para as tropas aéro-terrestres. Alguns já consideram essas tropas como o elemento principal de sua organização militar. Pensa-se nelas quer para a ofensiva instantânea, quer para a contra-ofensiva. Elas serão mesmo a parada contra a arma atômica, pois, combinadas com a aeronáutica, poderão ser capazes de atacar e destruir as fontes de produção dessa arma atômica.

Apesar das realizações da guerra e dos grandes feitos das tropas aéro-terrestres, ainda não se chegou ao tipo acabado dessas organizações. Esta Escola vai emprestar ao estudo dessa tropa grande importância, quer quanto à organização, quer quanto ao emprêgo. É provável que em futuro próximo seja criado aqui um Curso de tropa aéro-terrestre para que estejamos sempre em dia com as realizações militares.

A Comissão de estudos norte-americana, a que nos temos referido constantemente, aconselhou que não se modificassem as missões da divisão, tal como foram empregadas na guerra, mas que as suas unida-

des fossem profundamente transformadas para permitir-lhes cumprir as missões da maneira conveniente. Ela insiste no uso do para-quedas e dos planadores por todas as unidades, mas lembra a vantagem de adotar uma organização aproximada da Divisão de Infantaria normal, para que tenha capacidade de durar, tendo inclusive meios de deslocamento terrestre.

As idéias tendem, portanto, para uma Divisão aéreo-terrestre, capaz de funcionar com autonomia, sem ter necessidade de grandes reforços, de aplicar os processos clássicos de combate e sem perder com isso o seu poder de choque. Procura-se, assim, aumentar-lhe largamente as possibilidades e a eficiência.

Além disso, deseja-se aumentar os meios dessa divisão aéreo-terrestre com uma unidade de reconhecimento, elementos de saúde e de manutenção de para-quedas e decompô-la em escalão aéreo-terrestre (para-quedistas e planador) e em escalão terrestre.

Vêm, os senhores, como é preciso ter o cérebro sempre alerta neste caminho.

A DIVISÃO E O CORPO DE CAVALARIA

O Regulamento de Serviço em Campanha (F.M. 100-5) diz: —

“A Cavalaria quanto utiliza animais, pode atuar em quase todos os terrenos e sob todas as condições de tempo”...

“A Cavalaria é mais eficientemente empregada nas zonas em que o terreno é completamente impraticável às operações das unidades motomecanizadas ou em zonas que se saiba livres de forças motomecanizadas inimigas”...

Apesar de não empregadas na frente ocidental, as grandes unidades de Cavalaria não podem deixar de figurar na organização dos Exércitos, principalmente quando se encaram teatros de operações onde o terreno não favorece a motorização, onde há possibilidades de empregar os elementos hipo e quando é limitada a quantidade de meios motorizados. Os nossos estudos, como os outros exércitos baseiam-se numa cavalaria que aproveita quer as vantagens do cavalo, quer as do motor, procurando explorar as características da mobilidade, a possibilidade da ação em grandes frentes, com potência combativa bem accentuada.

Ante a nossa situação, e também em face dos exemplos russos na frente oriental, não é possível proscrever quer a cavalaria hipomotorizada, quer a cavalaria quase inteiramente montada.

É por isso que a Escola, como o Exército brasileiro, têm ainda a fé no emprêgo das Grandes Unidades de cavalaria, móveis e potentes.

A DC não é, como a D.I. tipo II, uma unidade de transição. É um elemento ainda bem atualizado na América do Sul. ()*

CORPO DE EXÉRCITO, EXÉRCITO E GRUPO DE EXÉRCITOS

As regras que presidem a organização e o emprego dessas grandes unidades tiveram grandes aplicações nos teatros de operações da Europa. Ai ofereceu-se oportunidade até então nunca vista, para o desenvolvimento desses grandes escalões, quer na coordenação para os mesmos objetivos estratégicos (caso dos Grupos de Exércitos e Exércitos), como unidades fundamentalmente estratégicas, quer na coordenação tática (caso dos Corpos de exército).

O aumento dos meios de comando, de transporte e a Organização dos Serviços e da retaguarda "Organização" com letra maiúscula vão permitir grande flexibilidade do comando, com notável vantagem para a velocidade e ganho de tempo na concepção e na execução da manobra.

Os casos concretos vividos salientarão sobretudo profundas modificações nos processos de comando, processos esses já impostos pelo emprego do motor como arma de guerra terrestre e aérea.

Essas concepções vão sendo estudadas aqui com muito cuidado e com êxito graças ao lastro da experiência dos estudos anteriores. Lembramos, sobretudo, as conferências dos grandes comandantes, tais como o Marechal MONTGOMERY, que não demoravam em transmitir o seu depoimento pessoal e as suas lições.

AERONÁUTICA — MARINHA — ARMA QUÍMICA — ARMA ATÔMICA

Ao estudo das operações das forças de terra não nos esqueçamos de associar o emprego dessas Armas, quer para bem situar a atuação das forças terrestres no ambiente geral, quer ainda para realizar a cooperação de todos os meios de luta, principalmente nas operações combinadas.

O espírito estará sempre alertado para essas atuações, justamente no campo onde as invenções se multiplicam de dia para dia.

III — PROCESSOS DE LUTA

Não iremos expor aqui, nem a evolução, nem a aceitação atual, nem as tendências dos processos de luta. Eles serão o principal obje-

(*) — N. da Red. — O grifo é nosso.

to de vossos trabalhos, quer no aspecto particular de tática peculiar às Armas e Serviços, quer no mais geral de combinação de Armas terrestres, aéreas, navais e científico-técnicos.

Trabalhamos para atualizar o método de busca da decisão, fazendo evoluir o consagrado método de raciocínio, no sentido de maior objetividade e senso prático.

E já que temos ao alcance a experiência da guerra, procuramos utilizá-la com esse senso realístico que combate o intelectualismo exagerado, que a ausência de experimentação alimenta.

Haveis de habituar-vos com a flexibilidade, a variação, a adaptação dos meios aos fins, sem vos prenderdes ao automatismo, às formas rígidas, às receitas dos manuais.

Lembraí-vos que os processos de guerra mudam sempre e nem sempre esperam que se completem os dez anos da frase clássica.

IV — MENTALIDADE — RECRUTAMENTO APRENDIZAGEM — DISCIPLINA

Como temos dito, doutra feita, mais do que o aparelhamento material tem evoluído a mentalidade das forças armadas. Essa mentalidade se define, em primeiro lugar "pela tendência de substituir o número, a massa, pela qualidade especializada. Daí a seleção dos homens, seleção dos comandos, seleção dos quadros, para todas as atividades; seleção dos grupamentos de operações e de serviços; organizações racionais e padronizadas; instrução e aprendizagem intensiva e essencialmente objetiva" (*).

(*) — No ponto de vista da instrução, o Exército francês procura romper decisivamente com os métodos em vigor até 1939.

Ele não poderia deixar de aproveitar a lição dos Exércitos das grandes democracias, cujos processos de instrução foram sancionados pela vitória. "O dever está, não em imitar servilmente essas experiências, mas em procurar, no sentido indicado por elas, soluções originais que correspondam às condições peculiares da França e ao seu genio militar nacional".

Como a constante fundamental na guerra é o homem, o que se deve querer em primeiro lugar é formar o combatente, com as qualidades físicas, intelectuais, morais e técnicas indispensáveis à luta.

Ora, uma formação tão completa não pode ser alcançada por meios artificiais ou superficiais. Já que ela se propõe ensinar uma profissão e de influenciar profundamente e em todos os seus traços a personalidade dos jovens, torna-se indispensável que essa formação se processe em ambiente que tenha por si mesmo valor educativo e cujo realismo se aproxime, na medida do possível, da vida em campanha.

Por outro lado, o senso da organização, a técnica minuciosa, a aplicação de processos de guerra e de combate de algum modo esquemáticos e a adoção de métodos e processos de aprendizagem também de aspecto quase mecanizados, graças à influência da técnica e à fatura de recursos tendem para a simplificação, a racionalização e a padronização. Mas não se pense que essa simplificação, racionaliza-

Por isso, durante a primeira parte do serviço militar, isto é, durante seis meses, abandone-se a caserna pelo "campo de instrução". Ali o recruta será submetido a trabalho intenso, real e dinâmico, para aprender a executar com perfeição e ardor os gestos normais da guerra.

O primeiro trimestre é consagrado a inculcar sólidamente em todos os homens, qualquer que seja a Arma ou a sua futura especialidade e mesmo que sejam destinados aos Serviços, uma formação básica comum a todos os soldados: — instrução geral, educação física, ordem unida, tiro, primeiros exercícios de combate; topografia, conhecimento e aproveitamento do terreno de dia e à noite, etc.

Esta formação básica visa não só criar sólidos reflexos mas também suscitar o interesse e excitar a inteligência dos recrutas, a fim de despertar-lhes a "receptividade", a faculdade de adaptar-se rapidamente às situações imprevistas e ao emprego de novos meios.

Esse desenvolvimento da inteligência militar se consolida no segundo trimestre. Trata-se, então, de fazer, dos jovens soldados combatentes de escol e dum grande número deles graduados e especialistas. Cada homem é iniciado, de maneira concreta, no conhecimento de um ou vários empregos de sua Arma e na prática do material correspondente, porém, de tal forma que adquira com esse conhecimento dos tipos em serviços, o "senso do material". As aptidões reveladas são utilizadas para preparar as designações dos mais idôneos para as especialidades mais delicadas. No fim dos seis primeiros meses de serviço, a quase totalidade das funções previstas nos quadros de efetivo de guerra poderá ser preenchida pelos soldados do contingente "(Gen De Lattre de Tassigny — "L'Armée Française de Transition")".

O sistema de incorporação está previsto para que cada corpo reciba seus recrutas em dois contingentes desiguais de seis em seis meses, um principal e outro secundário, sendo este, em princípio, igual ao terço daquele. Por esse meio, cada batalhão ou grupo disporá sempre, no mínimo, de uma companhia ou bateria de praças prontas, inclusive os engajados, para preencher as funções de graduados e especialistas. Dessa forma, desde o fim do segundo mês de instrução do contingente principal (e à fortiori, do contingente menor, pois que neste caso haverá três companhias de antigos para uma de recrutas), as unidades poderão ser consideradas prontas. Os regimentos estão praticamente prontos a serem utilizados durante dez meses no ano; mas, mesmo durante os dois meses críticos, após a incorporação principal, poderá contar com a metade das unidades perfeitamente instruídas, desde que a incorporação seja em datas diferentes para algumas regiões.

Além disso, o essencial é que o serviço militar, com o novo aspecto de instrução, não seja um hiato na vida do jovem francês. Ele deverá ser um período de atividade real e atraente no qual o jovem fortifica o seu organismo e enriquece a personalidade (Gen. De Lattre — artigo citado).

ção, padronização, peculiares aos norte-americanos, trazam consigo os males de uma espécie de mecanicismo, de especialização restritiva, do automatismo; de ausência de flexibilidade, de iniciativa e de espírito criador. Essas características do sistema norte-americano têm a sua razão de ser no melhor nível mental e cultural do homem, resultante de uma educação integral mais consentânea com as necessidades e finalidades da vida.

Um povo realmente preparado para a vida, adapta-se mais facilmente às condições da luta, aí aplicando a técnica, a sua experiência, o espírito criador, a cultura e a organização social.

Essa luta moderna exige dos povos não só grande capacidade e organização material, mas sobretudo grande força espiritual e intelectual.

As forças armadas modernas são exércitos de técnicos, de especialistas e de cientistas. Não o são apenas por força das condições de seleção a que aludimos atrás. Mas o são, sobretudo, por seu espírito criador e capacidade de realização e senso perfeito de disciplina pelo dever.

É a situação para que devemos tender, com o melhor de nossa vontade. Não bastará imitar servilmente os métodos e processos. Será preciso nos modificarmos a nós mesmos, na nossa mentalidade, em nossas possibilidades, no nosso senso de disciplina.

Na vida, como na luta, a cooperação de esforços é que garante a vitória; e a cooperação é fruto essencial da disciplina. Disciplina de ação, disciplina intelectual, sobretudo, tão necessária nesta fase, quando os meios evoluem e as idéias se transformam.

Empresa de Transportes Atlas Limitada

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS 571

Tels.: 43-4735 — 43-8290

*TRANSPORTES EM GERAL, DENTRO E FORA
DO DISTRITO FEDERAL*

*ESPECIALIDADE EM ENTREGAS RÁPIDAS
DE ENCOMENDAS*

*DESPACHOS E REDESPACHOS, NO PAÍS
E PARA O EXTERIOR*

— R I O —

Valor e construção das forças morais

Cap. JOSE CODECEIRA LOPES

1. A GUERRA É, ANTES TUDO, UMA LUTA MORAL

a. Quando dois povos A e B lançam-se à luta armada, todas as ações de cada um deles devem ser presididas por uma só vontade: reduzir o antagonista à impotência. Por seu turno, os grupos componentes de A e de B, por menores que sejam, devem ter suas ações também presididas por aquela vontade. E sendo assim, tanto o ato total (guerra entre A e B) quanto os atos parciais (batalhas ou combates entre os componentes) nada mais são que luta entre duas vontades.

b. Tanto em A como em B, a vontade depende do conjunto das forças morais e materiais disponíveis. Procurando fixar a importância dessas forças na obtenção do bom êxito, podemos admitir em princípio, desprezando imponderáveis: que, suposto equilíbrio de forças materiais entre A e B, aquele que dispuser de maiores reservas morais terá mais probabilidade de vitória porque estará em condições de melhor aproveitamento das forças materiais; que, suposto equilíbrio de forças morais, é mais provável a vitória do partido que contar com maiores reservas materiais, porque terá maiores probabilidades de romper a seu favor, o equilíbrio inicial pressuposto; e finalmente que, ante equilíbrio de forças morais e materiais, a luta deve equilibrar-se até que um dos contendores adquira superioridade de forças morais.

c. Conclue-se, pelo visto, que maiores probabilidades de vitória terá quem predominar em forças morais. E essa conclusão se reforça pela lembrança de que as próprias forças materiais dependem de forças morais para serem constituídas, pois exigem *vontade*.

d. Nessas condições, a guerra entre A e B, tão subordinadas a forças morais, será, antes de tudo, uma luta moral. É imperioso, portanto, que os contendores sejam preparados moralmente para a guerra.

2. OBJETOS E FINALIDADES DA PREPARAÇÃO MORAL

a. A coletividade nacional é objeto dos trabalhos de preparação moral, os quais devem interessar incessantemente a todos os que exercam ação educativa. Mas, é obvio que sendo o homem o elemento fun-

damental dessa coletividade, sobre ele irá recair a maior densidade do esforço educacional. Por simples ampliação dos trabalhos atingir-se-ão os grupos e, assim, a nação inteira.

b. Nos indivíduos, os trabalhos terão como finalidades:

- inculcar razões morais para lutar;
- indicar o comportamento a manter antes e durante a luta;
- inspirar confiança na vitória.

c. Quanto ao grupo, os trabalhos de preparação visarão:

- torná-lo coeso;
- dar-lhe o máximo de predisposição para emprêgo de acordo com a vontade do chefe;
- revesti-lo, tanto quanto possível, das características morais que se procurou fixar nos indivíduos seus componentes.

3. COMO ENCARAR AS FINALIDADES

a. Razões morais para lutar.

Como tal deve predominar a idéia de Pátria, com os sentimentos correlativos. É imprescindível que assim seja, si se almeja a sobrevivência da coletividade nacional. Particularmente para os povos de fraco nível cultural, esse parece o caminho mais acertado. Além do mais, si um acentuado patriotismo já concorre para a coesão do grupo nacional, conceitos outros — como os de defesa do hemisfério, superiores interesses da civilização, amor à humanidade, etc. etc. — nele encontrarão decidido apoio e as vantagens da coesão.

b. Comportamento a manter.

Antes da luta, o indivíduo e o grupo devem ser animados da vontade de constituírem forças capazes de fazerem face aquela contingência. A obra a realizar será, portanto, de inocular-lhes essa vontade. E, sem dúvida, suas dificuldades serão inversamente proporcionais aos recursos disponíveis.

Durante a luta o indivíduo deverá revelar, isolado ou em grupo, sólido espírito combativo, firme vontade de lutar, tenacidade, audácia, desprezo ao perigo, espírito de sacrifício, largo devotamento aos companheiros e, como ponto capital de aplicação dessas virtudes, um esclarecido espírito de grupo (nacional, regional ou de corpo). Apelando para as razões de luta para as vantagens da coesão, os trabalhos de preparação moral deverão, portanto, fixar tais características. Procurarão valorizar o homem aos seus próprios olhos, mostrando-lhe o que o seu comportamento significa para o bom êxito da luta. Mas não deverão perder de vista a necessidade de ressaltar que tal valor só se

rá positivo si subordinado á disciplina, elemento básico de toda força coletiva (*).

Fácil é compreender-se que os trabalhos a realizar no grupo serão tanto mais fáceis quanto melhor haja sido a preparação do indivíduo, visto como tudo se resume em consolidar as características individuais e o espírito coletivo.

c. *Confiança na vitória.*

Não basta que o homem e o grupo saibam *porque* lutam e *como* devem preparar-se e lutar. É de todo indispensável que confiem na vitória. (**) Mas, essa tão necessária confiança depende extraordinariamente de forças materiais, pois sua inspiração exige que o homem perceba que *há meios* suficientes ou *possibilidade de obtê-los*. Assim sendo, nos povos materialmente fortes haverá relativa facilidade em inspirar tal confiança, porque a tarefa se resumirá a simples apêlo ao comportamento, visto como bastará demonstrar ao indivíduo que os recursos disponíveis só não assegurarão a vitória si o seu comportamento não fôr adequado. No entanto, para os povos de poucas possibilidades materiais o problema apresenta-se mais complexo. Em nome das *razões de luta*, será mister formar uma *vontade de vencer* suficientemente forte para estimular o espírito de luta e induzir o *animo para constituir os meios necessários à vitória* (***). Em qualquer hipótese, porém, deverá extrair-se um complemento lógico, essencial nas ações, porque só êle garantirá a vitória: o espírito ofensivo. Todos os trabalhos de preparação moral devem impregnar-se dêsse espírito que é forçoso esteja sempre presentes nos gestos individuais e coletivos.

3. REPARTIÇÃO DA TAREFA

a. Os trabalhos de construção das forças morais, obra ampla, complexa de tão grande interêsse para a coletividade nacional, impõem-se

(*) Cabe aqui uma referência especial à super-estimativa que o homem tende a fazer de seu valor, quando integra escalão avançado. Sua inclinação natural é para julgar os dois escalões posteriores — nessa última guerra sarcasticamente chamados “sacos B” — como simples aproveitadores de seu esforço. Tal atitude denota falta de conveniente preparação e é prejudicial à coesão do grupo. Sendo instintiva como é, o homem tenderá sempre para ela. E, por isso mesmo, o trabalho de correção deve constituir objeto de atenção particular dos chefes, desde os tempos de paz.

(**) Tal sentimento “garantirá a paz interna e externa do nosso povo” assegura o Manual de Instrução Militar norte americano, emprestando-lhe caráter de decisivo.

(***) Possivelmente, por tais razões é que o nosso R.P.I.Q.T., pegando as reais condições nacionais, não avança, num só lance, até à confiança na vitória. E apenas prescreve, como que fixando o caminho para obtê-la: “A vontade de vencer é o fator do bom êxito”.

â suprema responsabilidade do Governo. Este os realizará através de seus Ministérios, em atuação constante sôbre todos os indivíduos, em todas as idades.

b. Aos órgão governamentais tocam objetivos distintos e bem definidos. A infância e a juventude devem ter as preparações física e psiológica realizadas pelos ministérios civis. Aos ministérios militares cabe, apenas, o acabamento da obra, ou seja, concluir a formação física e moral dos selecionados para combatentes. Aos ministérios civis cabem, ainda, duas tarefas: concluir a educação dos não selecionados para combatentes e cooperar na conservação do preparo já estabelecido, por êles e pelos ministérios militares.

c. Normalmente se constata que sobretudo nos países de baixo nível cultural ou de poucos recursos materiais, os ministérios civis não logram alcançar seus objetivos. Consequentemente, os homens não adquirem bases imprescindíveis e, sem elas, se apresentam aos órgãos militares. E, assim, a tarefa dos Órgãos militares é extraordinariamente sobrecarregada.

4. TRABALHOS A REALIZAR NA CASERNA

a. O homem, objeto direto dos esforços a realizar, possui *corpo* e *espírito* interdependentes a ponto de não se obter, num corpo combatido um espírito suficientemente forte. Surge daí, e imperiosa, a necessidade de uma Educação Física que irá facilitar a Educação Moral "fortalecendo o sentimento de disciplina e o espírito de solidariedade e desenvolvimento a confiança em si próprio" (R.P.I.Q.T. — art. 65). Os trabalhos a realizar para completa preparação moral dos combatentes do Exército ficam, assim, perfeitamente definidos. Compreendem dois ramos de instrução, fixados em nossos regulamentos atuais: A Educação Moral e a Educação Física.

d. Outros fatos essenciais, como a acolhida na sub-unidade, a dos aspectos dos trabalhos de Educação Moral, a serem realizados na caserna. O nosso homem ali se apresenta, normalmente, sem a preparação atribuída aos ministérios civis. É, quando muito, um semi-analfabeto, com idéias confusas sobre o que sejam Pátria e cidadania. Redondamente bisonhos, dificilmente discernem as causas que os obrigam ao serviço militar. Nessas condições, a caserna terá que realizar a obra inteira: antes de inculcar *razões para lutar*, de indicar o *comportamento a manter* e de inspirar *vontade de vencer* ou *confiança na vitória*, será necessário despertar o cidadão, dar-lhe noção mais ou menos nitida de seu papel na sociedade nacional, apontar as causas que o trazem à vida militar e demonstrar o que se pretende dê-lo.

c. Abordando, apenas, as etapas iniciais da marcha educativa a realizar, comecemos pela primeira impressão a dar ao homem. Sua im-

portancia, capital pelos reflexos que pode criar, impõe categoricamente que se inspire, *desde a recepção*, a convicção de que o Exército é metodicamente organizado, de que tudo ali funciona com ordem, regularidade e disciplina e de que cada homem contribue, em suas funções, para o funcionamento regular de tudo aquilo. Realizar-se-á, assim, um utilíssimo trabalho de indução de confiança na organização, no rendimento técnico daquela coletividade, na coesão daquele grupo e no valor da disciplina individual. Como diz o Cmt. MERMET: "É mister compreender a necessidade de organizar com o maior desvelo as operações de incorporação, as quais devem ser efetuadas com método e rapidez e conduzidas com benevolência e sem gestos bruscos".

b. Pondo de parte a Educação Física, tratemos de fixar alguns tomadas de contacto com os chefes e camaradas e a entrada em regime de vida militar — acontecimentos inteiramente novos para o homem — nele registrarão uma sensação de *bem estar moral e material* a qual varia diretamente com o valor da organização militar que o recebe. Esse valor, que precisa ser bem alto, é responsabilidade intrínseca do chefe e traduz a eficiência de seu comando.

c. Vimos que, particularmente entre nós, deve-se procurar incutir no homem, desde logo, o amor à Pátria, o sentimento do dever e a disposição para consentir em sacrificar-se pelo interesse comum. No entanto, as condições em que se apresenta tornam-no impenetrável às idéias abstratas. Muito pouco adiantará falar-lhe de Pátria, patriotismo, etc. etc.. Será necessário tocar-lhe o coração e apelar para os sentimentos naturais de que é portador. Nada de subjetivo. Nada mais que idéias simples, como as comparações familiares relativas à terra e ao trabalho cotidiano, os fatos da vida comum e tantos outros elementos *concretos* pois só eles encontrarão guarida no seu espírito e ali permanecerão. Por isso mesmo, o trabalho a realizar requer cuidados incessantes e especiais, dos respectivos instrutores. E deve ser encarado seriamente, porque é básico para obtenção das finalidades visadas. Sem tais noções o homem não compreenderá as razões de luta, indiscutivelmente fundamentais.

f. Nos trabalhos posteriores, seguindo uma resenha previa dos assuntos a ministrar; procurar-se-ão alcançar as finalidades prefixadas para o indivíduo e para o grupo (2b e 2c). Por fim, nada mais restará que aprimorar as qualidades induzidas, sempre com olhos postos na coesão do grupo, no espírito de corpo e na confiança que cada indivíduo deve ter em si próprio, em suas armas, em seus camaradas, em seus chefes e na organização a que pertence.

5. CONCLUSÃO

a. Parece-nos que os programas de instrução norte americanos incluem "Educação Física e Atletismo", visando, "espírito de iniciativa e de agressividade, desenvolvimento mental e físico, noção do trabalho coletivo e capacidade de comando". Quanto à Educação Moral, deixam transparecer um grande aproveitamento do nível de cultura do nacional daquele país, porque a prescrevem mediante *assistência religiosa* prestada por capelães e *recreação* sistematicamente organizada por um "serviço especial" cujos elementos atingem o escalão Cia., chefiados pelo Si. Os Cmts. de unidade são responsáveis pelo controle, bem estar e recreação de seus subordinados, devendo apoiar as iniciativas dos capelães e outros órgãos encarregados da educação moral do soldado, da formação de seu caráter e da assistência religiosa. O papel dos instrutores militares dispensa programas. Apenas realizam automático acabamento da tarefa, ao ministrarem a instrução básica, técnica ou tática que lhes compete.

b. Temos instituído um "serviço de assistência religiosa", em nosso Exército. Para seguirmos a mesma trilha que os norte-americanos, no que diz respeito à Educação Moral, basta-nos criar um "Serviço Especial" e transferir para ele os encargos atribuídos aos instrutores militares. Mas, frizemos bem, não se poderá prescindir dessa transferência de encargos porque o nosso homem penetra na caserna em condições bem diversas das dos recrutas norte-americanos. E se se pretende aliviar o instrutor militar, essa diversidade de condições deverá refletir-se em alguma parte, que logicamente será o "Serviço Especial" a ser criado.

c. Os norte-americanos com toda a exuberância de seu senso prático, e toda a autoridade de seu poderio militar, consignam os seguintes conceitos, em seus regulamentos:

— "Moral elevado e senso de cooperação não se podem improvisar; tem que ser profundamente meditados e sistematicamente estabelecidos. Estas virtudes surgem de um ambiente de justiça e sinceridade, de constante interesse pelo bem estar do subordinado, perfeito conhecimento dos deveres básicos, camaradagem entre os homens, brio e orgulho de seu país e de sua organização".

— "Estabelecer e manter moral elevado são incumbência de todo chefe, como também provas de eficiência do comando".

Com eles encerramos nosso trabalho que almejamos desperte a atenção dos camaradas para o assunto.

Porque vencemos

Cap. *Manuel Tomas Castelo Branco*

Certo dia, collocamo-nos, cautelosamente, frente a colossal maciço granítico, de era recente e do complexo apenínico, cuja história era tenebrosa e verdadeiramente horripilante para tropas frescas como a nossa.

Naquelas alturas estavam ouviamos nós, atentos, homens rudes e crueis que quebravam o impeto a quantos tentassem galgar aquelas encostas.

Os primeiros dias que ali passámos, pareceram-nos infundáveis e, uma fadiga espiritual quebrava-nos, aos poucos, o ânimo de jovens soldados.

Assim suportámos as primeiras jornadas, tímidos e receiosos.

A proporção, porém, que os dias decorriam percebemos que, aqueles algozes, apenas, algumas vèzes, em cada jornada, rompiam o silêncio do campo de batalha com ribombos de uma meia dúzia de granadas lançadas sobre as nossas cabeças.

Aquella primeira impressão de pavor e expectativa paulatinamente se desfazia, cedendo lugar a um desejo ardente de molestar os habitantes daquelas paragens que não viamos mas de quem tanto ouviamos falar.

E, assim aconteceu, a princípio, com timidez e parcimônia, com receio de uma revide punitiva e destruidora.

Martelamos depois, insistentemente, suas posições, na ânsia de varrer, daquela altura os menores indícios de uma existência maléfica e criminosa.

Bombardeamos noite e dia, suas casamatas, seus depósitos, suas comunicações, tudo, enfim, que supunhamos existir em nossa frente, com todas as nossas forças num ritmo de fúria e loucura.

Revolvemos o seu solo, para aniquilar-lhe o próprio âmago, receiosos de encontrá-los nas suas entranhas.

Olhamos semanas para aquelas encostas silenciosas, téticas, misteriosas, à procura de alguém que barrava nossos passos.

Perdemos noites e muitas noites de vigília, de olhos e ouvidos

atentos àquela paisagem impenetrável, sem descobrirmos, sequer, o rastro de fantasmas.

E, para maior desgraça nossa, cariciosa neve, inconsciente e repentinamente, cobriu-lhes, ainda mais, os sinais de vida, como se compartilhasse dos seus crimes e desditas.

Os mais astutos apontavam, ali freneticamente, pégadas de gigantes, os mais tímidos, espectros diabólicos e, os crédulos e otimistas, pouco viam.

Seriam sombras de animais feras na tocaia ou homens vulgares preparados para o crime e que ali aguardavam as suas vítimas?

As preocupações aniquilavam os mais fracos e, a espera, inquietava os mais robustos.

Só uma alternativa nos restava. Avançar.

Este o nosso objetivo, embora nos faltassem a experiência e o fio às baionetas.

Depois de tantos dias de expectativa resolvemos partir para desvendar aquele mistério, entreabrir-lhe o véu do segredo e mergulhar, pela fresta do perigo onde poderia estar o trofeu da glória.

Finalmente, por que nos detínhamos ali, se nada víamos à frente além de um monte de encostas abruptas, se não sabíamos, realmente, onde estavam de onde atiravam, quantos eram?

Sabíamos, apenas, que eram capazes de tudo.

E, nós? Estávamos dispostos ao último sacrifício?

Não sei.

E, foi assim, nesta dúvida, nesta grande expectativa, sob o peso de enormes responsabilidades que conduzíamos aos ombros, que mergulhamos, naquele reduto, frios, silenciosos e vacilantes e, marchamos, até as fronteiras de sangue que fixaram para deter-nos e repelir.

E, com isto, pagaram, com a vida, os mais crédulos e intrépidos. Os demais recuaram esmagados pela derrota.

Eles, que não nos pareciam ali, surgiram, das suas tocas, misteriosamente, e com todas as energias latentes, como se aquelas centenas de bombas lançadas sobre suas posições fossem, apenas, fôgos joaninos em noites de alegres folguedos.

Seriam, realmente, monstros, teriam recursos fabulosos e inexpugnáveis ou, uma força misteriosa e oculta hipnotizava-os?

Nada soubemos porque recuamos e pouco vimos.

Iriamos, uma vez mais, contemplar aquela ingrata paisagem? Sim.

Era preciso recobrar forças e, à custa daquele grande sacrifício, criar a mística da vitória e despertar os verdadeiros sentimentos de honra e brio naqueles crédulos e inexperientes homens que, antes, se arremessaram à luta, sem a firmeza e a convicção na vitória das suas armas.

Daquêle dia por diante, começamos a sentir novo sangue a correr nas veias, dando-nos forças que haveriam de aniquilar o inimigo em seu próprio reduto de morte. Um sentimento de Pundonor apoderou-se de todos. Uma onda de confiança e de vergonha propagou-se no seio da tropa. Um só desejo, um único objetivo, congregava a todos.

Seria este milagre capás de tudo, ou deveríamos arregimentar mais forças?

Fizemos tudo e para lá partimos, cheios de brio, com o coração a pulsar, febrilmente, confiantes no sucesso, certos de que, desta vez, não haveria barreiras aos nossos intentos.

Realmente, sucumbiram diante da nossa vigorosa arremetida, embora resistissem aos primeiros impulsos, como verdadeiras hienas acossadas por leões.

Finalmente, o que tinham eles para deter-nos, o que fizeram para barrar a outros?

Poucos os prisioneiros. Pouquíssimas as casamatas conquistadas.

O que possuíam, enfim, para repellir a todos?

Seriam monstros, gigantes insensíveis ou imunes, ou bonecos humanos manipulados pelas mãos de um carrasco?

Agora, sabemos nós.

Alguns prisioneiros rogaram clemência acovardados frente aos nossos minúsculos e bronzeados soldados e, apenas, alguns, conservaram-se serenos e altivos.

Não eram gigantes nem tão pouco homens de uma ténpera pura e cristalina.

O que vi, foram tipos vulgares de nórdicos, desfigurados, empunhando, friamente, baionetas comuns compelidos cegamente, por uma "Gestapo" que lhes apontava, inexoravelmente, o caminho do crime e da destruição.

Foi isto o que vi. E era tudo.

As balas que lhes enviávamos de nada valiam. Foi necessário galgar as ásperas encostas do Monte Castelo e arrancá-los das suas tocas onde viviam como monstros.

E, este milagre, o conseguimos, após uma derrota que, ao contrário de aniquilar-nos o ânimo, reteve nossas forças apontou o caminho da glória que não víamos e, nos deu, finalmente, esta imorredoura e gloriosa página da nossa história — **A CONQUISTA DO MONTE CASTELO.**

Atacamos, desta última vez, é bem verdade, com mais recursos materiais mas, estou certo, se não fossem as reservas morais acumuladas, de nada valeriam aquêles ingentes esforços e, uma vez mais, teríamos recuado, deixando, para a História apenas o marco rubro daquêles que tombaram em defesa da liberdade dos Povos cravado no dorso dos Apeninos, exigindo novos sacrifícios.

A IMPRENSA E A OPINIÃO PÚBLICA

Traduzido da Revista argentina Logosofia — número
de Março, 1946

Por ARNALDO GONÇALVES PIRES

É comum ouvir falar da opinião pública e sobre tudo com mais frequência ainda quando desta se ha querido apartar seu significado popular, confundindo-se-a com a imprensa, sem estabelecer para isto a devida e justa discriminação que corresponde para ser mais claro no conceito.

A opinião pública é, fora de toda dúvida, o pensamento da mais rigorosa atualidade que agita e preocupa a mente dos que habitam um país. Porém essa opinião, antes de ser pública é privada; e o critério que cada um elabora em relação a sua capacidade. De aí que ao voltar-se na rua se complementa com a dos demais. Estas idéias se discutem e delas fica logo, como resultado, o sedimento útil e construtivo uma realidade que, como necessidade, é aceitável pela maioria. Quando as reações do entendimento são muitas, ao tamizar-se o elemento em discussão, a idéia é espulsada com desconformidade da mente pública ou seja de todas as que expressam tal repulsão.

Agora, bem; nem todos podem manifestar seus pensamentos com correção e mostrar sua desaprovação com altura, para não dizer fidalguia. Acontece assim que o comentário público corre de um lugar a outro como uma bola de neve, tomando cada vez maior volume aquilo que começou sendo uma simples opinião.

A gente comum vai atrás do relato a meia voz como as moscas atrás do assucar, salvo uma leve diferença: na gente a curiosidade é insaciável. Pelo demais, a maioria experimenta uma espécie de vaidade incontida pelo mero feito de se ver convertidos, ainda que mais não seja por breves momentos, em órgãos de publicidade, que sempre têm seus ouvidos incapazes as mais das vezes de ler nos olhos do apregoador os erros de informação e embuste, agregados por conta própria para despertar maior interesse.

Estes comedidos em divulgar notícias, pelo geral alarmistas ou desfiguradas, são os que dão pé aos rumores que em poucos momentos entrecruzam uma cidade por maior que ela seja. Isto faz recordar a célebre frase:

Para a mau está sempre pronta a "suspeita", concordante com a afirmação de Ovidio: "Quod nos in vitrum credula turba sumus", que significa que existe tanta falsidade no ser humano que sempre está propenso a admitir o falso e o mau sem o rigor e a prevenção com que recebe a verdade e o bom.

Que força, pois, pode freiar essa corrente desbordante do Comentário público que tanto danifica a tranquilidade espiritual de um povo?

A imprensa e só a imprensa é a que pode neutralizar essa torta licença, a que pode pôr dique a esse derrame, analisando com fria serenidade o assunto que deu pé ao comentário e oferecendo ao público, que saberá assim a que afer-se, seu juízo bem amadurecido e sob a garantia de sua seriedade.

Quando a imprensa haja publicado a notícia ou expressado seu critério sobre tal ou qual ponto que interessa a todos, o comentário novelesco cessará e a opinião geral ficará orientada. Então, com justa razão, poderá dizer-se que a imprensa, ou seja o preriódismo em seu nobre e dobrado exercício de controlador e orientador das massas, é o reflexo da opinião pública, desde o momento que captará o pensamento e sentir de todos os ambientes para expressa-lo com medida e justeza.

Se há dito e com razão que a imprensa é uma das tribunas mais dignas do pensamento humano, porque é nessa tribuna que podem concorrer todas as idéias para sua livre discussão. Já se há visto como naqueles países que fizeram calar essa voz da consciência pública, brotaram e recrudesceam os males por todas as partes. Pareceria como si a liberdade que se privou a aqueles, se prodigalizou com a maior liberalidade às corruptions do pensamento, já que estes sem temor de que fossem denunciados seus vícios, faziam a sua vontade quanto poder ocorrer a uma mente em suas veemencias e discriçionarismo.

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

Açucar Perola

Filtrado e Refinado

PACOTE AZUL — CINTA ENCARNADA

"Tanto quanto a possibilidade de guerra persiste no mundo somente uma nação insensata negligenciará preparar-se para ela."

George T. Renner.

* * *

"As guerras ultimamente tomaram uma extensão mundial. São demasiado grandes para qualquer pessoa dirigir e também demasiado sérias para serem tratadas por um amador de defensiva estratégica."

George T. Renner.

* * *

"Mau grado a maravilha fulminante da bomba atômica, a que só atribuiu a preciosa intenção de acabar com as tropas, sem inventores e proprietários — os Estados Unidos — projetam instaurar o Serviço militar obrigatório para estarem sempre prontos ante qualquer emergência. Por mais que se invente, a guerra sempre necessita de soldados." (Mensagem ao Congresso).

Presidente Henry Truman.

"Golpe de vista sobre a posição Geografica do Brasil"

Ten. Cel. *Adalardo Fialho*

A melhor maneira de apreciar a posição do Brasil na Geografia ou, se quizerem, na Geopolítica mundial, é lançar uma vista de conjunto sobre o globo terrestre, examinando o papel de cada continente.

Faremos assim uma idéia mais nítida da posição da América entre os cinco continentes e do próprio Brasil no Novo Mundo. Mesmo porque, graças aos Progressos das comunicações terrestres, marítimas e aéreas, o nosso planeta está se tornando tão Pequeno e suas partes tão interpendentes, que é incompleto, senão falso e até inútil qualquer exame isolado que se faça de um único país.

O mundo do século XX é uma unidade, um todo indivisível. Encarando sob esse ângulo o nosso estudo, tentaremos mostrar a situação excêntrica da América Meridional, em relação às correntes de vida e de movimento do Hemisfério Norte, salientando particularmente a posição do Brasil. Concluiremos com algumas sugestões para

melhorar, pela mão do homem, a fatalidade daquela excentricidade e para comentar a importância, pelo menos econômica, do Brasil, em relação às demais nações sul-americanas.

As terras do nosso planeta distribuem-se por duas grandes massas principais: a Euro-Ásia, ou Eurásia e a América.

Em outras palavras: o Velho e o Novo Mundo. Na Eurásia formaram-se três civilizações, que surgiram em sentido contrário ao do movimento da Terra: a chinesa, a mais antiga, a indiana e finalmente a européia. A América, como diz James Fairgrieve, eminente geógrafo inglês, entrou tarde na História, mas ainda a tempo de continuar, para Oeste, a marcha da civilização.

A Eurásia está dividida pelo deserto do Sahara, muito mais que pelos mares Mediterrâneo e Vermelho e pelo golfo Pérsico (os mares aproximam e não separam) em duas grandes partes: a africana e a euro-asiática propriamente dita.

O Sahara teve um grande papel na seleção das raças humanas: o de evitar que a Eurásia fôsse invadida pelas hordas negras bárbaras africanas.

A Eurásia, por sua vez, está dividida, segundo a sua situação geográfica em relação aos mares e a sua organização política, em três partes:

- 1 — A chamada "Heartland" ou, literalmente, "terra do coração", ou seja, o centro, a "área pivot" do Velho Mundo;
 - 2 — A área periférica à "Heartland", banhada pelos mares livres e
 - 3 — Uma zona intermediária, apertada entre as duas primeiras.
- (Ver fig. 1).



Fig. 1

A "Heartland" é toda a vasta região, parcialmente planície, parcialmente planalto, que se estende desde a Rússia européia até os confins da Ásia Oriental.

Apresenta-se coberta de estepes, no Sul e de vastas florestas, no Norte, onde também as suas costas são banhadas por um oceano não navegável, o oceano Glacial Ártico.

É habitada, hoje, pelos povos russos, porém, durante muito tempo, foi o "habitat" de tribus pastoris nômades. Isolada dos mares livres, fria (o polo da Terra), quase desértica, esta imensa região teve sempre a sua unificação dificultada por fatores vários.

Sua organização política teve tonalidades diferentes, estendendo-se por períodos de tempos maiores ou menores, porém todas com um traço autocrático comum. Dadas as suas condições geográficas, a sua dominação só poderia ser feita da periferia para o centro e assim foi realizada. A "Heartland" foi dominada pelos Altaicos, vindos de Leste, pelos Turanianos, irrompidos do Sul e, finalmente, pelos Russos, provenientes do Oeste.

A área periférica à "Heartland", banhada pelos mares livres, é constituída pelos estados marítimos, pelos que, em épocas diferentes, dominaram os mares ou se familiarizaram com o seu uso como meio de transporte.

São os árabes, os fenícios, os italianos de ontem e de hoje, os espanhóis, os portugueses, os franceses, os ingleses, os holandeses e os noruegueses, de um lado.

De outro, os japoneses, os indianos e os chineses, embora estes dois últimos pouco partido tenham tirado de suas vantagens.

A zona intermediária entre a "Heartland" e os estados marítimos surgiu gradualmente. É integrada por estados sobreviventes de remotas épocas (quando a organização política e econômica era ainda incipiente) que lhes imprimiram, até hoje, a influência própria daqueles tempos, além da deixada pelas condições naturais locais.

Resistiram à absorção, porém, incapazes de se unirem, permaneceram na situação de estados tampões, precariamente independentes, politicamente, e ultradependentes, economicamente.

São a Finlândia, a Suécia, a Dinamarca, a Holanda, a Bélgica, o Luxemburgo, a Suíça, a Polônia, os Estados Balcânicos, o Irã, o Afeganistão, o Sião e a Coreia.

A Alemanha, na verdade, pertence a esta zona intermediária, embora seja um estado marítimo. Devido à sua situação geográfica e à sua grande população, é considerada um dos três centros de onde poderia partir uma ação que visasse a subjugação da "Heartland". Os outros dois são a China e a Índia, ambas densamente povoadas, porém nem a China parece querer sair de sua posição estática, em relação

aos negócios mundiais, nem a Índia, desunida, sabe tirar vantagens do fato de ser o estado marítimo que mais se avizinha da periferia Sul da "Heartland".

Essa é, em largos traços, a concepção histórica e geográfica do Velho Mundo. Porém, essa concepção permaneceu inalterável e de caráter Planimétrico até que Cristóvão Colombo veio Projetar-lhe novas luzes.

O navegador genovês provou que a Terra é redonda. Com a sua descoberta do Novo Mundo, possibilitou o surgimento de um novo caminho para as Índias orientais, via Oeste.

Porém, a enorme extensão desse caminho, passando pelo estreito de Magalhães, deixou a América, por muito tempo, sem um papel apreciável na nova era que se abria à iniciativa humana. Foi preciso que os Estados Unidos da América do Norte se libertassem da Inglaterra e se levantassem como potência de 1.^a classe, realizando gigantescos empreendimentos, tais como o lançamento de vias férreas transcontinentais e a abertura do canal do Panamá, encurtando o caminho para as Índias, para que aquele papel avultasse.

No Novo Mundo, as condições geográficas e históricas em nada correspondem às do Velho. As zonas comparáveis à "Heartland" e à orla marítima não são separadas. Não ha zona intermediária. Devido à sua grande população e ao seu alto desenvolvimento econômico, os Estados Unidos da América do Norte, estendendo-se do Pacífico ao Atlântico dominam, é inútil desconhecê-lo, o cenário da América, servindo de ponte entre a Europa ocidental e a Ásia oriental. Pela formulação da chamada doutrina de Monroe, que proíbe o controle das terras do Novo Mundo pelas potências do Velho, crearam eles, principalmente em torno do canal de Panamá, uma zona de influência que, com os progressos da Aviação, tende a se alargar cada vez mais.

Como característica diferencial, entre os dois Mundos, temos que, enquanto, no Velho, encontramos uma infinidade de linguas faladas (só entre os povos russos há 180 dialectos diferentes), no Novo só temos três principais: o inglês, o espanhol e o português. Porém, a nossa descrição das massas terrestres ainda não terminou.

Há outras particularidades importantes a salientar. Iamos esquecendo a Austrália. Há também a parte africana ao Sul do deserto do Sahara. Bem consideradas, essas regiões, se bem que imensas, não são mais que orlas do Velho Mundo, dominadas pelas potências marítimas nêle predominantes..

A América do Sul, similarmemente, pode ser considerada como uma orla em relação à America do Norte. A posição dessas orlas, no sistema mundial, pode ser vista claramente na figura 2.

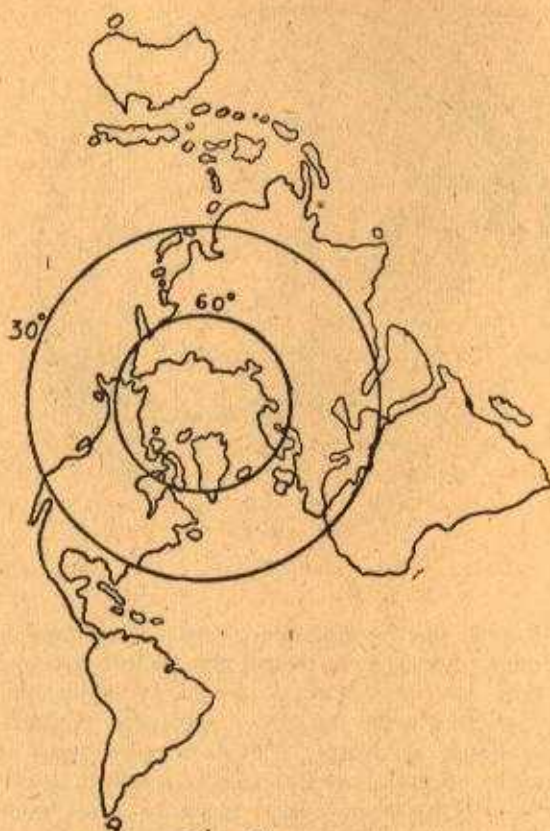


Fig. 2

Contemplando-se, pode-se quase afirmar que há, na realidade, um sistema do Velho Mundo e um dito do Novo Mundo. Já vimos que, com o levantamento dos Estados Unidos, a distribuição das grandes massas de terra tomou uma nova significação.

A importância da "Heartland" e das suas terras marginais permaneceu, porém, há alguma coisa mais. Naquilo que parece ser uma distribuição desordenada das terras, há ainda alguma ordem.

Ao redor do Polo Sul há um grande continente (fig. 3), ao passo que, ao redor do Polo Norte, há um vasto oceano (fig. 4).

Talvez isso seja uma questão de equilíbrio na distribuição das terras, levando-se em conta os movimentos do globo terrestre, servindo o grande continente austral para compensar o anel quase contínuo de terras ao redor do oceano glacial Ártico.

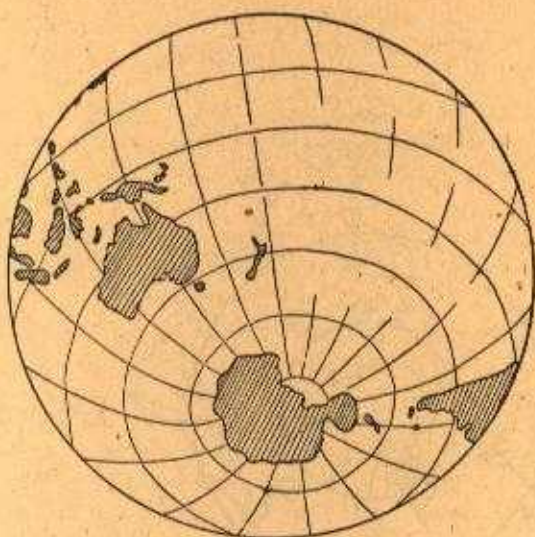


Fig. 5

Ainda, enquanto que há esse anel de terras, ao redor do oceano Artico, há, ao redor do continente austral, um anel de oceano contínuo.

Daquêle anel quase contínuo de terras estende-se, afinando-se na direção do Sul, três áreas de terras, separadas por três oceanos que se afinam na direção do Norte. É evidente, pois, que a maior proporção de terras se encontra no Hemisfério Norte e, talvez, devido, em grande parte, a êsse fato, é que lá nasceram e se desenvolveram as Primitivas civilizações e que outras se lhes sucederam, entre os 30 e os 60° de latitude Norte, com maior impulso ao Norte dos 35° N. Eis porque, hoje, as comunidades que importa considerar estão situadas naquele Hemisfério, sobre uma faixa quase contínua, ao redor de uma área central, imprópria para colonizar devido ao frio. Excetuam-se, é claro, algumas, situadas na América do Sul, na Austrália e no Sul da Africa.

As da faixa referida necessitavam comunicar-se umas com as outras. O levantamento dos Estados Unidos veio não só permitir haver um serviço de vae e vem, através do Atlântico e através do Pacífico, como possibilitar haver um serviço contínuo circular, ao redor do anel de terras do Hemisfério Norte, em algumas partes melhor, em outras pior, porém, de qualquer fôrma, propiciando às populações da faixa melhores facilidades para movimentar-se e com menores despesas que as que teriam, se não estivessem nela.



Fig. 4

Observando-se bem, há, no Hemisfério Norte, poucas extremidades mortas, bem como soluções de continuidade. Todos os lugares estão sobre um caminho para algum outro lugar.

Nesse quadro de movimento, as vias férreas transcontinentais da América do Norte e da Sibéria adquirem uma importância excepcional, não só porque poupam enorme volta pelo mar, como porque constituem peças de uma rota circular sem pontos finais.

Nova York, Montreal, Vancouver, S. Francisco, Tóquio, Negasáqui, Omisk, Moscú, Shangai, Colombo, Alexandria, Berlim, Paris e Londres estão sobre essa rota circular. Em suma, há, no Hemisfério Norte, uma rota contínua, porque as terras são francamente contínuas e porque há, ao N do paralelo 30° N, grandes áreas convenientes ao florescer das civilizações modernas.

No Hemisfério Sul, ao contrário, há poucas terras ao Sul do paralelo 30° S e as comunidades aí residentes, escassas, são, em sua maioria, rebentos das do Hemisfério Norte. Aqui, certas rotas, tais como as projetadas via-ferrea Cairo—Cabo e estrada de rodagem pan-americana, só servem para inter-ligar comunidades do mesmo continente.

Porem, além de sofrerem a concorrência da navegação marítima, em ambos os lados dos respectivos continentes, não conduzem a nenhuma parte, as suas respectivas extremidades.

A Patagônia e a África do Sul são fins de terras. O cabo Horn são extremidades mortas.

As terras do Hemisfério Sul são curiosamente semelhantes em estrutura, possivelmente como consequência do fato de serem remanescentes de um antigo continente planalto, do qual há vestígios na África do Sul, na parte Leste da América do Sul e na parte Oeste da Austrália, separados uns dos outros por terras que se teriam afundado no Atlântico Sul e no oceano Indico.

As condições climáticas são, também, curiosamente semelhantes, não havendo grandes variações devido à ausência de grandes massas de terras.

As áreas onde o homem branco pode viver apresentam desertos a Oeste e uma faixa costeira, de vida, a Leste, esta particularidade sendo mais observável na Austrália.

Produzindo quase os mesmos produtos, as comunidades do Hemisfério Sul poucas oportunidades têm para comerciarem umas com as outras, sendo mesmo mais isoladas uma em relação às outras do que propriamente em relação à faixa circular do Hemisfério Norte.

Não há, de fato, uma faixa circular no Hemisfério Sul. Na vastidão dos oceanos, situados entre a América Meridional e a África do Sul, só encontramos ilhas insignificantes, raramente visitadas por navios, ou portadoras de nomes dos quais nunca se ouve falar.

Enquanto não abriram os canais do Panamá e de Suez e enquanto o tráfego mundial era, em sua mór parte, marítimo, uma corrente comercial considerável, se bem que de volume não muito grande, passava através do estreito de Magalhães e ao redor do cabo da Boa Esperança.

A importância da América do Sul e da África era maior, porque se situavam sobre rotas vitais de navegação marítima.

Porem, tão logo os canais foram abertos e se construíram as ferrovias transcontinentais, aquela importância diminuiu grandemente.

A Austrália não chegou mesmo a possuir as vantagens da América do Sul e da África do Sul. Destacada das terras da Ásia e delas separada por largas extensões e mares, não havia nem mesmo a necessidade de rodeá-la, nos tempos em que o mundo era circum-navegado.

Por isso, só tardiamente foi descoberta e jaz fora de toda rota comercial importante. Podemos dizer que a América do Sul, a Austrália e com maior razão da Nova Zelândia jazem nos confins da Terra.

E devido a isso, talvez, que os aborígenes da Austrália são em pequeno número. Não descoberta até o período da supremacia inglesa sobre os mares, a Austrália, daí para cá, tornou-se e permanece inteiramente britânica e "branca"...

A África do Sul esteve sempre mais aberta à colonização e ao comércio mundiais. Porém, nela, predominam as populações nativas. Estende-se somente até ao paralelo 35º S. Ocupada relativamente tarde, se bem que descoberta cedo, talvez prenda-se a esse fato a predominância de sua população nativa. É quase completamente dominada pelas potências marítimas. Já a América do Sul, descoberta e ocupada desde os Primórdios das descobertas, é essencialmente espanhola e portuguesa, em cultura, e relacionada, economicamente, com a faixa circular do Hemisfério Norte.

A verdade, então mais que evidente, é que as terras importantes do mundo, até agora organizadas em Países, jazem numa "faixa Norte de colonização e movimento".

Ligando-se a esta, encontram-se algumas orlas, méros apêndices, relativamente pouco importantes e dependentes, política e economicamente, em sua grande maioria, dos países daquela faixa.

E se nos lembrarmos desse novo fator de progresso — a Aviação — e que esta objetiva inter-ligar populações, para isso necessitando de campos de pouso, mais nos capacitaremos do domínio do Hemisfério Norte sobre o Sul, pois, naquêlo, as terras são quase contínuas e lá estão os grandes núcleos de populações.

Mais, a região ártica já está aberta ao tráfego aéreo, possibilitando, com as rotas transpolares mais curtas, maiores facilidades à navegação aérea e, portanto, à própria vida das populações do Hemisfério Norte. É verdade que a Aviação melhorou, também, a situação de isolamento dos apêndices do Hemisfério Sul, não só de uns em relação aos outros, como de todos em relação à faixa Norte referida. Os progressos da Aviação, principalmente os referentes à de carga (trens aéreos à base de planadores rebocados) tendem a fazer do mundo uma unidade, como nunca dantes. Mas essa unidade terá um centro ou zona de gravidade e esta estará sempre no Hemisfério Norte. Desçamos agora do quadro geral para o particular.

Focalizemos somente a América do Sul. Esta, vimos, pertence ao hemisfério menos importante. Sua localização é distante daquela referida "faixa de colonização e movimento".

E quanto mais para o Sul, maior é o seu isolamento. Não é por outra razão, compreendendo isso, que os argentinos procuram, por meio de uma política de comunicações perseverante, ligar-se a Assunção, La Paz, Lima e Santiago, procurando melhorar, através de meios artificiais, as suas condições naturais adversas.

Banhada pelos oceanos Pacífico e Atlântico Sul (a linha Natal — Dakar define, para o Almirantado norte-americano, a linha de demarcação entre o Atlântico Norte e o Atlântico Sul).

A América Meridional tem, a Leste, a sua costa marítima mais importante. A abertura do canal do Panamá, é óbvio, veio melhorar a situação da sua costa ocidental, porém é indiscutível que é no Atlântico que estão as rotas marítimas comerciais mais importantes do mundo.

Seja como fôr, tanto o Atlântico, como o Pacífico, só servirão à América do Sul para ligá-la mais à faixa circular do Hemisfério Norte do que à África ou à Oceania. Buenos Aires e Valparaíso serão sempre pontos terminais de linhas marítimas comerciais do Hemisfério Septentrional. Não haverá nunca grande interesse na rota circular no Hemisfério Sul. Ao contrário da América do Norte, que liga os oceanos por meio de suas vias férreas transcontinentais, a América do Sul, carecida de comunicações transversais, é uma barreira entre os oceanos. Aqui, haverá mesmo maior interesse em construir os caminhos troncos no sentido dos meridianos do que ao longo dos Paralelos.

Trata-se de fugir do isolamento, de aproximar-se o mais possível da "faixa Norte de colonização e movimento".

Quanto mais facilitarmos as comunicações com essa faixa, mais integrados estaremos nas correntes de vida importante do mundo, mais associados estaremos às mais avançadas civilizações, que lá predominam.

Dentro dessas idéias sobressai o papel de uma longitudinal ferroviária, ligando o Sul ao Norte do Brasil, passando pelo vale do Tocantins, por exemplo e fazendo de Belém o ponto de articulação entre as comunicações marítimas e as terrestres de todo o nosso imenso país e quiçá da América do Sul.

Essa estrada, verdadeira espinha dorsal do país, teria o grande papel de ligar o Brasil platino ao Brasil amazônico e faria de Belém o portão monumental de entrada e saída do comércio nacional e mesmo sul-americano.

Os produtos se distribuiriam, através de todo o Brasil, por meio de transversais que se irradiariam dessa grande longitudinal e permitiriam dar ao problema da unificação do território pátrio um sentido prático.

Conjugada com a mudança da capital política do país para a região do planalto central, inadiável providência que, cedo ou tarde, se concretizará, essa longitudinal estaria destinada a dar nova vida ao nosso vasto "Hinterland" e a dobrar o papel de Belém, já grandioso, de escoadouro natural de toda a imensa bacia fluvial amazônica.

Não há nenhum laivo de ousadia no afirmar-se que o delta do Amazonas está destinado a desempenhar um papel de relevo na civilização do Brasil do futuro.

Sendo a região importante mais septentrional do Brasil, olha diretamente para as grandes correntes marítimas comerciais do Atlântico Norte, as mais intensas e importantes do mundo.

Interessar Belém nessas correntes é um mágnio papel a desempenhar pelos estadistas porvindouros do Brasil. Quanto menos elas se desviarem para servirem à América do Sul, mais interessadas estarão. O sonho de um bom brasileiro é fazer de Belém um entreposto gigantesco, um ponto final, até certos limites, das linhas comerciais que visassem o Atlântico Sul, um ponto de descarga obrigatório (e, inversamente, de carregamento) de todos os produtos destinados à América do Sul e de onde, através da colossal rede fluvial amazônica e do sistema ferroviário que indicamos, tendo por base a longitudinal referida, conectada com os de outros países, se distribuíssem não só por todos os estados do Brasil, como por todos os países da América do Sul.

Com efeito, antes de ir mais longe no exame dessa longitudinal, vejamos a questão das distâncias:

- 1 — De Nova York ao Rio percorrem-se 4.770 milhas náuticas, ao passo que, de Nova York a Belém 3.375. A diferença para menos, em favor de Belém, é de 1.395 milhas náuticas.
- 2 — De Lisboa ao Rio percorrem-se 5.125 milhas náuticas, ao passo que, de Lisboa a Belém, apenas 3.875.

A diferença para menos, ainda em favor de Belém, é de 1.250 milhas náuticas.

- 3 — De Charleston a Belém e de New Orleans a Belém percorrem-se respectivamente, 3187 e 3437 milhas náuticas, ao passo que, de Charleston ao Rio e de New Orleans ao Rio, percorrem-se, respectivamente, 5937 e 6250 milhas náuticas.

Há, portanto, maior interesse, para o comércio, septentrional, em suas relações com a América do Sul, em articular-se em Belém do que no Rio ou qualquer outro ponto mais ao Sul. Isto ficará melhor evidenciado, comparando-se, para argumentar, as distâncias das rotas entre a América do Norte e o Velho Mundo e desviando-se-as, mais ou menos, para fazerem, de Belém, ou do Rio, um ponto de escala:

- 1 — A rota Nova York—Rio—Lisboa tem 9.895 milhas náuticas, ao passo que a dita Nova York—Belém—Lisboa tem apenas 7.250. Diferença, para menos, por Belém: 2.645 milhas.
- 2 — A rota Charleston—Rio—Lisboa tem 11.249 milhas náuticas, ao passo que a dita Charleston—Belém—Lisboa tem 7.062. Diferença, para menos, por Belém: 4.187 milhas. Para menos, por Belém: 4187 milhas.

3—A rota New Orleans—Rio—Lisboa tem 11.249 milhas náutica, ao passo que a dita New Orleans—Belém—Lisboa tem apenas 7.250. Diferença, para menos, por Belém: 4.250 milhas.

E evidente que a escala, por Belém, interessa mais às correntes do Atlântico Norte.

Para os portos meridionais da América do Norte, principalmente, Belém é um desvio relativamente pequeno, nas suas comunicações com o Velho Mundo (e vice-versa). Belém estaria, assim, destinada a exercer, na economia sul-americana, um papel comparável ao que exerce New Orleans na economia norte-americana, porém, em sentido oposto.

Enquanto que o grande porto da bôca do Mississipi, o segundo, em movimento, dos Estados Unidos, serve de empório para toda a vasta bacia do Mississipi—Missouri, na direcção do Norte, estendendo a sua influência até os Grandes Lagos, o Canadá e, praticamente, através de um colossal sistema ferroviário, que o serve, a todo o Norte do Continente, enquanto isso, repetimos, Belém serviria de empório para a América do Sul, não só na direcção de Oeste, pelo v.le amazónico, como, principalmente, na do Sul, pelas vias férreas.

E obvio que estas deveriam ser de 1.^a classe. A longitudinal que imaginamos, para desempenhar com eficiência o seu importante papel, deverá ser de duplo sentido, em bitola larga e, se possível, electrificada, aproveitando-se o potencial hidro-eléctrico dos numerosos saltos de nossos rios.

O problema do baixo Tocantins, onde escasseiam as quedas d'água, seria resolvido por outro sistema de tração moderno.

Descarregadas as mercadorias em Belém, o resto seria um "affaire" brasileiro. Porém, o mecanismo da distribuição só daria resultado se a ferrovia fôsse de alto rendimento, capaz de vencer a concorrência marítima nos fretes e no tempo de entrega.

Ora, a distância, até aos consumidores, pela ferrovia, é menor que a pelo mar, principalmente para os países mais ao Sul.

Essa circunstância influiria no encurtamento do tempo de entrega dos produtos, desde que a estrada obedecesse às condições que acima indicamos e desprezando-se a questão da baldeação, que se faria, de qualquer forma, tanto em Belém, como em qualquer outro Porto mais ao Sul.

Quanto aos fretes, parece-nos que os ferroviários venceriam os marítimos, desde que a estrada fôsse de alto rendimento e depois de ressalvado o custo de instalação.

Num sentido inverso, a longitudinal poderia servir de coletora dos produtos exportáveis, os quais, concentrados em Belém, aí seriam embarcados para além mar. Haveria, assim, fretes de ida e de volta.

As grandes correntes marítimas comerciais do Atlântico Norte passariam a se articular, pois, em Belém, colhendo o Brasil grandes lucros com a distribuição para toda ou grande parte da América do Sul, além do papel civilizador que um tão completo sistema ferroviário desempenharia em nossos sertões.

Com a sua capital mudada, o Brasil se desenvolveria do centro para a periferia, abrindo à exploração e ao comércio internacional as imensas riquezas naturais que, em estado potencial, jazem em seu interior e libertando-se do estado de indecisão periférica em que se tem mantido até hoje.

O Atlântico Sul seria um desvio para as correntes do Atlântico Norte. Seria nulo o seu papel? Absolutamente. Além de servir para o transporte de cargas, provenientes do Hemisfério Norte, cujo volume e peso, não compensassem os fretes ferroviários, serviria à navegação de cabotagem, ao intercâmbio comercial dos estados da costa Leste do Brasil, à união, enfim, do Brasil oriental.

Não desejamos ir longe neste assunto de fretes e transportes, pois o objetivo deste artigo é limitado ao que diz o título que o encima, porém, é fácil admitir uma discriminação de tráfego que se imporia por si mesmo, em virtude da força das leis de concorrência comercial: — a longitudinal ferroviária serviria ao tráfego de mercadorias de alto valor e de volume e peso relativamente reduzidos, tais como os produtos industriais, produzindo fretes compensadores; — a navegação marítima seria destinada aos produtos de características inversas, pagando fretes menores.

A navegação marítima desempenharia, assim, um papel apenas complementar dos transportes ferroviários.

Em conclusão, a posição da América do Sul é secundária, na geografia mundial.

Política e economicamente, sofre ela dependências e servidões, maiores aqui, menores ali, em relação aos países do Hemisfério Norte, principalmente quanto aos situados na bacia do Atlântico Norte. No Novo Mundo sobressaem-se, ao Norte, os Estados Unidos da América do Norte.

Distantes das lutas econômicas e políticas do Velho Mundo, podem desempenhar o papel de árbitros das disputas mundiais, atendendo ao seu elevado potencial material, econômico e moral.

Ao Sul, o Brasil tem a sorte de possuir um lugar privilegiado.

Com efeito, na América Meridional, todo o canto Noroeste está sujeito influência dos Estados Unidos, ou mais precisamente

às injunções da política de defesa do canal do Panamá; a costa ocidental oeste e Sul, a despeito daquêle canal, é a que está mais afastada das correntes marítimas comerciais importantes do mundo; a costa oriental Leste e Sul está melhor que a sua correspondente do Pacífico, porém ainda distante das correntes importantes.

Basta considerar que, de Nova York a Buenos Ayres, há 5.871 milhas náuticas e de Lisboa a Buenos Aires 6.416, enquanto que de Nova York e Lisboa, até Belém, respectivamente, 3.375 e 3.875 milhas náuticas, para vermos quão distante está Buenos Aires dos grandes centros do Hemisfério Norte e que sacrifícios importantes a sua ligação aquêles centros impõe ao comércio mundial.

E se considerarmos que, de Nova York a Lisboa há apenas 2.926 milhas náuticas, compreenderemos claramente porque os grandes portos do Hemisfério Norte se atraem mutuamente, ao mesmo tempo que discerniremos o desinteresse, para elles, de desviarem as suas rotas para os confins da América do Sul.

Ultimando o nosso exame, só no litoral Norte e Nordeste do Brasil situa-se a zona livre privilegiada da América do Sul, aquela que conjuntamente com a parte Noroeste da África constitue os limites Sul da grande bacia do Atlântico Norte, dessa bacia onde circulam os mais intensos feixes de rotas comerciais do mundo, interligando os mais importantes centros de civilização do Velho e do Novo Mundo.

Cabe aos brasileiros tirar partido dessa situação excepcional (dobrada pela situação relativa à navegação aérea), aproximando as suas linhas de comunicações, o mais possível, dêsse anfiteatro de vida, de forma a se integrarem nas correntes que nêle circulam. Isso executado, o Brasil, trabalhando pacificamente poderá levantar-se às culminâncias de potência de 1.^a grandeza, desempenhando o papel de compensar, na América do Sul, a influência dos Estados Unidos e de servir de grande emporio intermediário entre as potências do Hemisfério Norte e as Nações irmãs da América do Sul.

NOVOS TELS. 9-1181 e 9-1182

Chocolate GARDANO S. A.

Matriz :

RUA IPANEMA, 686/744

Telefones: 3-4165 e 3-4166

End. Telegr. "AQUILEA"

S Ã O P A U L O

Filial :

RUA DO SENADO, 184-B

Telefone, 22-1126

RIO DE JANEIRO

A INVASÃO DA EUROPA

Relatório do Marechal MONTGOMERY
(Continuação)

Trad. do Cap. OCTAVIO ALVES VELHO

○ Avanço através o Passo de Calais até Antuérpia e o Reno

— Preliminares —

A 26 de Agosto, dei ordens pormenorizadas para a conducta do avanço ao N do Sena. O 12.º Gr. Ex. deveria operar no flanco direito do 21.º Gr. Ex. e impulsionar o I Ex. Americano segundo a direcção geral *Paris — Bruxelas* a fim de instalar-se na região geral de *Bruxelas — Maastricht — Liège — Namur — Charleroi*.

A 1.º de Setembro o Comandante Supremo assumiu pessoalmente o comando e direcção dos Grupos de Exércitos, e deixei assim de ser, portanto, o comandante de todas as forças terrestres. Daqui em diante meu relatório referir-se-á sobretudo ao que diz respeito ao 21.º Gr. Ex. propriamente dito, isto é, às forças Britânicas e Canadenses, juntamente com os vários contingentes Aliados que com ele trabalharam.

Tendo em mira o desenvolvimento do plano estratégico, o objectivo fundamental após a transposição do Sena era, sem dúvida, a destruição do Exército Alemão.

Como resultado das conversações havidas entre o Comandante Supremo e eu, daí por diante a missão final do 21.º Gr. Ex. passou a ser o isolamento do *Ruhr*.

O problema de maior urgência consistia em impedir que o adversário se recobrasse do desastre sofrido na *Normandia*. Uma consideração de monta era a situação criada para os Servi-

ços pelo continuo alongamento das linhas de comunicações. Meu estado-maior de Serviços, entretanto, estivera reunindo meios de reserva durante o mês de Agosto, de molde a atender à perseguição. As remessas de material das bases metropolitanas haviam sido cortadas em 60 %, de forma a liberar uma enorme quantidade de meios de transporte da faina nas praias e portos em proveito da manutenção avançada.

Os encargos imediatos do 21.^o Gr. Ex. eram a destruição do inimigo no *NE* da *França*, a limpeza do *Passo de Calais* com suas posições de lançamento de bombas-voadoras, a captura de campos de aviação na *Bélgica* e a conquista de *Antuérpia*.

Entre 25 e 30 de Agosto, o II Ex. Britânico e o I Ex. Canadense atravessaram o *Sena*, e os quatro exércitos Aliados deram então início a uma progressão que deveria levá-los por fim ao *Reno* em uma frente assás extensa.

À direita, o III Ex. Americano, tendo-se concentrado a *E* de *Paris* (que fora libertada a 25 de Agosto), tocara-se para *E* em direcção a *Nancy* e *Verdun* na primeira semana de Setembro. Pouco depois uma outra coluna foi mandada para *SE* na direcção de *Belfort* para ligar-se ao VII Ex. Americano que se aproximava vindo de *Marselha*.

O I Ex. Americano avançou sobre o *Aisne* com sua ala direita dirigida para o *Grão-Ducado de Luxemburgo* e sua ala esquerda sobre o eixo geral *Mons — Liège*.

O II Ex. Britânico progrediu para *NE* na *Bélgica Central*, enquanto o I Ex. Canadense se ocupava em vasculhar a costa do *Canal*.

À esquerda, a 2.^a D.I. Canadense dirigiu-se directamente por *Tôtes* para *Dieppe*, entrando no porto na tarde de 1.^o de Setembro. O 2.^o C. Ex. Canadense continuou avançando em ritmo acelerado ao *N* do *Somme*, que atravessara a 3 de Setembro. A 3.^a D.I. Canadense correu sobre as defesas de *Bolonha* e *Calais* a 5 de Setembro, e os reconhecimentos efectuados evidenciaram que o inimigo tencionava disputar a posse de ambos esses portos.

Entrementes, o 1.^o C. Ex. prosseguia ao *N* do *Sena* a 1.^o de Setembro. Enquanto a 49.^a D.I. voltou à esquerda para o interior da península do *Havre*, a 51.^a D.I. marchou em linha recta sobre *St. Valery* e libertou a cidade a 2 de Setembro. As ações locais efetuadas a 3 de Setembro mostraram que o cuidadoso sistema defensivo do *Havre* se achava bem guarnecido. A 51.^a D.I. recebeu ordem para tomar a seu cargo o sector *N* do perímetro defensivo e deram-se os últimos retoques aos prepa-

rativos para o ataque. A 12 de Setembro o comandante da guarnição rendeu-se.

O 30.^o C. Ex. era a ponta de lança do avanço Britânico para o *N. Amiens* foi atingida a 31 de Agosto, entrou-se em *Bruxelas* a 3 de Setembro e na cidade de *Antuérpia* no dia seguinte. Este avanço impôs um extraordinário esforço administrativo. Nossas pontas de lança estavam sendo reaprovisionadas a cerca de 400 milhas [650 Km.] da base temporária da *Normandia*. O sacrifício máximo recaiu sobre os transportes rodoviários porquanto apenas curtos trechos ferroviários estavam disponíveis devido às destruições largamente realizadas. Contudo, todas as dificuldades foram superadas e manteve-se o ritmo da perseguição.

O avanço para o Mosa e o Reno

O Comandante Supremo determinou que nosso objectivo seria o estabelecimento de pontes em toda a extensão do *Reno*, e que não deveríamos ultrapassá-lo antes que *Antuérpia* ou *Rotterdam* pudessem ser utilizadas. Devido ao factor tempo, concordou-se que o 21.^o Gr. Ex. deveria arremessar-se sobre o *Reno* antes de terminar as operações de limpeza no estuário do *Scheldt*.

Minha intenção, agora, era estabelecer cabeças de ponte sobre o *Mosa* e o *Reno* em condições de facilitar posteriormente, quando possível, o nosso avanço para *E* a fim de ocupar o *Ruhr*. Dei ordens para antecipar para 6 de Setembro a partida do II Ex. da região de *Antuérpia-Bruxelas*, e a 11 de Setembro foi estabelecida uma cabeça de ponte sobre o *Mosa* e o *Canal do Escalda*. Já se sabia que o inimigo começava a reequilibrar-se e, por isso, acentuava-se a urgência de desencadear os golpes contra o *Reno*.

No domingo, 17 de Setembro, começou a batalha de *Arnhem*. A finalidade era transpor o *Mosa* e o *Reno*, e dispor o II Ex. numa posição adequada ao desenvolvimento posterior das operações em direcção ao *N*, face ao *Ruhr* e às planícies da *Alemanha Setentrional*. A investida sobre *Arnhem* desbordou o prolongamento *N* da Muralha Ocidental e quase atingiu um êxito completo.

A parte fundamental do plano consistia no lançamento de um "tapete" de tropas aero-terrestres através os cursos d'água do *Mosa* e do *Canal do Escalda* até o *Neder Rijn*, sobre a dire-

ção geral da rodovia *Eindhoven — Uden — Grave — Nijmegen — Arnhem*. As forças para o "tapete" aero-terrestre e a cabeça de ponte eram constituídas pelas 82.^a e 101.^a Div. Ae-ter. Americanas, pela 1.^a Div. Ae-ter. Americana e por uma Bda. Polonesa de Para-quedistas. Ao longo do corredor, ou "tapete" aero-terrestre, devia avançar o 30.^o C. Ex. Britânico para instalar-se ao N. do *Neder Rijn* com cabeças de ponte sobre o *Ijssel* face a E. Desde o início, contudo, predominaram condições atmosféricas adversas, e realmente, durante os oito dias vitais da batalha, houve apenas dois em que o tempo apenas permitiu um razoável apoio e transporte aéreos. Como consequência, as formações aero-terrestres não chegaram a ser completadas em seus efectivos (de facto, a 82.^a Div. Ae-ter. ficou sem um G.T. planadorista inteiro). Além disso, pensou-se em lançar a 52.^a Div., mas tal projecto teve de ser posto de lado. As missões de reaprovisionamento foram canceladas repetidas vezes, e quando chegaram a ser levadas a efeito só o puderam ser em escala muito reduzida.

Se se tivesse disposto de condições atmosféricas razoáveis, penso que a cabeça de ponte de *Arnhem* teria sido estabelecida e conservada.

Duas razões concorreram contra o nosso êxito em *Arnhem*:

- 1.^o — O mau tempo impediu reunir as forças necessárias na zona do esforço principal.
- 2.^o — O inimigo realizou uma concentração de forças extremamente rápida para se nos opor, e particularmente dirigida contra a cabeça de ponte além do *Neder Rijn*.

Em face desta resistência, o Gr. Ex. Britânico não era suficientemente forte no N para compensar a situação criada pelas condições meteorológicas intensificando o ritmo das operações terrestres. Não foi possível alargar o corredor com a rapidez necessária para reforçar *Arnhem* por terra.

A 25 de Setembro ordenei o retraimento da valerosa cabeça de ponte de *Arnhem*.

As importantes passagens em *Grave* e *Nijmegen* foram mantidas, e seu valor seria depois amplamente patenteado.

Na parte central da frente Aliada, pelos meados de Setembro, os I e III Ex. Americanos estavam se batendo na Linha Siegfried desde *Aachen*, através as *Ardenas* e a região de *Trier*, e para o S ao longo do curso superior do *Mosela*.

Na terceira semana de Setembro o 6.^o Gr. Ex. Americano, que desembarcara em *Marselha*, achava-se solidamente desdobrado à direita do 12.^o G. Ex. Americano; — a frente Aliada era continua até a *Suiça*.

Operações para a conquista de *Antuérpia*

O inimigo conseguiu de algum modo refazer-se. Percebeu-se isso não somente nas operações de *Arnhem*, como ainda em suas reacções ante as investidas Americanas na *Linha Siegfried*. Era mister prepararmo-nos para uma custosa e mortífera luta, antes que nos fosse dado apossarmo-nos do *Reno* e progredir através a *Alemanha*; impunha-se ainda a tarefa de abrir as entradas de *Antuérpia* antes da vinda do inverno.

Passou, por conseguinte, para primeira urgência, a limpeza do *Estuário do Scheldt*. Esta missão coube ao I Ex. Canadense e ocupou-o de Outubro até a primeira semana de Novembro. A resistência inimiga foi vigorosa, e alguns combates sumamente pesados tiveram lugar, conduzindo à operação final da captura de *Walcheren*. A redução desta fortaleza apresentou inúmeros problemas novos que foram resolvidos sobretudo pela excepcionalmente notável precisão dos aparelhos do Comando de Bombardeio, que abriram brechas nos diques e submergiram grandes extensões da ilha. A ampla utilização de engenhos anfíbios especiais habilitou nossas tropas a operar nos terrenos assim inundados. A capacidade da Marinha revelou-se esplendidamente nesta batalha, a despeito das inúmeras baixas que lhe forem causadas pelas defesas de costa e pelo mar tempestuoso. *Walcheren* foi finalmente evacuada pelo inimigo a 8 de Novembro.

Enquanto o I Ex. Canadense estava limpando as margens do *Scheldt*, o 1.^o C. Ex. na sua ala direita, juntamente com o 12.^o C. Ex. do II Ex., vasculhava o SW da Holanda até o *Rio Maas*; ao mesmo tempo o 1.^o C. Ex. protegia o flanco direito do 2.^o C. Ex. Canadense que agia em *Beveland* e *Walcheren*.

Logo que as operações do *Scheldt* e do SW da Holanda foram concluídas, o I Ex. Canadense tomou a si a parte N da zona de acção do 21.^o Gr. Ex., estendendo-se para E até *Middelaa*r, e assumindo assim a responsabilidade pela cabeça de ponte de *Nijmegen*.

Isto visava facilitar as operações do II Ex. que devia dispor-se face a E para avançar sobre a linha do *Mosa*. E ainda mais, este reagrupamento tinha outro objectivo: o I Ex. Britâ-

nico era necessário à montagem da batalha da *Renânia*, que devia ser desencadeada da área de *Nijmegen*; o II Ex. Britânico planejará o ataque subsequente através o *Reno*.

Nos princípios de Dezembro, o II Ex. Britânico estava disposto ao longo do *Rio Mosa*, estendendo-se para o S até *Maastricht*, aonde a frente atravessava o rio até a zona de *Geilenkirchen* e aí ligava-se ao IX Ex. Americano.

Nessa mesma época ficaram prontos os planos de reajustamento do 21.º Gr. Ex. para a batalha da *Renânia*.

Realmente algumas divisões estavam ainda deslocando-se para suas novas zonas de concentração, quando, a 16 de Dezembro, a contra-ofensiva Alemã irrompeu pelas *Ardenas*.

A Batalha das Ardenas

Não se percebeu imediatamente todo o valor da contra-ofensiva Alemã nas Ardenas; as péssimas condições de tempo haviam impedido um reconhecimento aéreo satisfatório e a concentração Alemã fora realizada em absoluto segredo. Todavia, a 18 estive conjecturando sobre as possíveis repercussões de um importante golpe inimigo em nossas disposições, pois o Grupo de Exércitos estava nesse momento transferindo seu centro de potência para a extremidade da ala *Norte*. Ordenei, então, que fosse suspensa a concentração para a batalha da *Renânia*, e que se tivessem planos preparados para desviar algumas divisões da região de *Geilenkirchen* para *W* do *Mosa*.

A 19, já estava exactamente definido o ataque Alemão. Sabia-se que o VI Ex. "Panzer S.S." estava impulsionado para *NW* na direcção de *Liège*, tendo à esquerda o V Ex. "Panzer" que executava uma volta mais ampla; o VII Ex. Alemão constituía o apoio. No mesmo dia o Comandante Supremo confiou-me temporariamente (a partir do dia 20) o comando dos I e IX Ex. Americanos, já que eles se encontravam na ocasião no flanco *N* do saliente Alemão, e, portanto, muito afastados da direcção do 12.º Gr. Ex. Americano.

A 19 ainda, ordenei ao Gen. DEMPSEY para deslocar o 30.º C. Ex. a *W* do *Mosa* para a linha geral *Liège-Louvain*, com patrulhas à frente ao longo da margem ocidental do rio entre *Liège* e *Dinant*. Este C. Ex. ficava assim convenientemente colocado para impedir a transposição do rio pelo inimigo, e podia cobrir as estradas que de *SE* conduziam a *Bruxelas*. Posteriormente tornou-se preciso, em coordenação com o reagrupamento

do I Ex. Americano, enviar algumas Divisões Britânicas para *E* do *Mosa*. Mas durante toda a batalha eu evitei a todo custo empregar forças Britânicas além do estritamente necessário; tivessem elas sido empregadas em maior proporção e um sério problema administrativo surgiria devido ao facto de suas linhas de comunicações atravessarem as zonas de acção de dois exércitos Americanos. Ainda mais, estava bem presente em meu espírito que, assim que o ataque Alemão fosse anulado, teríamos que retomar o mais rapidamente possível a questão da batalha da *Renânia*.

A batalha das *Ardenas* foi ganha primordialmente pelas magnificas aptidões para o combate do soldado Americano, e a posterior confusão do inimigo foi completada pela intensa acção aérea que se tornou possível logo que o tempo melhorou. O VI Ex. "Panzer S.S." quebrou-se de encontro à parte *N* do saliente, enquanto o V Ex. "Panzer" esgotou sua energia na feroz batalha em torno de *Bastogne*. O reagrupamento dos I e IX Ex. Americanos, auxiliado pelas formações Britânicas, possibilitou a rápida formação de um C. Ex. de reserva, compreendendo 4 D. I. Americanas, sob o comando do Gen. COLLINS. A acção deste C. Ex., coordenada com o avanço para o *S* do III Ex. Americano do General PATTON, espremeu as forças inimigas para fora do saliente e iniciou a amarga peleja que os expulsaria da *Linha Siegfried*.

O inimigo fora impedido de transpor o *Mosa* no momento oportuno. Desde quando as passagens do *Mosa* caíram em nosso poder, tornou-se cada vez mais evidente que chegara a ocasião de aproveitar a posição do inimigo em nosso favor. A projectada contra-ofensiva de HITLER terminou em uma derrota táctica, e os Alemães levaram uma surra em regra. Tão logo a situação estivesse esclarecida, eu poderia mandar novamente as Divisões Britânicas para o *N*, para as zonas de concentração que haviam sido preparadas em Dezembro.

A Batalha da Renânia

O objectivo principal dos Aliados na frente Ocidental continuava sendo o *Ruhr*. Uma vez que o *Ruhr* fosse isolado do resto da *Alemanha*, a capacidade do inimigo para prosseguir na luta desapareceria em curto prazo. Além disto, a finalidade de nossas operações era obrigar o inimigo a travar uma guerra de movimento operando nas planícies setentrionais da *Alemanha*.

Éra necessário inicialmente aproximar-se do *Reno*, em seguida transpor o rio e obter uma posição de partida conveniente para uma campanha de movimento durante a Primavera.

O inimigo ia muito mal; sofrera outra derrota de grandes proporções com pesadas perdas em homens e equipamento. Ainda mais, a grande ofensiva Russa do inverno estava agora em marcha, e nós não pretendíamos dar-lhe oportunidade para transferir forças para o Teatro Oriental.

As ordens do Cmt. Supremo ao 21.^o Gr. Ex. foram para que este se colasse ao *Reno*, de *Dusseldorf* para o N. O IX Ex. Americano continuava sob meu controle tático.

Antes de mais nada cumpria eliminar-se o saliente inimigo a W do *Rio Roer*, entre *Julich* e *Roermond*, o II Ex. concluiu este encargo a 28 de Janeiro. As Divisões interessadas, menos as tropas encarregadas de continuar mantendo a linha do rio, partiram imediatamente para o N para reunirem-se à concentração para a batalha da *Renânia*.

Esta batalha baseava-se em duas ofensivas convergentes entre o *Reno* e *Mosa*, com a finalidade de destruir as forças inimigas que encobriam o *Ruhr*. Pretendia-se, pela interdição aérea e com o emprego do máximo de forças disponíveis em terra, obstar a retirada inimiga para a margem oriental do *Reno*. Quanto a isto, logrou-se o mais lato sucesso.

O I Ex. Canadense recebeu ordem para lançar um ataque na direcção de SE, partindo da região da cabeça de ponte de *Nijmegen*, para encontrar-se com o IX Ex Americano cujo esforço se desenvolveria da área *Julich — Roermond* para NW.

Pensou-se, a princípio, em desencadear simultaneamente ambas as operações, porém o ataque para o S foi retardado. Na ocasião isso mostrou-se vantajoso para nós.

A data do ataque do IX Ex. Americano dependia da rapidez com que as Divisões Americanas pudessem ser libertadas de outros sectores da frente Aliada, já que o efectivo daquele Exército ia ser aumentado para 12 Divisões. Ora, a substituição dessas Divisões era função da situação no restante da frente. O 12.^o Gr. Ex. Americano estava ainda empenhado nas *Ardenas*, visando particularmente por a mão no sistema de diques do *Rio Roer* que controlava suas inundações. Enquanto o inimigo se mantivesse senhor de tais diques, estaria em condições de inundar a região assim como de impedir a transposição do rio. Mais para o S, a luta mais séria era no *Sarre* e no bolsão de *Colmar*: em ambas as regiões o inimigo conseguira sucessos locais.

O tempo permanecia angustiosamente incerto. Estava começando o degelo e, a par das inundações, ele arruinava nossas comunicações rodoviárias.

A concentração de divisões para o ataque do Exército Canadense terminou na primeira semana de Fevereiro. Tomaram-se cuidadosamente todas as medidas necessárias para reunir as forças empregadas em zonas de concentração tão reduzidas quanto possível, e também em despistar o inimigo sobre nossas intenções.

A 8 de Novembro partiu a ala *N* do movimento de pinça. O 30.^o C. Ex., sob o comando do I Ex. Canadense, atacou através a *Floresta de Reichswald* e o prolongamento *N* da Muralha Ocidental, com 5 D. I. em primeiro escalão, apoiadas por poderosas Forças Aéreas e mais de 1000 canhões. Este foi o começo de memorável batalha que, em violência e ferocidade, nada ficou a dever a qualquer outra em que nossas tropas tenham tomado parte nesta guerra.

Os Alemães depressa reuniram meios superiores a onze divisões equivalentes, incluindo 4 Div. Pára-quedistas e 2 Div. Blindadas; em particular suas tropas de pára-quedistas bateram-se maravilhosamente.

Entrementes, a situação estava melhorando em outras partes da Frente Aliada. As operações na região de *Colmar* haviam sido concluídas com êxito e os Alemães foram expelidos para além do *Reno* no extremo *S* da frente Aliada; no sector do *Sarre* a situação estabilizara-se. Acima de tudo isto, porém, o VI Ex. "Panzer S.S." fora transferido para a Frente Oriental para se opor à avassaladora ofensiva Russa. A concentração de divisões Americanas no âmbito do IX Ex. Americano fora realizada com notável rapidez, através longas distâncias, utilizando estradas e trilhas incríveis e sob um tempo medonho.

A investida Americana estava prevista para começar entre 10 e 15 de Fevereiro, mas, no último instante, antes de abandonar os diques do *Roem*, o inimigo realizou destruições que deram saída às águas e tudo ficou inundado. Seguiu-se então um período de ansiosa expectativa, com as tropas arrumadas para a batalha, enquanto a água mostrava-se suficientemente poderosa para impedir a transposição. A 23 de Fevereiro o IX Ex. Americano, sob o comando do General SIMPSON, começou o ataque para o *N* em direção à área em que o I Ex. Canadense travava uma batalha de extraordinária intensidade. Por causa do retardo no desencadeamento do ataque dirigido para o *S*, a batalha de *Reichswald* atraiu a força inimiga da zona do IX

Ex. Americano. Os Americanos aproveitaram-se ao máximo desta oportunidade e avançaram com admirável velocidade; isto, por sua vez, aliviou a pressão no *N*.

Como o IX Ex. Americano se voltou para o *N*, o I Ex. Americano recebeu do Cmt. Supremo a responsabilidade de proteger seu flanco *S*; as acções na direcção de *Colonia* relacionavam-se assim directamente com nossas operações.

Os pontos capitais da batalha da *Renânia* foram a desesperada e frenética resistência do inimigo que, como eu esperara, aceitou a batalha a *W* do *Reno*, e em segundo lugar as assustadoras condições meteorológicas. A ala *N* da operação de *Reichswald* deslocou-se principalmente graças ao emprego de vários tipos de veículos anfíbios; de um modo geral, a lama e a sujeira foram indescritíveis e emperraram enormemente o movimento das tropas e dos suprimentos através as zonas densamente boscosas e sumamente desprovidas de estradas.

A 3 de Março os dois exércitos deram-se as mãos; os Americanos estavam em *Geldern*, e a 35.^a D.I. do 16.^o C. Ex. estabeleceu contacto com a 53.^a D.I. nas saídas *N* da cidade. Mas só no dia 10 é que a cabeça de ponte do inimigo em *Wesel* foi liquidada.

O 21.^o Gr. Ex. estava agora alinhado junto ao *Reno*, tendo seu flanco *S* em *Düsseldorf*.

O inimigo sofrera novamente tremenda derrota. Perdeu mais de 100 000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros. Dezoito divisões e um grande número de unidades improvisadas foram batidas.

*

A BATALHA DO RENO

Considerações gerais

A 7 de Março, após veloz arrancada, o I Ex. Americano tomou intacta a ponte ferroviária de *Remagen* e logo em seguida tratou de constituir uma cabeça de ponte na margem oriental do rio. A repercussão desta cabeça de ponte sobre o prosseguimento de nossas operações jamais poderá ser suficientemente enaltecida. O inimigo reagiu incontinente e avultado número de suas unidades remanescentes foi canalizado às pressas para esse sector.

Na mesma ocasião o III Ex. arremeteu sobre o *Reno*, em *Coblença*, e depois formou uma cabeça de ponte a *SW* desta ci-

dade, sobre o *Rio Mosela*. A 15 de Março, tropas Americanas lançaram-se dessa cabeça de ponte para o S e de *Trier* para E, enquanto o VII Ex. Americano atacava na direcção N entre o *Reno* e *Sarrebruck*. Ao mesmo tempo que o VII Ex. pelejava obstinadamente ante as defesas da *Linha Siegfried*, aí aferrando as tropas Alemãs, colunas blindadas do III Ex. irromperam sobre a retaguarda das posições destas. A resistência a E do *Mosela* esfarelou-se, o *Sarre* foi envolvido e as cidades renanas de *Meinz* e *Worms* foram capturadas.

Na terceira semana de Março os Exércitos Aliados haviam cerrado sobre o *Reno* em toda a sua extensão.

*

Durante o próprio desenrolar da batalha da *Renânia* foram sendo regulados os pormenores para a transposição do *Reno*. Já em Dezembro haviam sido iniciados os preparativos concernentes à Engenharia e aos Serviços, antes da contra-ofensiva das *Ardenas*. Esse trabalho preparatório incidiu preliminarmente no que dizia respeito às ferrovias e rodovias essenciais às nossas linhas de comunicações através o *Mosa* e o *Reno*. Outrossim, nos depósitos do II Ex. foram estocadas cerca de 130 000 toneladas de material para as operações vindouras. Daí poder o 21.º Gr. Ex. dar início à transposição do *Reno* quinze dias apenas após o término da batalha da *Renânia*.

Essa quinzena de intervalo, porém, foi de estrénua actividade. As unidades foram reajustadas no dispositivo conveniente, cobertas por uma cortina de tropas instaladas na margem do rio; nuvens de fumaça densas e continuas foram utilizadas para ocultar ao inimigo nossas intenções e os derradeiros arremates.

A 9 de Março emiti ordens para que o *Reno* fosse transposto ao N do *Ruhr*. Era minha ideia conquistar uma cabeça de ponte, para efectuar operações destinadas a isolar o *Ruhr* e desembocar nas planícies setentrionais da *Alemanha*.

*

Síntese do Plano de Manobra

Em resumo, meu plano consistia em atravessar o *Reno* com dois exércitos em primeiro escalão, entre *Rheinberg* e *Rees*, empregando o IX Ex. Americano à direita e o II Ex. à esquerda. O objectivo inicial principal era o importante centro de comunicações de *Wesel*. Eu pretendia estender suficientemente a cabeça de ponte para o S de molde a cobrir essa cidade contra a acção terrestre do adversário, e para o N de sorte a englobar

locais para o lançamento de pontes em *Emmerich*; a profundidade da cabeça de ponte deveria ser tal que fornecesse espaço bastante para a reunião de forças consideráveis a serem posteriormente lançadas para *E* e *NE*.

Marquei o dia 24 de Março para início da operação. A batalha da *Renânia*, contudo, não findou antes de 10 de Março, de maneira que foi extremamente escasso o tempo disponível para a montagem do ataque através o maior obstáculo fluvial da *Europa Ocidental*. O factor de suprema importância era ir no encalço do inimigo o mais rapidamente possível, e isto foi conseguido graças principalmente à previsão e ao planeamento prévio dedicados durante alguns meses à preparação desta batalha.

A largura do *Reno*, em nossa frente, variava entre 400 e 500 jardas [370 e 460 m], mas na enchente podia alcançar entre 700 e 1200 jardas [640 e 1100 m]. A velocidade média da corrente era de uns 3½ nós [54 m/min]. O leito do rio era constituído de areia e cascalho e contava-se que ofereceria uma boa superfície de sustentação para os carros anfíbios e os cavaletes das pontes. Seu curso era controlado por um aperfeiçoadíssimo sistema de diques, de que o maior tinha, de um modo geral, 60 pés [18 m] de largura na base e uns 10 a 16 pés [3 a 5 m] de altura, constituindo respeitável obstáculo.

Embora nossas operações de Fevereiro houvessem sido severamente prejudicadas pelas inundações, as águas desciam rapidamente e o terreno estava secando bem depressa.

O IX Ex. Americano compunha-se dos 13.º, 16.º e 19.º C. Ex., num total de 3 DB. e 9 D.I. Para as fases iniciais da operação, aos 8.º, 12.º e 30.º C. Ex. do II Ex., adicionaram-se o 2.º C. Ex. Canadense e o 18.º C. Ex. Ae-Ter. Americano, este último compreendendo as 6.ª e 17.ª Div. Ae-Ter. Americanas. O efectivo do II Ex., assim, totalizava 4 D.B., 2 Div. Ae-Ter., 8 D.I., 5 Bdas. Blindadas independentes, 1 Bda. de "Commandos" e 1 Bda. Inf. independente. A 79.ª D.B. apoiava a operação com todos os seus recursos em engenhos blindados especializados e engenhos anfíbios.

O apoio aéreo seria assegurado por uma tremenda massa de bombardeiros pesados diurnos e noturnos, bombardeiros médios e Forças Aero-táticas.

As 15 30 hs. de 23 de Março, estando favorável o tempo, determinei que se encetasse a operação.

O ataque partiu na noite de 23 de Março e, na manhã seguinte, todas as 4 divisões atacantes (51.^a, 15.^a, 30.^a e 79.^a Div. Americanas) e 1 Bda. de "Commandos" (Britânica) haviam efectuado a transposição inicial entre *Rheinberg* e *Rees*. A chave da transposição era o vital nó de comunicações de *Wesel*, que foi capturado pela Brigada de "Commandos" depois de um violento ataque aéreo executado pelo Comando de Bombardeio [da R.F.A.].

Na manhã de 24, o 18.^o C.Ex. Ae-Ter. Americano, com suas 6.^a e 17.^a Div., lançou-se na margem *E* do *Reno*, ao alcance de apoio da nossa artilharia da margem *W*.

A reacção contrária foi inicialmente mais forte no flanco *N*, onde 3 Div. de Pára-quedistas [Alemãs] haviam sido concentradas. Mas, de um modo geral, suas possibilidades de manobra estavam grandemente reduzidas pelo maciço programa de interdição aérea iniciado vários dias antes do ataque. As tropas aero-terrestres beneficiaram-se ao máximo da incapacidade do inimigo para desencadear contra-ataques eficazes, e em breve estavam em ligação com as tropas amigas que transpunham o rio. As cabeças de ponte Britânica e Americana dentro em pouco estavam soldadas.

Alguns feitos épicos da Engenharia foram registrados durante o trabalho nos "ferry-boates" e a construção de pontes sobre o rio. É interessante salientar que a Marinha Real manteve-se na linha de frente com as embarcações que haviam vindo a reboque pelas rodovias através a *Bélgica*, a *Holanda Meridional* e a *Renânia*.

Agora achávamo-nos aptos a penetrar nas planícies do *Norte da Alemanha*. Era motivo de real satisfação constatar como estavam se concretizando os planos concebidos ainda antes de se chegar ao *Sena*.



A progressão para o Elba e o Báltico

Em quatro dias estava pronta a nossa cabeça de ponte sobre o *Reno* e a 28 de Março principiava a progressão para o *Elba*.

Na ala direita, o IX Ex. Americano estava orientado para a região de *Magdeburgo* — *Wittenberge*. No centro, o II Ex. deveria avançar com sua ala esquerda dirigida para *Hamburgo*. Na ala esquerda do dispositivo, o 2.^o C.Ex. Canadense, depois de ultrapassar a cabeça de ponte do II Ex., rebater-se-ia para o *N*, ao longo do *Reno*, a fim de desbordar *Arnhem* e desimpedir as

estradas que dessa região levavam para o *N*. Ulteriormente, o 1.º C. Ex. Canadense transpôs o rio à viva força em *Arnhem* e penetrou na *Holanda Ocidental* para estabelecer uma flanco-guarda entre o *Reno* e o *Zuider Zee*.

O inimigo tentava desesperadamente congregar o que lhe restava para se opor à nossa progressão. O esforço dessa resistência pronunciou-se no *Canal Ems-Dortmund*, face à ala esquerda e ao centro do II Ex., travando-se então uma luta encarniçada. Entrementes, na zona do IX Ex. Americano e na da ala direita do próprio II Ex., o avanço foi bem ligeiro.

A 3 de Abril o IX Ex. Americano atingiu o *Weser* na região de *Minden* e ligou-se ao I Ex. Americano que partira da cabeça de ponte de *Remagen*: — o *Ruhr* estava envolvido.

O IX Ex. Americano retornou ao comando do 12.º Gr. Ex. Americano; os dois exércitos ianques prosseguiram na limpeza do *Ruhr* e ao mesmo tempo enviaram elementos para *E*, sobre o *Elba*.

A subsequente actuação do 21.º Gr. Ex. é comparável ao avanço através o *NW* da França. As linhas de comunicação Alemãs, orientadas de *E* para *W*, até o mar, foram sucessivamente cortadas, e lançaram-se "ganchos de direita" (24) para cercar o inimigo. As unidades da ala esquerda avançaram para o litoral tendo em vista completar esta tarefa.

O 2.º C. Ex., do II Ex., transpôs o *Weser*, perto de *Minden*, a 5 de Abril, seguido poucos dias depois pelo 12.º C. Ex., um pouco mais para o *N*, e que prosseguiu pela margem *E* numa arremetida que o levou até aos arredores de *Hamburgo*. Esta ampla conversão acarretou a dissolução do inimigo que fazia frente à ala esquerda, e enquanto o 30.º C. Ex. fingia *Bremen* pelo *S*, um "gancho" (24) lançado mais a montante do rio entrou na cidade por *E*. *Bremen* caiu no fim do mês.

O I Ex. Canadense progrediu substancialmente e em meados de Abril libertara a maior parte do *NE* da *Holanda*. Nesse interim, o 1.º C. Ex. Canadense cobrira nosso flanco na *Holanda Ocidental* e isolara a grande guarnição inimiga aí existente.

A progressão principal em direcção ao *Elba*, prosseguiu sobre *Luneburgo*, que foi atingida a 18, e nossas forças começaram a cerrar sobre a margem *S* do rio, face à cidade de *Hamburgo*. O *Elba* foi atravessado a 29 de Abril e as pontas de lança investiram imediatamente sobre *Lubeck* de forma a fechar a península do *Schleswig-Holstein*. Simultaneamente, deslocando-se por es-

trada de nodagem, um C. Ex. Ae-ter. Americano de 2 Divisões, juntamente com a 6.^a Div. Ae-ter. Britânica, constituiu uma flanco-guarda face a *E*, na linha *Darchau — Schwerin — Wismar*.

Uma vez transposto o rio, nossas operações praticamente não mais encontraram oposição. O plano para desbordar *Hamburgo*, por uma manobra análoga à empregada em *Bremen*, estava em plena execução quando, a 2 de Maio, os Alemães apresentaram-se para negociar a rendição. Através o *Elba*, a região estava coalhada de soldados e refugiados Alemães, que tentavam ao mesmo tempo escapar ao nosso avanço e ao dos Russos, com os quais entramos em ligação a 2 de Maio.

As negociações iniciadas em *Hamburgo* deram lugar a que, a 3 de Maio, DOENITZ (25) enviasse representantes seus ao meu Quartel General Tático (26), que estava localizado no *Chapadão de Luneburgo*. Nessa ocasião determinei uma parada em nossa progressão a fim de organizar uma posição de cobertura face a *Hamburgo* e *Lubeck*. Continuavam em curso alguns combates contra os remanescentes Alemães nas penínsulas de *Cuxhaven* e *Emden*.

A delegação Alemã que veio ao meu Q.G. era chefiada pelo Almirante-General VON FRIEDEBURG, Comandante em Chefe da Marinha Alemã. Fazia-se acompanhar do General KINZEL, Chefe do Estado-Maior do Marechal de Campo BUSCH, e do Vice-Almirante WAGNER. Percebi desde logo que não tinham vindo negociar realmente a rendição incondicional das suas tropas na minha zona de acção, e sem demora fiz-lhes ver que não discutiria outro qualquer assunto. Aproveitei, não obstante, a oportunidade, para mostrar a VON FRIEDEBURG a carta da situação, de que ele parecia não estar bem a par, e isto contribuiu para convencê-lo da posição insustentável em que se encontravam os Alemães. Regressou então para propor a DOENITZ a rendição incondicional da totalidade das forças navais, terrestres e aéreas Alemãs face ao 21.º Gr. Ex. Na tarde de 4 de Maio, VON FRIEDEBURG tornou a vir ao meu Q.G. e assinou o instrumento de rendição incondicional daquelas forças.

Foi dada a ordem de "Cessar fogo", na zona de acção do 21.º Gr. Ex., às 0800 hs. de 5 de Maio.

No próximo número: *Recapitulação e Comentários — Conclusão.*

ÉCOS...

Um camponês americano escreveu um dia, a um filho que trabalhava longe, uma longa carta de exortação e coragem, na qual havia o seguinte trecho:

"Meu filho, em todas as empresas da tua vida, trata de ser como um sêlo do correio, que se gruda a uma coisa e não a abandona enquanto não a conduz ao seu destino definitivo."

Ora, a vontade é a alavanca do mundo moral, como já se disse algures. Há vontade e vontade, como diria Molière. Há a vontade explosiva, que incha e cresce num esforço heróico e extraordinário, e que é capaz de todos os impossíveis "num dado espaço de tempo. E há a vontade tranquila e serena feita de esforços infinitesimais, que aumenta um pouco todos os momentos, e que dura séculos, ou eternamente; que ganha uma energia imperceptível a cada instante, e que no decorrer dos tempos se transforma numa força continua formidável, que zomba do espaço, da dificuldade e do tempo, e que acaba sempre por vencer: é a tenacidade.

... Nós, soldados, precisamos de construir um Exército que seja como o tecido de finas malhas de aço dentro da estrutura física, intelectual, moral e artística duma grande nacionalidade como a nossa — e para dar-lhe ao mesmo tempo que flexibilidade resistência.

E vós, brasileiros, precisais, antes de tudo, convencer-vos de que uma organização armada dentro do país é ainda, nos tempos que correm, uma necessidade imprescindível. E ainda mais, que é preciso tirar a este país o aspecto amorfo de monte de terra frouxa, que êle tem, excelente para fins agrícolas, mas impotente contra as enxurradas sociais, para dar-lhe a textura de uma construção de cimento armado, que desafia temporais.

(Techos do editorial de "A Defesa Nacional" de 10 de Novembro de 1913).

Ora, dizemos nós, as gerações passam, e as verdades e os bens conselhos, embora sabidos ou esquecidos por uns, são sempre novos para muitos. E às vezes, também atuais...

BOLETIM

A CHAMADA DE OFICIAIS DE CAVALARIA PARA A E.A.O.

O E.M.E. resolveu deste ano em diante, aumentar de 30 para 40 o número de oficiais de cavalaria chamados para a E.A.O.

Esta medida se vinha impondo e era uma aspiração dos oficiais novos desta arma que se julgavam injustiçados pela desproporção de seu número para com o das outras armas.

Infelizmente a decisão não foi tomada em tempo e apenas dois oficiais puderam usufruir suas vantagens.

Impõe-se a chamada de 50 por turnos, a E.A.O. comporta e não se atraza uma turma de oficiais, talvez dos mais idealistas, pois que escolheram uma arma, segundo a opinião geral, embora erronea em plena decadência; esta é a seiva que o Exército não pode desprezar e para com os quais tem deveres que não deve facilmente abjurar.

ESTÁGIO NOS EE.UU.

A viagem aos EE.UU. para os primeiros alunos melhor classificados nos cursos da E.A.O. é um critério que vem merecendo, aplausos gerais; deste se fazem arautos particularmente aqueles que se empenham na luta cotidiana apenas com as armas de seu próprio esforço.

Si por um lado a medida vem merecendo elogios generalizados, por outro, não podem acompanhá-lo os oficiais de cavalaria que não possuem o curso de motomecanização — pois, foram excluídos pela razão que aquele país não possui cavalaria hipomóvel.

A viagem aos EE.UU. faz bem à cultura de um oficial seja qual for sua arma, sejam quais forem seus cursos, por isso os oficiais de cavalaria esperam que esta medida seja ainda reconsiderada pela nossas altas autoridades.

POSTOS DE SUBSISTÊNCIAS EM VÁRIOS BAIRROS DA CAPITAL

A Imprensa noticiou e a Defesa se faz eco porque julga esta medida um imperiosa necessidade.

A política açucareira a serviço do Brasil

Estímulo à maior produção canavieira — Aplicação de lucros comerciais em obras de assistência social — Vantagens para a economia nacional decorrentes do consumo do álcool-motor — Milhões de cruzeiros economizados pelo país

1946 foi um ano de mercantes actividades para o Instituto do Açúcar e do Alcool. Além dos serviços relacionados com a aplicação da política açucareira, sabidamente agravados pela situação excepcional que atravessa a economia nacional como consequência da guerra, teve a autarquia que fazer frente a uma onda de derrotismo, destinada a alcançar do Governo a supressão pura e simples dessa mesma política. Houve não só que anular ataques desfechados neste sentido como, sobretudo, esclarecer a opinião quanto às verdadeiras condições da economia canavieira. Tanto num como noutro sentido foi eficiente a atuação do I. A. A. No primeiro, logrou desfazer as campanhas empreendidas, em todas elas fazendo sobrepair a linguagem estatísticas dos factos indiscutíveis; no segundo, informou, com segurança, a opinião, à qual forneceu elementos de juízo suficientes para autenticar como imperativa da economia canavieira e, pois, da economia nacional a preservação da actual política de equilíbrio estatístico no sector açucareiro e alcooleiro.

ATENDENDO AS NECESSIDADES DO CONSUMO

No decorrer do ano, a produção, tanto de açúcar como de álcool, se desdobrou de acordo com os planos elaborados no começo da safra. Houve, é certo, dificuldades de ordem comercial, que continuaram a prejudicar a distribuição do produto, com reflexos negativos sobre o normal abastecimento das populações, e outras que impuseram, no último trimestre, a elevação do preço do açúcar. Cabe considerar, no entanto, que, ao terminar os doze meses de 1946, o abastecimento se encamin-

hava de forma animadora para a normalização, sendo que na capital do país as filas do açúcar desapareceram por completo, e também, que o preço justo assegurado aos lavradores e usineiros atuou como decisivo elemento de estímulo à maior produção canavieira.

Com a renúncia do Sr. Barbosa Lima Sobrinho ao cargo de delegado do Banco do Brasil junto à Comissão Executiva do I. A. A., foi nomeado para substituí-lo Sr. Esperidião Lopes de Farias Júnior, em seguida eleito presidente da autarquia açúcareira. Ao tomar posse do cargo, o novo presidente definiu a sua orientação como destinada a alcançar a ampliação contínua do consumo do produto industrializado e a sua circulação tendo como base a expansão constante da produção industrial conduzida, principalmente, dentro dos preceitos do aperfeiçoamento técnico. Posteriormente, em entrevista ao "Correio da Manhã", o presidente do I. A. A. anunciava o seu propósito de encaminhar a realização de um plano que permitisse o aumento da produção nacional, dentro de um critério susceptível de atender as necessidades imediatas do consumo, sem encerrar os riscos da superprodução que acabaria por levar, novamente, a indústria açúcareira à situação ruínosa de 1929, que tantos tributos impôs à Nação.

PARA UMA PRODUÇÃO DE 23 MILHÕES DE SACOS

Essa orientação de estímulo à produção tomou forma de lei em setembro, quando o Presidente da República assinou decreto-lei determinando procedesse o I. A. A. à revisão geral das quotas de produção de açúcar de usina tendo em vista: a) — as exigências do consumo; b) — os índices de expansão da produção de açúcar de cada unidade federada; c) — os déficits verificados entre a produção e o consumo dos Estados importadores; d) — o reajustamento das usinas sub-limitadas. Determina, mais, o citado decreto-lei que, na distribuição dos aumentos de quotas que forem fixados para cada Estado o I. A. A., depois de reajustar as usinas sub-limitadas, providenciará a concessão de quotas e engenhos turbinadores para sua transformação em usinas e a fundação de novas fábricas.

No intuito de atender às determinações do texto legal, o I. A. A., utilizando estudos realizados oportunamente pelas suas secções técnicas, estabeleceu as novas quotas de produção de açúcar de usina, as quais somam um total de 22.471.207 sacos. Para se avaliar a significação desta cifra, cumpre com-

pará-la com o da produção autorizada até aquela data, no total de 18.226.498, das quais 17.283.781 sacos às antigas usinas e 942.717 às novas. Como se vê, a política açúcareira vai permitir, em futuro próximo, um aumento de cerca de quatro milhões de sacos na produção de açúcar de usina, a qual na safra de 1940 somou 12.660.358 sacos.

Evidentemente, algum tempo será necessário para se atingir esse resultado, pois é indispensável não só montar novas instalações fabris ou ampliar as já existentes, como também tratar do desenvolvimento das lavouras canavieiras que não se improvisam e exigem tempo certo para suprir de matéria prima as fábricas. Cabe considerar, no entanto, que o consumo actual está assegurado pela produção prevista para a safra 1946/47, no total de 17.422.000 sacos de açúcar de usina. O abastecimento tende a se normalizar com a regularização dos meios de transportes e a entrada em produção de novas fábricas. É preciso, finalmente, considerar que o plano de expansão da produção açúcareira, acima referido, foi elaborado de sorte a acompanhar o desenvolvimento do consumo que se vem fazendo sentir nos últimos tempos, não só em virtude do desenvolvimento demográfico do país, como também devido a elevação do poder de compra de amplos sectores das populações brasileiras.

AS EXPORTAÇÕES E O DESTINO DOS LUCROS RESPECTIVOS

Empenhado em defender o mercado interno, o I. A. A., em julho, avocou a exclusividade do comércio de açúcar para para o exterior. Se o açúcar exportado pela autarquia estiver em poder do produtor ou das cooperativas, o resultado financeiro da operação lhes pertencerá; se se encontrar em mãos de intermediários, estes receberão o valor do produto acrescido das margens permitidas pelo I. A. A., revertendo ao produtor os lucros provenientes da operação; caso, porém, não seja possível identificar o produtor ou produtores do açúcar em poder dos intermediários, os lucros finais da operação serão distribuídos aos órgãos locais de defesa da produção açúcareira, onde os houver, ou destinados a obras de assistência social nos centros de produção de origem.

Com esta acertada providência, o I.A.A. alcançou três objectivos: evitou exportações susceptíveis de comprometer o

abastecimento interno, impediu a pressão dos especuladores e deu função social relevante ao lucro proveniente das exportações possíveis. Exemplo deste acerto foi a venda de uma partida de açúcar "instantâneo" para o Uruguai, a qual deixou um lucro líquido de um milhão e novecentos mil cruzeiros. Esta importância foi distribuída em Minas Gerais, Estado produtor do açúcar, para fins de assistência social: quinhentos mil cruzeiros serão empregados na construção de um hospital em Ponte Nova, para trabalhadores da indústria e da lavoura canavieiras os restantes entregues às associações beneficentes das zonas produtoras indicadas pelo Interventor Federal no Estado.

O CARBURANTE NACIONAL

A produção de álcool continuou a se desenvolver, assim como o respectivo consumo, para fins industriais e de mistura à gasolina importada. O volume total produzido no ano civil de 1945, parte do qual integra 1945/46, foi de 107.465.463 litros de álcool, dos quais 22.797.973 litros de álcool anidro. A política do álcool motor em 1945, último ano sobre o qual se dispõe de cifras totais, determinou a produção de 111.242.247 litros de carburante nacional, para cuja formação foram utilizados 36.133.748 litros de álcool anidro. O valor a bordo, da gasolina substituída pelo álcool na mistura subiu a mais de quinze milhões de cruzeiros, importância que o país economizou com essa bem ajustada política de estímulo ao carburante nacional.

Quanto à qualidade da mistura, vale dizer da eficiência da juntada de álcool à gasolina, pode-se apontar, entre diversos outros factos marcantes, a prova automobilística "Subida da Tijuca", na qual os carros vencedores queimaram misturas de álcool em proporções diversas. Para tais resultados técnicos muito tem contribuído a orientação seguida pelo I.A.A., empenhado em assegurar as melhores condições de eficiência para o combustível nacional. O álcool motor hoje dá vida a um dos grandes parques industriais do Brasil, o alcooleiro, para cuja movimentação foram concentrados capitais de centenas de milhões de cruzeiros.

Colaboram neste número:

Gen. Teófilo Araripe
Ten. Cel. Adalberto Fialho
Ten. Cel. J. B. Mattos
Ten. Cel. Adalberto P. dos Santos
Ten. Cel. J. H. Garcia
Major Paulo de Queiroz Duarte
Major Arold Ramos de Castro
Major Tacito L. Freitas
Major Joaquim Gomes
Cap. Walter dos Santos Meyer
Cap. A. Bragança
Cap. E. Ruas Santos
Cap. José Codécchia Lopes
Cap. Octavio Alves Velho
Cap. Manoel Torres Castelo Branco
Ten. J. Pitombo Cavalcanti
Arnaldo Pires



Cr\$ 8,00